

22

UFPE | PROEXT

Publicação Étnico Racial

Série comemorativa de 10 anos da lei 10.639

A África Fora de Casa
Sociabilidade, trânsito e conexões
entre estudantes africanos no Brasil

Ismael Tcham



A África Fora de Casa

Sociabilidade, trânsito e conexões entre os estudantes africanos no Brasil

UFPE | PROEXT

Publicação Étnico-racial

Série comemorativa de 10 anos da Lei 10.639

A África Fora de Casa

**Sociabilidade, trânsito e conexões entre
os estudantes africanos no Brasil**

Ismael Tcham



PROEXT
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

Reitor: Anísio Brasileiro de Freitas Dourado

Vice-Reitor: Prof. Sílvio Romero de Barros Marques

Pró-Reitor de Extensão: Prof. Edilson Fernandes de Souza

Diretora de Extensão Acadêmica: Maria Christina de Medeiros Nunes

Diretor de Extensão Cultural: Prof. Marcos Galindo

Coordenador de Gestão da Extensão: Demócrito José Rodrigues da Silva

Coordenadora de Gestão da Produção Multimídia e Audiovisual: Jowania Rosas de Melo

Coordenador de Gestão da Informação: Prof. Wellington Pinheiro dos Santos

Coordenadora de Gestão Organizacional: Eliane Aguiar

Coordenação Geral:

Prof. Edilson Fernandes de Souza e Maria Christina de Medeiros Nunes

Comissão Organizadora:

Prof. Edilson Fernandes de Souza, Maria Christina de Medeiros Nunes, Djanyse Barros de Arruda Mendonça, Professor Wellington Pinheiro dos Santos

Revisão:

Os textos são de responsabilidade dos autores.

Projeto Gráfico:

Margarida Correia Lima

Diagramação:

Isabela Freire e Filipe Neri

Ilustrações da Capa:

Ayodê França

Impresso nas oficinas gráficas da Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco Av. Acadêmico Hélio Ramos, 20, Cidade Universitária, em outubro de 2012.

Diretora da Editora: Profa. Maria José de Matos Luna

Catálogo na fonte: Bibliotecária Kalina Ligia França da Silva, CRB4-1408

T249a Tcham, Ismael.

A África fora de casa : sociabilidade, trânsito e conexões entre os estudantes africanos no Brasil / Ismael Tcham. – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2013.
132 p. : il. – (Coleção Etnicorracial).

Originalmente apresentada como dissertação do autor. (Mestrado – UFPE. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Antropologia, 2012) sob o mesmo título.
Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-415-0319-8 (broch.)

1. Antropologia. 2. Intercâmbio educacional – África. 3. Intercâmbio educacional – Brasil. 4. Educação multicultural. 5. Integração social. 6. Programas de intercâmbio de estudantes. I. Título.

301 CDD (23.ed.)

UFPE (BC2013-170)

*A minha família,
pela compreensão e o estímulo
em todos os momentos.*

Apresentação da Coleção

A caminho da África!

Até o fechamento desta coleção, somos a única Universidade brasileira que concentra o maior número de títulos publicados, em um só tempo, num só lugar, sobre as relações étnico-raciais e grupos sub-representados. Assim, consolidamos uma discussão pautada por ocasião dos dez anos da Lei 10.639/2003 e inovamos com a abertura para pesquisadores de todo o País, para que pudessem publicar seus escritos, dissertações e teses, na nossa Editora Universitária, com o investimento da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Pernambuco.

Apoiar publicações acerca dos saberes étnico-raciais – seja no campo da cultura, história, religião ou da dinâmica organizativa dos segmentos que apostam na versão afro, indígena, migrantes e imigrantes do desenvolvimento brasileiro – é um desafio acadêmico, mas, sobretudo, um desafio político e administrativo que transpõe a burocracia, que muitas vezes tem impedido o avanço e a elevação institucional aos patamares dignos de um patrimônio público, para fazer valer os direitos de todos ao conhecimento, como um princípio fundamental da alteridade.

A Coleção Étnico-racial, seja na versão das comunidades indígenas ou afro, na perspectiva dos migrantes ou imigrantes, penetra fundo suas raízes na exposição das subjetividades humanas e recoloca uma instituição como a UFPE num patamar bastante elevado do conhecimento científico e de outros saberes, feitos e refeitos por homens e mulheres que conhecem bem as causas inevitáveis das barreiras sociais e o preconceito

institucional; ao tempo em que as estruturas governamentais esquecem ou não querem de fato financiar as obras incontestas que falam de maneira afirmativa ou denunciante, que afetam os segmentos menos favorecidos da sociedade brasileira.

Já imaginava a importância de termos um edital com esse escopo para abarcarmos escritos densos e tão comprometidos com uma causa histórica e sociológica, mas não imaginava a dimensão pan-africana de mostrar ao mundo o que nós somos capazes de realizar quando tratamos dos nossos princípios identitários afro, indígenas, japonesas, regionais e outras subjetividades. Do mesmo modo, a importância do reposicionamento de uma produção do conhecimento a partir da história e da cultura, para atendermos a uma legislação federal no alargamento da formação de muitos professores do ensino básico e também superior.

A ideia da coleção veio de um “relance” ao abrirmos uma das sessões do Cineab, promovidas pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, e, prontamente, no mesmo dia, foi formatada por um edital público de alcance nacional. O resultado desta série, agradecemos a todos que compõem o corpo técnico da Pró-reitoria de Extensão, especialmente a diretora de Extensão Acadêmica, Maria Christina de Medeiros Nunes e ao coordenador Demócrito José Rodrigues da Silva, que rapidamente compreenderam a dimensão inovadora das publicações, compraram a ideia política e traduziram institucionalmente no mesmo momento.

Invenções à parte, agora mais do que nunca, a UFPE entra para o rol das instituições que não têm preconceitos na produção e circulação de ideias étnico-raciais, que demarcam outros paradigmas mais enraizados com a formação social brasileira, seja no desenho teórico-metodológico, seja no conteúdo produzido por pesquisadores e militantes dos movimentos sociais.

Guiné-Bissau, setembro de 2013.

Edilson Fernandes de Souza

Pró-reitor de Extensão da UFPE

Agradecimentos

Ao longo desta minha trajetória acadêmica que corresponde o mestrado e das etapas precedentes, muitos foram os momentos de realizações positivas, percalços, agruras e alegrias e, muitas ocasiões de emoções fortes e contraditórias que terminavam às vezes com lágrimas nas madrugadas aquecidas de saudades de tudo que me pertencia. São quase (10) dez anos vivendo como “peregrino de saber”. Apesar da distância com o solo pátrio nunca vivi solitariamente esta aventura.

Pois, admito ser uma vivência rica em experiências, procedimentos e condutas na busca pela educação superior que levo como uma lição em minha orientação na vida social e acadêmica. O meu agradecimento vai, pois, para todos aqueles que, mais do que me ajudaram e seguem ajudando-me, longe ou perto, estando sempre ao meu lado.

Os meus sinceros votos de gratidão também vão, para aqueles que, mais do que transmitiram o conhecimento, sempre me incentivaram na procura da Sabedoria, aquela que não se aprende nos livros...

Citar nomes agora pode ser extremamente arriscado, de modo que, posso correr o risco de deixar alguém injustamente esquecido. Ainda assim, gostaria de fazer alguns agradecimentos específicos:

Ms^a Juliana Holanda, Prof. Dr. Moises de Melo Santana, Prof. Dr. Antonio Freitas a vocês um “obrigado” especial por se fazerem sempre presentes e me darem, continuamente, força

para prosseguir.

Ao Prof. Dr. Antonio Mota, a quem agradeço pelas oportunidades que me ofereceu em participar de vários congressos, encontros, cursos e seminários. Agradecimento especial pelo apoio, a orientação excelente e as conversas, que mais do que esclarecer ou fornecer pistas de investigação, foram autênticas de “terapias” para renovar energias e continuar o trabalho.

Deste sempre procurei que o mestrado não fosse uma aquisição egoísta de conhecimentos, mas que constituísse, desde a primeira aula até a última linha da dissertação, uma forma de melhor servir a sociedade e principalmente população pesquisada.

Para finalizar, agradeço a receptividade de todos interlocutores traduziu-se num importante fator de incentivo ao longo de toda a realização desta dissertação, tendo mesmo levado à criação de laços de amizade, de forma que, por altura da minha aprovação no processo seletivo de doutorado recebi no meu facebook seus correios desejando felicidades. Espero que este trabalho constitua um instrumento, ainda que muito pequeno, possa proporcionar às nossas universidades e gestores dos países signatários dos acordos de cooperação educacional um maior debate para despertar na direção de uma efetiva inserção do diferente, identificado neste caso, pelos palopianos vinculados ao Programa Estudante Convênio de Graduação.

Introdução

O objetivo principal deste trabalho é compreender lógicas de sociabilidade, configuração e reconfiguração identitárias dos estudantes africanos vinculados ao Programa Estudante Convênio de Graduação-PEC-G a partir das suas vivências temporárias em duas cidades nordestinas: Recife e Maceió.

O Brasil é um exemplo inscrito na história de como os lugares de encontro de culturas diferentes se tornam privilegiados na observação de culturas em movimento. As identidades na sociedade global se movem cada vez mais na direção e na aceitação de sociedades interculturais, onde se evidenciam uma interação de várias identidades étnicas e culturais.

Esta realidade social em que diversos grupos co-habitam em uma única sociedade nacional, compartilhando visões do mundo ligados as crença e aos valores, de uma certa forma, faz parte do continente africano cujas dinâmicas sociais e culturais de diversas tradições ancestrais também abrangem quase o mundo inteiro através do processos de deslocamento forçado dos seus filhos para várias partes do planeta.

Cabecinha e Cunha (2008, p. 7) lembram que estamos diante de uma realidade cultural contemporânea e dinâmica que escapa a qualquer tentativa de definição demasiado fechada. Neste sentido, o intercultural deve ser visto como adjetivo, que nesse conceito existe de processual.

Apesar desta dinâmica social, as lógicas identitárias

permanecem intimamente ligadas aos lugares, costumes, às tradições, aos hábitos, aos valores e crenças de um determinado povo ou grupo, de modo que quando um sujeito se desloca, ainda que seja temporariamente, de seu *habitat* simbólico original, isso de alguma forma causa um certo desenraizamento de convívio familiar e de sua cultura de origem, o que, em certa medida, acarreta no mínimo insegurança, podendo levar a um processo contínuo de socialização, reconfiguração da identidade e hábitos a partir de outras referências culturais e de dinâmicas sociais.

A par desta percepção, e com base na minha trajetória acadêmica no Brasil, enquanto estudante africano oriundo da República de Guiné-Bissau, tornou-se evidente que a circulação dos africanos no Brasil, fundamentado nos acordos de cooperação-técnica, acadêmica e cultural, inclui fatores sociais e diversas situações subjacentes que se combinam para distinguir a circulação internacional destes atores sociais em meio a um processo crescente e mais amplo de mobilidade contemporânea, estimulada pela globalização e pela internacionalização do ensino superior. Estes acordos constituem uma real metáfora da interdependência planetária contemporânea, cuja capacidade de acolhimento de quem desembarca, pelo país que o recebe e da sua estratégia de integrá-lo no novo circuito social são indicadores que permitem examinar o grau de abertura de uma sociedade em relação ao que lhe é “estranho”, não apenas acolher o “estranho”, mas também apelar à transformação mútua a partir do encontro de diferentes grupos.

A vinda dos estudantes dos países africanos de língua portuguesa para o Brasil tem características peculiares que podem não ser percebidas ao levar em conta apenas a tendência contemporânea da circulação de pessoas em todas as partes do mundo, propiciada pelos inúmeros fatores: comércio, turismo, religião, etc. Mas, ao invés disso, torna-se interessante se tomarmos como ponto de partida principalmente o passado que liga o continente africano ao Brasil.

Um passado que poderia ser narrado, tomando como ponto de partida o próprio início da humanidade isto é, “*África como o berço da humanidade*”. Mas interessa-nos neste estudo apenas parte desta história que acabou deixando marcadores culturais indelévels das Áfricas na sociedade e na cultura brasileira. Convém ressaltar que tais marcadores culturais, ancoradas, sobretudo na cor da pele negra da parte significativa da população brasileira, assim como sua condição histórica subalterna é ainda hoje a razão para discriminar o negro no Brasil independentemente da sua origem nacional. Discriminação que se manifesta corriqueiramente de forma verbal e lúdica e que é também perceptível pelos estudantes no cotidiano da sociedade brasileira.

Com efeito, muitos estudantes africanos, vinculados ao PEC-G, tornaram-se alvo de relações raciais e de racismo no meio acadêmico que frequentam, embora parte significativa da população deste país se reconheça no continente africano o berçário da sua afrodescendência. A compreensão deste fato também tem sido uma estratégia discursiva fundamental assumida pela Diplomacia Brasileira na retomada recente dos interesses do Brasil em relação aos países africanos e destes com o Brasil.

Muitos estudiosos nacionais e internacionais interessados em acompanhar a ação brasileira na África denominam tais processos de uma reaproximação ou da “diplomacia cultural”. A diplomacia brasileira acredita que haverá uma natural receptividade dos africanos às iniciativas e ações da política internacional brasileira pelo fato do Brasil possuir certas afinidades culturais com aquele continente, resultando-se na solidariedade cultural e política, o que pode explicar em parte a presença dos jovens estudantes oriundos das Áfricas nas universidades brasileiras.

Há mais de meio século que os africanos, nomeadamente os de Países Africanos de Língua Portuguesa (PALOP), livremente vêm para o Brasil com a esperança e um sonho individual e familiar para realização de suas formações acadêmicas, cujo processo é articulado no interior de uma estrutura

diplomática político-discursiva tomando inicialmente a história como fundamento para o renascimento dos interesses brasileiros na África, facilitado pelos interesses e necessidade de fortalecimento de ações de desenvolvimento sustentável social e econômico dos governos africanos.

Para o Brasil, a África seria um ponto estratégico para sua inserção e afirmação internacional, enquanto os africanos vislumbram no Brasil uma multiplicidade de oportunidades de cooperação para o desenvolvimento em todas as áreas. É comum ouvir um jovem em Bissau expressar a dúvida entre ir realizar um curso superior no Brasil ou em Portugal. Todavia, pelo crescente aumento da presença de jovens estudantes oriundos dos PALOP nas universidades brasileiras vinculados ao Programa Estudante Convênio de Graduação-PEC-G pode justificar em tese a preferência destes pelo Brasil em relação à Portugal.

A maciça presença dos estudantes palopianos, sobretudo no Nordeste do Brasil, gerou o nosso interesse e a oportunidade para ampliar e aprofundar a compreensão sobre esse contingente de jovens estudantes que se deslocam para a referida região, aproximando-se de seus diversos universos sociais reconstituídos nessa diáspora, assim como de suas relações de sociabilidade, de solidariedade, conflitos e contradições implícitos.

Para que isso fosse possível organizou-se o presente estudo em (3) três partes adotando um conjunto de procedimentos metodológicos com o intuito de especificar a escolha desta população, assim como o campo teórico, e disciplinar a abordagem deste trabalho cujo desdobramento encontra-se no tópico intitulado de **Perspectiva metodológica adotada**, onde se propõe apresentar o problema da pesquisa e justificar a sua pertinência, bem como explicar também a razão da escolha teórica diversificada e de abordagem multidisciplinar, com foco em teoria interacionista, assim como adoção da estratégia de observação e a coleta de informação no campo sobre a temática estudada. Não obstante, os trabalhos desenvolvidos sobre a circulação internacional dos estudantes africanos

no mundo, e em especial no Brasil, com fins de estudos são escassos, já que as poucas referências existentes não focalizam as especificidades na base das quais determinados acordos acadêmicos se assentam.

A Parte 1 desta monografia é dedicada, aos processos de deslocamento de populações africanas no interior do continente ou mesmo além dos limites das fronteiras políticas impostas na Conferência de Berlim, ocorrida em 1884, que serviu para redefinir alguns aspetos do mapa colonial dos finais do século XIX. As fronteiras nacionais em África nasceram da imposição desta conferência, criando um estado orgânico colonial imposto pelas potências colonizadoras. No início do século XX, a África estaria completamente recortada e dividida por países. O fato que também cria dificuldades em traçar as rotas de deslocamento dos africanos em direção as Américas e em particular para o Brasil, constituindo um aspecto da realidade histórica e cultural cuja complexidade ainda é debatida.

Atualmente os acordos acadêmicos também celebram novas formas de circulação de cidadãos de vários países africanos pelo mundo e para o Brasil. Vale lembrar que no Brasil o convênio educacional inicia-se desde 1919, com a presença de estudantes estrangeiros nas escolas brasileiras. No contexto europeu, a circulação internacional para fins de estudos está presente desde a Idade Média e no contexto africano a circulação dos alunos das escolas corânicas, os chamados *marrabus*, remonta ao século XVII e marca uma das primeiras formas de mobilidade de pessoas com fins de estudos na África. No plano econômico, discorreu sobre a redefinição da diplomacia brasileira em relação à África.

Na Parte 2 ocupamo-nos, através de diversas abordagens, em demonstrar o quanto as experiências de mobilidades de pessoas são férteis aos processos de reconstrução identitárias através da interação, sociabilidade e a trocas simbólicas. Com efeito, os estudantes vão se envolvendo num vagaroso processo de inserção cultural nas cidades acolhedoras e vão formalizando projetos pessoais mediante a interação com os “outros”.

A presença dos estudantes africanos nas universidades brasileiras é uma tendência que cresce a cada ano e evidencia aspectos sociais desafiadores nos quais os estudantes revelam por meio de narrativas com destaque às questões que vão desde a ausência de um suporte oficial de acolhimento, acesso à moradia, até a regularização da permanência no Brasil, e questionam a permanência de normas regidas que regulam a vivência dos conveniados no Brasil: o tempo da permanência no Brasil, a escolha do curso e de universidade, inserção, formação e o retorno. Possibilidades de redefinição de suas relações com as instituições e seus processos de sociabilidades e integração no universo acadêmico.

Outro fato contemplado nesta parte do trabalho são as narrativas de intercambistas relativas às representações no Brasil sobre a África, em especial no Nordeste.

Na Parte 3 analisamos as formas de organização social dos estudantes do PEC-G nas suas respectivas cidades. Procuramos em linhas gerais “dar conta” de dimensões subjacentes caracterizadoras da mobilidade e das vivências dos estudantes africanos nas duas Instituições de Ensino Superior do Nordeste do Brasil: a Universidade Federal de Pernambuco e a Universidade Federal de Alagoas. Para tal, enfocamos os aspectos das motivações e trânsito no Brasil, e das impressões acerca da integração em cada cidade, Recife e Maceió, onde se localizam os campi.

A pesquisa apoiou-se em alguns estudos de caso sobre os estudantes africanos vinculados ao PEC-G das outras regiões do Brasil, por exemplo, do sociólogo senegalês Pascal Kaly e do moçambicano Carlos Subuhna, que reforçaram a nossa compreensão da presença africana e seus conflitos no Brasil, conflitos esses às vezes gerados entre si, ou seja, entre grupos nacionais que se evidenciam com clareza nos palcos de interações como nas festas africanas e nos torneios de futebol organizados regularmente pelos próprios estudantes.

Nesta parte do trabalho optamos também por apresentar as informações obtidas no campo onde os interlocutores

revelam suas percepções sobre o meio social em que vivem nas cidades, as universidades em que estudam e ainda sobre os obstáculos e benefícios esperados do convênio, festas e dificuldades de estar “fora de casa” e de conviver com “outros”, processos de discriminação racial e da dura rotina acadêmica nesta diáspora bem como as expectativas de sucesso e reconhecimento profissional em seus países de origem, ou em outros mercados onde possam exercer atividades profissionais nas suas áreas de formação.

Finalmente, o último tópico, denominado de Considerações Finais serve como síntese de diferentes olhares e percursos dos entrevistados nesta diáspora, abrindo novas perspectivas para pesquisas futuras.

Perspectiva metodológica adotada

Nesta dissertação adotou-se o estudo de caso, para averiguar os processos de reconfigurações identitárias dos estudantes africanos oriundos dos países da língua portuguesa/PALOP vinculados ao Programa Estudante Convênio de Graduação – (PEC-G) da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE e da Universidade Federal de Alagoas/UFAL¹. A proposta do estudo visa responder questões como: o que acontece com os estudantes africanos nas cidades do Recife e Maceió? E como descobrir de que modo este trânsito afeta as suas identidades e visões de mundo? Para tentar responder as questões levantadas acima, decidiu-se realizar a pesquisa somente com os estudantes oriundos de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa-PALOP.

Tal medida deve-se, em primeiro lugar, ao fato deles corresponderem ao maior contingente de estudantes africanos no Brasil, se confrontado com número de estudantes oriundos de países africanos francófonos e anglofonos. Em segundo lugar, a escolha dos palopianos deve-se, em certa medida, pela razão de possuírem entre si um “histórico colonial comum” e, em terceiro lugar, por escolherem o Brasil para realizar seus estudos, um país marcado pelos laços históricos que ligam

¹ Doravante passar-se-á a denominar os estudantes oriundos do PALOP-(Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), genericamente de palopianos.

às antigas colônias de Portugal, o que por si, constitui uma dimensão significativa a ter em conta.

A propósito houve também a preocupação de restringir a pesquisa aos estudantes vinculados ao Programa /PEC-G, por estes representarem concretamente os acordos bilaterais entre o Brasil e os PALOP. Com efeito, pretendeu-se com este estudo dar uma pequena contribuição no sentido de encontrar uma resposta parcial das questões supracitadas sob o ângulo de quem passa pela experiência da vivência estudantil noutra país na sua dimensão íntima e humana, assim como outras questões que se colocam sobre a circulação dos estudantes africanos no Brasil.

Desse modo as opções metodológicas adotadas, derivaram-se diretamente da especificidade dos atores sociais a serem estudados, dos objetivos anunciados e dos pressupostos teóricos que os informam. Neste sentido, optou-se desde o início pelo enquadramento teórico diversificado e de abordagem multidisciplinar, com foco em teoria interacionista, enquadramento que possibilitou desenvolver simultaneamente uma estratégia de observação e a coleta de informação no campo sobre a temática em estudo.

Um dos teóricos utilizados foi Goffman (1993), que ressalta a importância de entenderem-se as interações entre indivíduos enquanto construções discursivas que se relacionam, intrinsecamente, com as esferas mais amplas do social, do político, e de formações ideológicas e culturais dentro de um processo que retrata o macro-social nas manifestações interacionais dos falantes, e vice-versa.

A perspectiva analítica interacionista Goffmaniana, privilegia a experiência vivida dos indivíduos, interpreta o funcionamento da sociedade à luz das interações e procura entender o que essas interações significam para a construção mental e prática das realidades sociais. Goffman (1967, p. 2) advoga que seus estudos interacionais “estão focados num aspecto geral de interesse dos etnógrafos”. Seguindo a tradição de Goffman, colhemos narrativas que evidenciam

as interações entre diversos grupos de estudantes africanos. A perspectiva estruturalista se faz presente neste trabalho para enriquecer o presente estudo, sobretudo por opor-se à interpretação da realidade na perspectiva interacionista².

A corrente teórica estruturalista prioriza as estruturas sociais em relação às escolhas individuais, diminui as ações e interações sociais à estrutura social e entende-as como um conjunto de padrões de relacionamento, dotados de uma existência própria e independente dos indivíduos ou grupos que nela ocupam posições. Segundo Bourdieu (1990, p. 9, 21) o real, na concepção interacionista, seria o que as pessoas definem como tal, isto é, o mundo social é reduzido às representações que dele fazem os agentes, e então a tarefa das ciências sociais consistiria em produzir uma explicação das explicações produzidas pelos sujeitos sociais.

Ao optarmos por este campo de pesquisa o leitor poderia questionar-se se haveria algo de novo num campo empírico que tão bem o observador conhece, como neste trabalho, por exemplo. Se haveria, de fato, interesse em discutir e analisar as consequências sociais da vivência dos estudantes africanos no Nordeste do Brasil, região que apresenta na sua formação social o maior índice populacional com descendência africana. Neste sentido, partimos do pressuposto de que “a vinda dos africanos ao Brasil a partir da abolição da escravidão” não só tem interesse como há necessidade de ampliar estudos sobre ela.

Todavia, não se quer ter a pretensão de contar a “nossa própria história”, nem descobrir respostas imediatas para um problema complexo, mas procura-se trazer a lume as implicações sociais resultantes de decisões ou conjunto de decisões tomadas, histórias de atores sociais envolvidos interações e sociabilidades que dela resultam, e resultados de estar com o “outro” no recinto deste. A escolha pelo estudo de caso como método de pesquisa para esse trabalho foi julgada como sendo a mais adequada, por ser capaz de levar em conta diversos pontos de vista, ao levar em conta que um objeto pode ser uma unidade que se analisa, uma entidade ou um

2 GOFFMAN, E. *Interactional Ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Anchor Books, 1967. Disponível em <http://www.taddei.eco.ufrj.br/AntCom/RodriguesJr.pdf>. Acesso realizado em 20 de novembro de 2011.

programa. Evidencia-se como um tipo de pesquisa com forte cunho descritivo na qual o pesquisador pode não pretender intervir sobre o fenômeno, mas conhece-lo tal como ela aparece.

Para Becker (1993, p. 107) um estudo de caso não precisa ser apenas descritivo. “Pode ter um profundo alcance analítico, pode interrogar a situação, pode confrontar a situação com outras já conhecidas e com as teorias existentes”. Para esse autor, o estudo de caso pode ajudar a gerar novas teorias e novas questões para as futuras investigações, e destaca a pesquisa qualitativa como um dos princípios característicos. É uma investigação que se assume como particularística, debruçando-se sobre uma situação específica, procurando descobrir o que há nela de mais essencial. Consiste na observação detalhada de um contexto e de um acontecimento específico (o caso). Requer a observação de diversas variáveis, de modo a comparar e constatar com outros casos e é interativo (BECKER, 1993, p. 108).

Portanto, foram depois destas orientações teórico-metodológicas, facilitadas pela intimidade travada com o campo, que a pesquisa foi possível de ser desenvolvida. Houve, contudo, o cuidado de manter um diálogo sempre aberto com os nossos interlocutores, explicando-lhes o objetivo da pesquisa e fazendo com que eles intervissem nas discussões. Mas, somente as estratégias de observação participante e as de investigação de tipo intensivo-qualitativo permitiram uma aproximação à intimidade dos estudantes palopianos.

Partindo desses princípios, o objetivo era fazer falar os interlocutores o mais descontraída e livremente possível. Tal maneira de falar colocou os interlocutores num esforço de fazer funcionar a memória. Um recurso que a Antropologia legitima como a forma pela qual as pessoas dão sentido as suas experiências vividas e interpretam seu mundo (CALDEIRA, 1989, p. 29). No entanto, o recurso à memória pode possibilitar muito mais, à medida que permite descortinar situações de conflitos, festas, jogos, e outros eventos sociais, bem como os processos de construções de identidades, uma vez que

memória e identidade encontram-se imbricadas, pois o processo de memorização possibilita reconstruir e redefinir continuamente as identidades, tanto individuais quanto coletivas dos grupos:

“A memória é algo vivo e como tal encontramos armazenadas nela uma série de lembranças ‘precisas e completas’ de eventos presenciados e vivenciados. É claro que ela é seletiva e, por outro lado, na recuperação da história vivida, a história presente servirá de parâmetro. Realmente, pode-se falar com propriedade numa dialética própria da memória, à medida que o passado é referencial para orientar nossos passos no presente e o presente serve como ponto de referência para uma releitura, interpretação e atribuição de sentido ao passado” (BERNARDO, 2007, p. 32).

Na mesma direção Caldeira (1989, p. 21) ressalta o aspecto social da memória, aponta a memória de um grupo social como produzida socialmente, não se tratando apenas de uma produção coletiva: ela associa o passado ao presente, trazendo experiências do grupo que as interpretam e reinterpretam o passado, usando essas interpretações para dar sentido à sua experiência presente e legitimar diferentes interesses. Assim, as visões sociais do passado não são fixas, mas sujeitas a reinterpretções, as quais o presente e as condições sociais do grupo mudam.

Entrevistas pouco estruturadas deram oportunidade à espontaneidade de diálogo e negociação. Com efeito, o resultado foram treze (13) histórias de atores que participam do PEC-G na UFPE e na UFAL, cada uma delas com suas origens, trajetórias e circunstâncias únicas. Para a entrevista, adotou-se uma sequência temporal, de modo a propiciar uma evolução espontânea dos nossos interlocutores do passado para o presente, e do presente para o futuro.

No que diz respeito ao passado, procurou-se explorar memórias, marcas, sentimentos de pertença, motivações em estudar no Brasil e outras questões. Buscou-se saber a relação de atores com o país de destino, e concretamente com o local de estudos, ainda no país de origem, assim como os

conhecimentos, expectativas, redes sociais e meios sedutores, e suas, diferenças sentidas ao desembarcar, primeiras impressões, facilidades e dificuldades enfrentadas no destino. Com efeito, permitiu nossos interlocutores a reconstrução do passado, não somente por meio da fala, como também nos comportamentos revelados involuntariamente.

Convém ressaltar que além das entrevistas, houve circunstâncias de interações informais com os interlocutores, assim como com outros membros do PEC-G e de seus colegas brasileiros/as, que permitiram complementar a nossa busca por meio da observação direta e participativa nos eventos férteis e de manifestações ricas de simbolismo de valores e visões diferentes de mundo.

As entrevistas em Recife e Maceió foram realizadas no período de férias acadêmicas entre Janeiro, Fevereiro e Março de 2011. Tiveram uma duração média de uma hora e meia. Quase todas as entrevistas ocorreram no recinto doméstico dos interlocutores, na intimidade da casa, favorável também à nossa observação, já que permite o pesquisador inteirar-se de como o país de origem ou a pertença cultural é reconfigurada no interior do lar, assim como captar a absorção da cultura local.

As restantes aconteceram em espaço público, no bar restaurante Nova Kis, em frente à Padaria Universitária, na Avenida General Polidoro, bairro Cidade Universitária, em Recife, num dia de domingo, no silêncio de um bar quase vazio. Outro aspecto interessante foi a possibilidade de alguns entrevistados falarem em crioulo; recurso que Nícia Tavares, de Cabo Verde, residente em Maceió, adicionou estrategicamente à sua fala para ativar a memória de tempos de convívio com a família.

Outros critérios foram empregados para selecionar os entrevistados. Um deles foi o de tempo de estadia no Brasil. Esse critério justifica-se fundamentalmente pelo menos em duas perspectivas: cultural e teórica.

A primeira baseia-se no fato de determinadas culturas

africanas privilegiarem o fator tempo ou a idade de uma pessoa. Nestas culturas acredita-se que o conhecimento, a experiência de vida somente vem com a idade, ou tempo de permanência em determinado lugar. Os primeiros a chegarem ao Brasil são também a memória do grupo; aqueles que enfrentaram uma infinidade de acontecimentos. “Quando um velho morre é uma biblioteca que desaparece”, dizia o poeta Maliano Amadú Ampatê Bá³. Desta forma se associa a idade, ou os anos vividos num determinado lugar, à sabedoria. Os primeiros que aqui desembarcaram são os que primeiro ouviram falar da Serra da Barriga e assistiram pela televisão a aprovação da Lei 10.639 / 03, e os debates sobre as cotas para Negros no Brasil.

A segunda refere-se às vertentes teóricas que reconhecem a existência de uma sócio-dinâmica própria na relação entre quem estava e quem chegou, conforme defende ELIAS e SCOTSON, (1994). O comportamento de quem está “fora de lugar” pode variar de acordo com a fase em que estiver, defende (MACHADO, 2002, p. 36). Contudo, houve cuidado em selecionar os entrevistado/as em etapas diferentes da chegada ao Brasil, os mais antigos estão no Brasil há 3 (três) ou mais de 4 (quatro) anos. Os entrevistados mais recentes estão na etapa inicial de intercâmbio, chegaram há menos de 2 (dois) anos.

Convém informar que no momento inicial do estudo, em que se tentou definir sua metodologia, provocou de imediato diversos problemas, dentre eles, a ideia de alargar o campo de pesquisa atingindo pelo menos estudantes do PEC-G em quatro universidades federais do Nordeste Brasileiro, UFAL, UFPE, UFPB e UFS, escolha que poderia, em função de limitação de tempo exigido para elaboração de uma dissertação de mestrado, inviabilizar um trabalho desta natureza.

Ao mesmo tempo, deparou-se com a ideia de limitar a pesquisa exclusivamente aos estudantes de um país, mas adotou-se a iniciativa de definir um universo maior de atores atingindo uma representatividade geral dos palopianos, fundamentada,

3 Hampâté Bâ (1900-91) participou da elaboração dos primeiros estudos que usam as fontes orais de maneira sistemática, como em “História Geral da África”, publicada pela UNESCO em 1980. Se escritos como esse e outros de caráter sociológico e filosófico são mais conhecidos, o relato autobiográfico tem o mérito de revelar a trajetória desse mestre da transmissão oral e comprovar a força da “oralidade deitada no papel” (nas palavras do autor).

pois, na ideia de que tal medida poderia não só possibilitar apreensão de hábitos de cada ator, como também de captar particularidades que caracterizam a vinda dos angolanos, cabo-verdianos, guineenses, moçambicanos e são-tomenes ao Brasil e, com isto, encontrar em cada história de vida, tanto o que de mais único as distingue, como o que de mais comum os ligam.

A partir de contatos intensos de estudantes desses países, evidenciou-se o fato de que suas histórias estão imbricadas; portanto, a história de um complementava a outra⁴. Neste sentido, procuramos realizar uma entrevista equilibrada com estudantes de nacionalidades distintas. Em nossa defesa, encontramos Boudon (1990, p. 127), segundo o qual, quanto mais as ciências sociais avançam, mais se torna evidente a impossibilidade de qualquer tentativa de unificação de campo e metodologia. Acompanhamos o cotidiano destes nas universidades durante quase um ano, principalmente em Recife, local onde até então éramos pouco conhecido. Período o qual segundo Becker (1993, p. 86) seria suficiente para observações múltiplas que convença de que nossa conclusão não está baseada em alguma expressão momentânea e passageira das pessoas que estudamos.

“De modo semelhante, as circunstâncias que cercam as ações das pessoas às vezes mudam de acordo com uma programação temporal regular. As pessoas podem não ter a ideia da temporalidade de seu comportamento, mas o pesquisador tem que ter, pois os dados coletados em épocas diferentes refletem realidades diferentes. Em geral quando observamos durante um período longo de tempo, acreditamos que não confundimos um fenômeno que não muda, e que tivemos a oportunidade de observar processos de mudança podem estar ocorrendo” (BECKER, 1993, p. 87).

No início, não houve a preocupação com os grupos na sua totalidade; deu-se maior atenção a atores particulares que teriam sido transformados em referências no seio dos grupos por viverem mais tempo no Brasil, cujas ações “influenciam” em muitos casos os estudantes recém chegados. Participamos como observador de pelo menos cinco (5) festas, uma

4 Além de já mencionado, grupos interligados das partes de uma organização ou um programa, como é o caso dos estudantes do PEC-G, significa que nossa tentativa de compreender qualquer aspecto específica do que vemos provavelmente exige que nós tenhamos algum entendimento de seus outros aspectos principais. As observações que registramos exigem que nós prestamos atenção a outros aspectos observáveis, por mais que sejam inesperados ou desagradáveis para nós, para que façam algum sentido (BECKER, 1993, p. 90).

referente à comemorações da independência da Guiné-Bissau em setembro de 2010 e outra de Angola em Abril do mesmo ano, e mais duas em Maceió, uma das quais referiu-se ao encerramento da Semana de Cultura Africana, e a outra a do Dia da África, em maio. Além delas houve muitos convívios de caráter festivo que aconteceram nas residências.

Propusemo-nos também a participar como observador em cerca de dez (10) torneios de futsal masculino e feminino, realizados no período de setembro de 2010 a maio de 2011, nas instalações esportivas da UFPE, sendo possível compreender o que está por trás dessa mesma realidade. Apesar da tensão apresentada, esses jogos de futsal tornaram-se a única atividade grupal fixa e eventos significativos para as comunidades africanas em Recife.

Enfim, a motivação da escolha do Brasil para realização de estudos, questões relacionadas a dificuldades encontradas nas cidades do destino quanto à inserção social, perspectivas de retorno ao país de origem, contrastes no local de estudos, também prevaleceram como critério de seleção do universo de análise. As informações recolhidas foram transcritas e depois digitalizadas, enviadas aos entrevistado/as, para eventuais consultas e, depois, submetidas à descrição e análise de natureza qualitativa.

África em movimento

A mobilidade internacional de africanos

Os fluxos migratórios no contexto africano remontam historicamente aos processos ancestrais. Teria sido talvez um continente onde se deu a maior mobilidade humana, não só pelo fato de ter sido “berço da humanidade”, mas também por razões que vão desde as complexas questões climáticas no interior da África, aos processos violentos da islamização, conflitos entre os diferentes impérios e reinos, até o recente processo de colonização que se iniciou com a invasão do continente pelas potências coloniais, levando seu povo a deslocar-se constantemente. Além dessas questões apontadas, sempre existiram na África deslocamentos de populações de uma região para a outra pelas razões variadas. Mas, constata-se que os registros existentes sobre a mobilidade dos africanos no interior do próprio continente é quase sempre vista como:

“uma maneira de escapar da pobreza, da morte por desnutrição. Para alguns autores, o movimento migratório no continente africano apresenta uma especificidade motivada por conflitos étnicos e, sobretudo políticos e, estes são fatores que tornam difícil à análise da migração internacional na África e, sobretudo, ao sul do Saara” (CASTLES e MILLER, 2004, p. 172).

A circulação de pessoas além dos limites das fronteiras políticas de cada país africano em direção aos países vizinhos parece não ser vista por muitos estudiosos como estratégia de concretização dos projetos de vida pessoal ou familiar, mas

apenas como simples estratégia de sobrevivência. Projetos que envolvem propósitos de cunho afetivo, emocional, religioso, de saúde ou intelectual, não são motivos levados em consideração para o deslocamento dos indivíduos.

Portanto, talvez pela homogeneização teórica e metodológica, muitos analistas são conduzidos a não colocar foco nas divisões políticas, nas diferenças linguísticas, étnicas e culturais que distinguem os povos daquele continente. Com efeito, tais tendências teóricas fazem com que os fluxos migratórios na África sejam invisibilizados ou reduzidos a abordagens de perspectiva de fuga.

As diversas vertentes de abordagem teórica sobre o processo de mobilidade social no mundo também não levam em conta a circulação dos estudantes no contexto africano, embora seja uma realidade secular em África. No contexto europeu a circulação internacional para fins de estudos está presente desde a Idade Média com a criação das primeiras universidades (Bolonha, Paris, Oxford). Essas universidades contavam com professores e estudantes de diferentes regiões e países, formando comunidades internacionais.

Os estudantes de origens diferentes reuniam-se em torno de um objetivo comum, o conhecimento. Com o avanço dos estados nacionais modernos, a universidade sofreu um processo de nacionalização. Contudo, esse processo não eliminou as necessidades do caráter internacionalista da produção do conhecimento científico, especialmente no século XX, apesar de as universidades ficarem subordinadas às necessidades e pressões dos estados, das sociedades e do mercado, no contexto do desenvolvimento nacional⁵:

5 Objetivo de atual processo de internacionalização de ensino é inculcar nos mesmos, na equipe acadêmica e na equipe administrativa, novos conhecimentos, novas habilidades e atitudes que lhes permitam atuar de maneira eficaz num meio global, interdependente, internacional e multicultural, (STALLIVIEIRI, 2008, p.3).

“Na era antes de Cristo há registros que jovens da sociedade romana iam à Grécia (Atenas, Rodes, Alexandria, Pérgamo) para estudar. Professores gregos eram ‘importados’ para fundar escolas em Roma. Nos séculos XII e XIII estabelece-se o conceito de Universidade na Europa (Universidade de Salamanca - 1218). Na Renascença dá-se início ao estímulo para os intercambistas (Florença, Cambridge, Basel). No século XIX, com a expansão

da Revolução Industrial, outros países começam a exportar intercambistas (China e Japão). No pós 2ª. Guerra Mundial há mudança no conceito de “viagens de estudos”, passando a ser o foco no aprendizado para convivência pacífica entre os povos. Em 1950 ocorre o início dos estudos da educação para a PAZ. França e Alemanha iniciaram o movimento de programas governamentais para intercâmbio cultural” (CHARLE & VERGER apud JURANDIR ZAMBERLAM, GIOVANNI CORSO, LAURO BOCCHI, JOAQUIM FILIPPIN, WLADYMR KULKAMP, 2009, p. 23).

Pois, observou-se que historicamente um dos aspectos mais importantes que sempre propiciaram circulações, no interior do continente africano, foi a migração com fins de estudos. Este processo iniciou-se no contexto africano desde que os *fenícios* começaram a estabelecer colônias na costa africana do Mediterrâneo, por volta do século X a.C. Um povo que teve seu epicentro no norte da antiga Canaã, ao longo das regiões litorâneas dos atuais Líbano, Síria e Israel. A civilização fenícia caracterizou-se por uma cultura comercial marítima empreendedora que se espalhou por todo o Mediterrâneo durante o período que foi de 1550 a.C. a 300 a.C.

Neste período inicial os contatos entre africanos Subsaarianos com os fenícios e outros povos muçulmanos tinham caráter mercantil, envolvendo, sobretudo a troca de objetos e produtos de necessidades básicas. Mais tarde verificou-se um processo intenso de islamização, sobretudo de povos principalmente de etnias Fula e Malinque da África subsaariana, estes já com profundos conhecimentos do Alcorão realizavam longas viagens de missões no interior do continente africano, às vezes sem volta, e estabeleciam escolas corânicas em lugares distintos: aceitavam e recebiam alunos vindos de diferentes regiões da África; lá esses alunos permaneciam estudando por muitos anos. Tais estabelecimentos escolares persistem em vários lugares da África contemporânea, coabitando com as instituições modernas de ensino, denominados de *madrassa*⁶. Não pretendemos aqui analisar exaustivamente diversos aspectos de tal história de imigração para fins

6 O islamismo fez sua entrada no continente a partir da África do Norte, do Egito ao Marrocos, sendo uma das primeiras regiões a ser conquistadas pela expansão inicial árabe-islâmica (séculos VII e VIII). Dos séculos X a XVI, mercadores muçulmanos contribuíram para o surgimento de importantes reinos na África Ocidental, que floresceram graças ao comércio feito por caravanas que, atravessando o Saara, punham em contato o mundo mediterrâneo ao das estepes e savanas do Sudão Ocidental e África centro-ocidental. A conversão de certos monarcas africanos fez não só o islã avançar como criou uma florescente cultura. Assim, cidade de Tumbuku (no atual Mali) era, no século XIV, um núcleo urbano conhecido pelo alto nível de suas escolas islâmicas, que atraíam muçulmanos de várias partes do mundo (RVISTA PANGE, 2005).

de estudos no interior do continente africano nem tal seria possível, por causa de propósitos anunciados neste trabalho, pretendemos antes apresentá-las como exemplos e evidenciar a nossa estranheza pelo fato de negligenciar sua pertinência na análise teórica contemporânea sobre os movimentos migratórios internacionais. Da nossa leitura, além de enfatizarmos sua persistência consideramos também importante não só pela travessia das fronteiras, como também por envolver o deslocamento espacial a um povoado, e tratar-se da migração num período longo, em que os alunos passam por um processo de transformação social e cultural significativa.

A partir desta observação pode-se concluir que a circulação ou mobilidade de pessoas em processo de qualificação, ainda que se apresente como tendência da circulação internacional contemporânea, tem raízes na antiguidade, sobretudo no interior do continente africano. Não obstante, é de interesse teórico citar Geertz (2001) já que traz para este trabalho questões pertinentes sobre um dos aspectos subjacentes à mobilidade internacional estudantil para distintas regiões do mundo em busca da qualificação técnica e profissional.

Esse autor chama atenção para a possibilidade do atual contexto mundial de integração produtiva e da interdependência econômica poderem estar sendo pensadas considerando suas repercussões no campo social e cultural. Nesta perspectiva Geertz afirma:

“a cultura e a política da segunda metade do século XX como ‘um mundo em pedaços’, no qual os conceitos de nação, estado, cultura e política, pensados respectivamente como fronteiras, instituições, comportamentos, crenças e poderes não se aplicam mais. A visão de um mundo definido geográfica e culturalmente como um consenso em torno de elementos fundamentais, tais como concepções, sentimentos e valores comuns, parece pouco viável diante de tamanha dispersão, circulação e desarticulação” (GEERTZ, 2001, p. 219).

Para esse autor “são as falhas, as dispersões, as mobilidades

humanas e as fissuras que parecem demarcar a paisagem da identidade coletiva”. Apesar desta afirmação a circulação para fins de estudos ao longo dos últimos anos tem apresentado forte tendência de crescimento, sobretudo nos países em vias de desenvolvimento. Ao examinarmos os dados estatísticos da UNESCO de intercâmbios acadêmicos internacionais neste início de milênio, chama a atenção o fato de a mobilidade de estudantes intercambistas internacionais apontar para um aumento cada vez mais expressivo de pessoas que estão em circulação com fins de estudos.

Assim, de acordo com as estatísticas publicada em 2006 da UNESCO, “pelo menos 2,5 milhões de estudantes de ensino superior se encontravam fora de seus países de origem comparando com os percentuais dos cinco anos anteriores que era de 1,75 milhão representando um aumento de 41% desde 1999” (UNESCO 2006)⁷.

Contudo, a UNESCO ressalta que o aumento da circulação de estudantes pelo mundo deve ser analisado também considerando a expansão geral da educação superior cujo aumento no número de matrículas passou de 92 para 132 milhões nos períodos de 1999 e 2004, o que representou um crescimento de 40%. Ainda tomando como referência o mesmo documento da UNESCO (2006), o volume de estudantes internacionais teve um impacto significativo nos países anfitriões, considerado os principais receptores desse público.

De acordo com as estatísticas, seis países recebem mais de 67% dos estudantes internacionais de todo o mundo: os Estados Unidos (23%), o Reino Unido (12%), Alemanha (11%), França (10%), Austrália (7%) e Japão (5%). Ainda ressalta o documento que as populações de estudantes internacionais cresceram quase três vezes mais rápido (41%) do que o número de matrículas nacionais nestes países (15%):

“Pelas estatísticas da OCDE (2002), há uma crescente demanda em termos relativos de estudantes que realizam estudos fora de seu país de origem. Entre os países da OCDE observa-se que os países

7 Cf. Global Education Digest 2006. Comparing Education Statistics Across The World. UNESCO. Institute for Statistics. Montreal, 2006. Disponível em: <http://www.uis.unesco.org/TEMPLATE/pdf/ged/2006/GED2006.pdf>. Acesso realizado em: janeiro de 2010.

que mais concentram estudantes estrangeiros, agregando mais de 80% dos mesmos são: Estados Unidos (34%), Reino Unido (16%), Alemanha (13%), França (11%), Austrália (8%) e os outros 18% restantes se encontram mais dispersados” (PELLEGRINO, 2002, p. 24).

Pelas informações recentes deste balanço demonstra-se um volume expressivo de estudantes estrangeiros no mundo. O caso da África subsaariana vem confirmar o crescimento deste contingente, pois apresenta um crescimento desta população. De acordo com a UNESCO, a mobilidade dos estudantes africanos da região subsaariana para outras regiões ou países é três vezes mais elevada do que o percentual global: cinco países africanos têm mais estudantes de curso superior estudando fora do que em seu país: Cabo Verde, Comores, Djibout, Guiné-Bissau e Togo, UNESCO (2006, p. 37, 38)⁸. Vale lembrar que se tratam de países pequenos com a média de um milhão de habitantes.

De acordo com a UNESCO, dos 194.000 (cento e noventa e quatro mil) estudantes no exterior procedentes da África subsaariana, Zimbábue tem o maior grupo no exterior (17.000), seguido por Nigéria (15.000), República de Camarões (15.000) e Quênia (14.000). Quanto aos destinos dos estudantes procedentes da região subsaariana, as observações do documento UNESCO (2006) mostram que em primeiro lugar está preferencialmente a Europa Ocidental (51%) e o segundo destino está na própria região subsaariana (21%), seguida pela América do Norte (20%). O Oeste Asiático e Pacífico, Emirados Árabes, América Latina e Caribe são destinos que apresentam menores volumes de estudantes africanos. Os estudantes de educação superior que permanecem na África vão para a África do Sul e para os países da África do Norte⁹.

O Brasil participa neste cenário de mobilidade internacional ou de circulação estudantil de jovens subsaarianos com mais de 11% da média mundial. Segundo Desidério (2006, p. 167) baseado nos registros do Ministério das Relações Internacionais – Itamaraty, ingressaram nas Universidades brasileiras pelo PEC - G, durante o período de 2000 a

8 No geral as estatísticas da Divisão de População das Nações Unidas - UNPD, o número estimado da população emigrante africana no mundo até 1990 era de 16.351.076 milhões de pessoas e em 2005 verificou-se um aumento no volume que passou para 17.068.882 milhões de africanos, considerando homens e mulheres juntos (DESIDÉRIO, 2006, p. 102).

9 De acordo com os dados do Censo Demográfico de 2000, antes de qualquer subdivisão de interesse, observa-se que residem no Brasil um contingente total de 15.568 africanos (DESIDÉRIO, 2006, p. 87).

2006 um volume de 2.342 estudantes africanos. Pela ampliação de acordos de cooperação entre o Brasil e os países subsaarianos, a vinda de estudantes africanos ao Brasil aumentou significativamente. Se comparada aos demais estudantes estrangeiros, os estudantes subsaarianos representam o volume mais expressivo. Verifica-se ainda uma demanda constante de solicitações de vagas no Programa e nas Instituições de Educação Superior, pois, cada vez mais, estudantes africanos chegam ao Brasil para realizarem seus estudos¹⁰.

Desde os anos 1960, parte significativa do contingente dos estudantes africanos no Brasil realizou seus estudos na UFPE e na UFAL. A vinda dos estudantes às cidades de Recife e Maceió cresce cada vez mais. No entanto, é difícil de determinar o número preciso dessa população devido à limitação da informação. Estima-se que atualmente existe nos dois Estados do Nordeste Brasileiro mais de 200 estudantes africanos vinculados ao PEC-G, conforme demonstra o quadro de alunos matriculados nas duas instituições, que se segue (vide anexo II).

A África de volta ao Brasil

No que diz respeito às relações entre o Brasil e a África, especialmente aos processos migratórios, deve-se levar em conta que eles se iniciam a partir do processo de escravidão apesar de algumas pesquisas revelarem que ao longo da história, a África e o Brasil eram territórios contínuos que separaram-se por meio de fenômenos da natureza, conforme aborda vários estudos geológicos, caracterizados atualmente pela descontinuidade territorial marcada pelo Oceano Atlântico (SARAIVA 1999, p. 31).

Em todo caso, a lógica do processo escravagista, baseada na imigração forçada dos africanos ao Brasil, iniciada no século XVI, reaproximou culturalmente esse continente do Brasil. Para a grande maioria de estudiosos brasileiros, a mão-de-obra escrava foi o que fez pulsar a organização social da

10 O universo do ensino superior impressiona o seu crescimento acelerado e sua inserção na globalização em marcha. O Relatório (2006) da UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - mostra os números da expansão da educação superior nas últimas seis décadas: em 1950 eram 6,5 milhões de estudantes universitários no mundo; em 1960, 13 milhões; em 1980, 61 milhões; em 1995, 82 milhões; em 1999, 92 milhões e, em 2004, 132 milhões. Levando-se em consideração as taxas de crescimento assumidas pela UNESCO e OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), pode-se estimar que hoje, aproximadamente 168 milhões de estudantes frequentam o ensino superior.

colônia portuguesa e da organização do Estado Imperial no Brasil. A África passou a ocupar então um papel central na formação da sociedade e na dinâmica da cultura brasileira. Tal processo de imigração forçada estendeu-se até final do século XIX, inaugurando a primeira diáspora africana na terra do Pau Brasil (SARAIVA 1999).

Com o fim das primeiras formas do processo escravista transatlântico por meio da promulgação da Lei Áurea assinada pela Princesa Isabel em 1888, seguiu-se o processo de retorno dos ex-escravizados e seus descendentes para África concretamente ao atual Benin, Libéria e Nigéria levado a cabo pelo Estado Colonial Brasileiro (SARAIVA 1999). A partir do ano 1900 o Brasil interrompe todas as formas de relações com a África subsaariana, exceto com a África do Sul e mantém acordos bilaterais com os países da África do Norte. Durante as primeiras décadas do século XX, o Brasil se concentrou no processo interno de desenvolvimento social e econômico.

No curso deste processo de transformação, a elite brasileira incentivou um maciço fluxo migratório dos europeus e asiáticos enquanto a África travava suas lutas anti-coloniais. Convém lembrar que faremos ao longo do texto o uso do termo imigração por corresponder ao tipo de circulação que pretendemos estudar, na qual se define, segundo Hall (2003), como a saída de um cidadão ou cidadãos que entram num país que não o de origem. O fenômeno da imigração pode ser definido de acordo com o tempo de estadia imigrante na sociedade de destino. Desse modo pode ser denominado imigrante temporário ou permanente.

Na primeira metade do século XX, inúmeros esforços científicos e teóricos levados a cabo pelas diversas vertentes de abordagens teóricas (Movimento Eugenista Brasileiro) teriam recomendado a prevenção contra a imigração dos africanos para o Brasil, e mesmo após um período de mais de meio século de suspensão de relações entre o Brasil e os países da África Subsaariana no início do século XX, período em que o Brasil se concentrou aos seus projetos, enquanto os países

africanos arrancavam os regimes coloniais das suas terras por meio de lutas pela independência política.

Durante todo esse período da luta anti-colonial africana, a memória africana no Brasil foi silenciada, sobretudo no governo de Juscelino Kubitschek. O Brasil, país com a maior população de origem africana na diáspora escravagista, estabeleceu diretrizes de cooperação externa voltada para a Europa, a Ásia e os países latino-americanos, mas não se posicionou no período de efervescência política na África.

O Estado brasileiro acompanhou de forma tímida, sem nenhuma reação explícita, a independência de mais de 20 países africanos no início da década de 1960 (SARAIVA 1992, p. 32). Mas, nunca foi de fato possível cortar o “cordão umbilical” que uniria para sempre o Brasil e o continente africano. Somente em 1961, o presidente Jânio Quadros iria reorganizar a política externa brasileira que favorecia o retorno da diplomacia brasileira à África com ações concretas. A partir daí registrou-se uma reciprocidade, por meio de instalações de instituições consulares em Acra, Tunis e Dacar depois em Bissau e Lomé. Africanos provenientes de países recém-independentes, chegando ao Brasil com fins de estudos, inauguravam uma nova modalidade migratória dos cidadãos africanos.

O restabelecimento de relações com a África Subsaariana, de acordo com Reis, (2010, p. 142) deve-se em parte à necessidade de celebrar a autonomia da diplomacia brasileira em relação aos Estados Unidos. O contexto desta experiência no Brasil coincide com o auge dos processos de descolonização observados no continente africano. O Brasil apostaria na África como novo espaço para negociação de novos acordos bilaterais buscando fortalecer relações Sul-Sul. Uma aproximação cultural com alguns países africanos pode ser pensada como estratégia que facilitaria a viabilidade de interesses, pretensões e expectativas econômicas em relação à África.

Embaixador de Cabo Verde Daniel Pereira, em uma

conferência ministrada em Recife, no dia 26 de maio de 2011 intitulada: “Novas Parcerias para o Desenvolvimento da África” assegurou que nas últimas décadas do século XX África e Brasil ampliaram acordos de cooperação bilateral propiciando um fluxo constante de pessoas com interesses diferentes. A maior população africana no Brasil está vinculada às instituições de ensino público e privada, enquanto que a África importa do Brasil as empresas, as fábricas e os empresários de distintos ramos de negócios, assim como produtos industriais e midiáticos.

Com a eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2002, o Brasil adotou como prioridade a abertura e a reabertura de postos diplomáticos, tanto de embaixadas como de repartições consulares, no continente africano, que haviam sido fechados durante administrações anteriores, passando de 18 para 30 no total. Em contrapartida o número de embaixadores africanos no Brasil foi elevado de dezesseis para vinte e cinco entre 2003 a 2006¹¹. No plano econômico, a redefinição da diplomacia brasileira em relação à África tem favorecido significativamente o setor empresarial. Isso pode ser constatado pelo crescente número de empresas brasileiras, sobretudo as exportadoras de serviços, que lá estão realizando projetos.

Para Pereira, essas ações fizeram com que o comércio brasileiro com a África crescesse mais de 200%, segundo dados do Ministério das Relações Exteriores. Consequentemente, o número de vôos e rotas marítimas entre Brasil e África multiplicou-se por cinco. Carlos Lopes afirma que se olharmos para o crescimento das relações da África com outras economias emergentes como a China, Índia ou os países do Golfo, o Brasil já fica para trás. Também é importante sublinhar que a África cresce como continente acima dos 6% ao ano, mas há países, como Angola, superando os 20% por ano. Por todas essas razões justifica-se pelo menos em parte o novo interesse do Brasil pela África, lembra Carlos Lopes, Sub-Secretário Geral das Nações Unidas e encarregado do Instituto para Formação e Pesquisa (Unitar), em Genebra -

11 Cláudio Ribeiro, coordenador do grupo de estudos sobre África, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Suíça (Conferência em agosto de 2011, Salvador/BA).

Pereira lembra que para fortalecer ainda mais a cooperação do Brasil com os países africanos, é preciso superar um difícil obstáculo, em aspectos científicos, sociais e culturais: a ausência de conhecimento sobre a África por grande parte da população, sobretudo no meio acadêmico e empresarial. “A África não é tema corrente na academia que apenas há pouco tempo tornou timidamente obrigatório o estudo da história da África no ensino fundamental e médio nas escolas públicas do Brasil, a partir da aprovação, em 2003, da Lei 10.639, pelo governo Lula”, diz Lopes (Conferência, agosto de 2011). Vale frisar que determinadas Instituições de Ensino Superior, como a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal da Bahia (UFBA), sempre tiveram um núcleo de estudos africanos. Outras instituições de ensino superior instituíram núcleos de estudos afro-brasileiros e africanos.

A propósito, ainda são poucas as pesquisas acadêmicas acerca de temáticas africanas no Brasil¹². No campo empresarial, segundo Daniel Pereira, embaixador de Cabo Verde, existem enormes oportunidades para pequenas empresas, mas apenas grandes corporações, como Petrobrás, Camargo Correa, Norberto Odebrecht, Companhia do Vale do Rio Doce, etc, têm conseguido se firmar nos países africanos, ampliando, pois, a presença empresarial brasileira no continente africano¹³. Mas, não é apenas no plano econômico que o Brasil e o continente africano estão ampliando e fortalecendo suas relações, também no plano educacional e cultural na qual ocupamos a analisar seguidamente.

PEC-G e PEC-PG: Cooperações Bilaterais Educacional entre o Brasil e a África

Ao fazermos uma rápida retrospectiva sobre o Convênio Educacional Brasileiro, identificamos de imediato que desde 1919, já se registrava a presença de estudantes estrangeiros no Brasil. Tratava-se de estudantes oriundos de Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai que estavam no país por iniciativas

12 Vale lembrar que em 20 de agosto de 2008, o Governo Lula enviou para o Congresso Nacional o projeto de Lei n. 3891/08 sobre a criação da Universidade Federal da Integração Luso-Afro-Brasileira - UNILAB, uma instituição de ensino superior pública sediada na cidade de Redenção, Ceará, sendo aprovado em 13 de março de 2009. A UNILAB estará voltada aos PALOP, Timor Leste e Macau, seu objetivo visa a integração de CPLP (<http://www.unilab.edu.br/>).

13 O comércio externo brasileiro com os países africanos no período de 2005 cresceu 26%, ao efetuar um recorte percebemos que o comércio do Brasil com os países africanos de língua portuguesa - PALOP cresceu 225%. O saldo positivo para o Brasil ronda em torno de 640 milhões de dólares. De forma geral o comércio entre o Brasil e os países africanos até outubro de 2007 aumentou significativamente passando de (5) bilhões para (12, 8) bilhões de dólares. Daniel Pereira acrescenta que a população mundial corresponde a (7) bilhões de habitantes, a África fornece a esse cenário cerca de (1) bilhão de pessoas, o que demonstra ser um mercado importante FONTE: (Conferência apresentada por Daniel Pereira, Embaixador de Cabo Verde, Maceió, 23 de outubro de 2008).

isoladas cursando Ensino Superior na Escola Militar e na Escola Naval. Em 1941, registrou-se um aumento do número de estudantes estrangeiros nas escolas brasileiras, intensificando-se a partir daí a necessidade de celebração formal de Convênios de Cooperação Cultural Bilateral que incluía o aspecto educacional. É a partir deste momento que se tem a denominação de estudante-convênio, isto é, selecionado por via diplomática, com fundamento nesses Acordos Bilaterais do Brasil para atender a outros países, especialmente os latino-americanos.

No que diz respeito ao convênio educacional entre o Brasil e os países africanos, este se institui a partir de uma ação diplomática pioneira da Universidade da Bahia-UBA, através do Centro de Estudos Afro-Orientais – CEAO com Itamaty. De acordo com Reis (2010, p. 141) essas duas instituições foram responsáveis pelo estabelecimento de intercâmbios com os países africanos. Os pesquisadores e religiosos de matriz africana da Bahia tinham interesse nessa aproximação educacional com os povos *nagôs ou iorubás* na perspectiva de ter contato direto com os ancestrais e reativar conexões culturais e religiosas:

“A vinda dos estudantes oriundos dos países da África Ocidental (iorubás e nagôs) significava a reativação dos laços culturais e religiosos. A vivência destes atores sociais no Brasil era fundamental para os pesquisadores buscarem raízes da africanidade bahiana nos estudantes iorubás e nagôs. Portanto, contato com os estudantes significava encontro com ‘ancestrais’.” (REIS, 2010, p. 147).

Neste sentido, podemos afirmar que o viés religioso também era uma das perspectivas que impulsionaram o estabelecimento de cooperação educacional entre o Brasil e os países africanos no início da década de 1960. Sendo que o primeiro grupo de estudantes africanos chegou à Bahia em 07 (sete) de dezembro de 1961. Um contingente composto de quinze estudantes, dentre os quais 05 (cinco) de Gana, 04 (quatro) de Senegal, 2 (dois) Cabo Verde, 1 (um) camaronês e 3 (três) mestiços de origem francesa. Estes últimos vieram

realizar curso de pós-graduação, já que dentro dos critérios estabelecidos pelo Itamaraty, não haveria restrições para bolsas de pós-graduação para estudantes oriundos da universidade de Dakar no Senegal, diz Reis (p. 148).

Em 1964, o Programa Estudante Convênio de Graduação – PEC-G recebe o seu nome que vigora até hoje em documento do Ministério de Relações Exteriores – MRE. Em 1967, uma comissão ministerial elaborou o primeiro instrumento normativo com 19 cláusulas, adequado ao padrão de um convênio regular e institucionalizado, o qual regulamentava a oferta e a distribuição das vagas de acordo com o país, a seleção dos candidatos e a forma de direcionamento do estudante-convênio nas Instituições de Ensino Superior – IES.

Entretanto, é no início dos anos 70 do século XX que a presença dos estudantes africanos nas universidades brasileiras se tornou visível, fato decorrente inicialmente da euforia do processo das independências dos países africanos de colonização portuguesa. Em 1974, celebra-se a revisão do 1º Protocolo de Acordo acrescentando mais cláusulas, com a finalidade de atualizar e tornar simples e operacional, bem como para atender à crescente demanda desse período, na qual registrou o ingresso mais de 1.600 estudantes. A partir desse ano o PEC-G deixa de restringir-se aos países latino-americanos ampliando o caráter formal para os países africanos:

“O estudante-convênio é um aluno especial, selecionado diplomaticamente em seu país pelos mecanismos previstos no Protocolo do PEC-G e dentro dos princípios norteadores da filosofia do Programa. Este visa à cooperação bilateral na área educacional, graduando profissionais de nível superior, dos países signatários dos Acordos de Cooperação” (Manual - PEC-G, P. 30).

Em 1981, foi assinado entre a Secretaria de Ensino Superior - SESu do Ministério da Educação - MEC e o Departamento de Cooperação Cultural, Científica e Tecnológica do MRE, um documento Adicional ao Protocolo, com a finalidade de ofertar o ensino do português para os estudantes estrangeiros

nas universidades brasileiras, bem como assinatura do 3º Protocolo para disciplinar o tempo de permanência do estudante-convênio e a integralização nos cursos.

Na década de 1990, foi concluída a versão atual como 5º Protocolo e traz em seu conteúdo as diretrizes definidas no Manual do Estudante-Convênio; a partir dele o PEC-G daria prioridade aos países que apresentassem candidatos no âmbito de programas nacionais de desenvolvimento socioeconômico, acordados entre o Brasil e os países interessados, por via diplomática.

A mobilidade dos estudantes africanos do PALOP nos períodos após a independência de seus países se dava em maior frequência com a antiga União Soviética. Com o fim da União Soviética em final de 1991, uma forte tensão foi gerada na esfera política e econômica nos países africanos recém-independentes, desencadeando um processo de realinhamento político e ideológico e de necessidade de integração desses países a uma nova e única ordem mundial.

Tal processo perpassava a recomposição das estruturas educacionais e consequente requalificação de recursos humanos desses países através dos acordos internacionais, parcerias estas promovidas entre os países para adequação às exigências de desenvolvimento, que vão mais além de celebrações nacionalistas ou partidárias, e atendem aos modelos de desenvolvimento impostos pelos países hegemônicos. Os intercâmbios passaram a ser o único instrumento importante na promoção de novas oportunidades de formação, possibilitando aos cidadãos desses países a obtenção de experiências profissionais e de novas tecnologias. Pellegrino sustenta que:

“a circulação internacional de estudantes qualificados ou em vias de qualificação deve ser considerado importante na medida em que não circulam somente pessoas, mas também circulam, sobretudo ideias que favorecem o intercâmbio de expressões, saberes e signos de regiões e culturas, enquanto mecanismo importante à manutenção de vínculos transnacionais. A mobilidade de pessoas

qualificadas permite manter maiores níveis de relacionamentos com os países parceiros devido à uniformização de códigos administrativos e profissionais, conseqüentemente, gera também maior número de retornos, contudo, do ponto de vista de ser esta migração *um brain exchange ou brain gain*”(PELLEGRINO, 2002, p. 23)¹⁴.

A cooperação na área de educação tem sido um instrumento importante para impulsionar o desenvolvimento por meio da formação de recursos humanos dos países em vias de desenvolvimento. A circulação de pessoas, com objetivos da educação formal, parece ser uma tônica recorrente nas sociedades africanas contemporâneas. Hoje, é perceptível a presença dessa nova categoria de migrantes temporários ou intermediários nas universidades brasileiras. Eles vivem e interagem durante um período relativamente prolongado, criando vínculos sociais profundos nas universidades e nas cidades por onde transitam.

Para Delours (2001, p. 47) as universidades constituem arenas privilegiadas de interação composta de teias relacionais onde circulam os diferentes discursos que vão construir subjetividades e na qual os indivíduos podem tomar consciência de suas reais condições de vida; por isso mesmo, é o campo no qual se desenrola parte de uma luta política, fruto de um processo cultural e histórico na fixação dos significados em uma dada sociedade. Essas subjetividades estão vinculadas às condições de produção da existência, tanto no aspecto material quanto imaterial. De acordo com esse autor, a existência da diversidade, e conseqüente diferenciação nesses aspectos, no interior da universidade, possibilita o surgimento de conteúdos culturais e simbólicos que refletem concepções e interesses distintos ou mesmo conflitantes.

Apesar disso, Cohen (1997) chama a atenção para pontos fundamentais ao entendimento das contra-tendências da globalização: as mudanças rápidas e densas no mundo econômico e sua relação com os setores das comunicações; as formas de migração internacional pelos modelos permanente

14 A noção de *brain drain* abordado na análise de processo de migração refere-se aos recursos humanos qualificados e que estejam no efetivo exercício da profissão em locais fora de seu país. Ela põe em evidência os aspectos negativos dessa migração, por se tratar de uma evasão de profissionais qualificados necessários aos interesses de desenvolvimento social do país. Nesse sentido, em oposição à visão tradicional de *brain drain*, uma nova perspectiva abordada como *brain gain* reforça a ideia de que há outra maneira de perceber o fenômeno, enfatizando que poderia haver nessa reversão, impactos positivos que as migrações de pessoas qualificadas geram como inversões (remessas), criação de redes que promovem intercâmbio e Cooperação, circulação do conhecimento e impulsionam a formação de capital humano nos países de origem (MARQUES, 2003, p. 34).

ou temporário, e a relação de cidadania que se vincula ao contexto, que altera as transações, interações e concentrações de determinados segmentos do mundo econômico em determinadas cidades; o cosmopolitanismo e o localismo que atuam na criação e promoção de culturas locais ampliadas como cultura cosmopolita; e por fim a desterritorialização da identidade social como desafio à hegemonia do Estado-nação.

A mobilidade de pessoas, sob uma nova lógica espacial que Castells (1999, p. 468) chama de espaço de fluxos, propiciou a fragilidade das fronteiras nacionais alcançada pela etapa atual do modo de produção capitalista, tendo em vista a produção, a circulação e o consumo de bens materiais e financeiros e produziu efeitos nas esferas não apenas econômica e financeira, mas também nas dimensões social e cultural.

Sassen (1998, p. 95) sustenta que a globalização aumentou o volume de fluxos migratórios e apresenta uma tendência de crescimento. Os diferentes tipos de mobilidade sejam laborais, de refugiados, de migração permanente, ou temporário estudantil, são categorias de migrantes que estariam presentes em um mesmo país, e trariam, portanto, dificuldades de implantação de políticas governamentais nacionais e internacionais. Importa frisar que estariam também dentro do tema *circulação* a problemática da diversidade étnica e do racismo, aspectos subjacentes, mas que, às vezes, são ofuscados por metáforas como a do *hibridismo*, que não avança além das fronteiras também híbridas, dificultando lidar, assim, com a complexidade da questão da diferença, não se levando em conta que a diversidade ainda constitui a forma de distinção entre os indivíduos que compõem a população receptora e as procedentes das outras sociedades, com suas diferentes línguas e diversas práticas culturais.

Cohen (1997, p. 47) destaca que a relevância da circulação internacional no contexto da globalização não somente é inevitável como também potencialmente positiva. Esse deslocamento massivo deverá ser entendido como parte das estratégias de sobrevivência, de impulso para alcançar novos horizontes, e a globalização, neste contexto, age como fator de

estímulo ao aumentar o fluxo de informações a respeito dos padrões de vida e das oportunidades existentes ou imaginadas em outros países.

A mobilidade internacional torna-se ainda mais importante, enquanto fenômeno que se amplia e diversifica os lugares, gerando uma dinâmica intensa, e que envolve não somente aqueles que compõem os grupos em movimento, os quais vivem as consequências dessa mobilidade espacial, mas também as famílias dos migrantes, os locais de origem e as sociedades receptoras, que participam efetiva e conjuntamente desse cenário ou desta realidade social. A partir destes acordos entre o Brasil e os países africanos novos fluxos e circulação de pessoas aumentaram reciprocamente à luz de dispositivos e aberturas necessárias na vigência dos acordos.

No curso deste processo de deslocamento temporário dos estudantes africanos para o Brasil, concretamente ao Nordeste Brasileiro, chama a atenção, além de assuntos relacionados aos seus países de origem, um outro fato interessante a lembrar: a questão relacionada aos seus processos de sociabilidade, inserção social e cultural desses estudantes num país com a existência de processos de discriminação e racismo. Imagine-se o que acontece com a percepção e a vivência destes estudantes, quase todos “pretos africanos” nesse contexto, em particular no interior do espaço acadêmico nesta diáspora, enfrentado os percalços de viver e conviver ainda que temporariamente, “fora de casa”.

Convém frisar que este trabalho não se trata de uma pesquisa sobre fenômeno social da migração, mas de uma perspectiva que procura analisar as dinâmicas sociais dos estudantes africanos em trânsito, no Recife e em Maceió; partindo dos princípios de que a mudança de contextos simbólicos ainda que temporário, e a exposição à diversidade, são úteis à reconstrução dos liames de sociabilidade e, por extensão, de reconfigurações de identidades; pois os processos de sociabilidade que delas decorrem constituem um dos aspectos fundamentais que terão proeminência nos próximos capítulos.

Trânsitos e conexões: os estudantes africanos no Brasil

Os fluxos de contingente de estudantes vindos das ex-colônias de Portugal em África aumentam cada vez mais nas regiões do Nordeste Brasileiro, quer em número quer em termos da diversidade de origem étnica, passando a apresentar um perfil escolar e etário que, pelas suas especificidades, contribui positivamente na reconfiguração do perfil do corpo discente, na dinâmica intercultural do espaço acadêmico e no processo de internacionalização do conhecimento promovido pelas instituições acolhedoras.

As experiências dos jovens angolanos, cabo-verdianos, guineenses e moçambicanos que fizeram travessia do atlântico na perspectiva de realizarem seus estudos nas universidades brasileiras, demonstram por meio de relatos, serem uma experiência fértil, na medida em que, apesar de estarem em trânsito, a interação com os brasileiros e de outros intercambistas estrangeiros e a troca simbólica que dela decorre no espaço intra e extra universitário nesta diáspora, cria uma atmosfera favorável para que esses atores sociais redesenhem imagens de si e dos “outros”, num processo de redescoberta dos próprios países de origem e de reclassificação do outro conforme diz (DUBAR 2000).

Neste sentido parece ser oportuno trazer a percepção de Bhabha acerca da circulação contemporânea de pessoas:

Encontramo-nos no momento de trânsito em que espaço e o tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Isso porque há uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção no “além”: um movimento incessante, que o termo francês *au-delà* exprime tão bem – aqui e lá, de todos os lados, *fort/da*, para lá e para cá, para frente e para trás (BAHBHA apud LOPES e BASTOS, 2010, p. 9).

Segundo Hall (2003) a proliferação de modalidades de identidades ambivalentes numa multiplicidade entrecruzada e dinâmica, das identidades culturais contemporâneas, cujo caráter é plural e plástico, contextual e interativo, mutável e entrelaçado. Parece, no entanto, que o próprio questionamento sobre as identidades e socialização reflete as dramatizações articuladas com experiências de mobilidade cuja ansiedade está encravada em molduras duplas de vida. Sposito (1993), ao revisitar os clássicos, verificou que desde Durkheim, desenvolveram-se reflexões sobre a socialização a partir de diversas perspectivas, de acordo com o próprio contexto histórico, com concepções distintas de sociedade, dos atores sociais e das interações, exprimindo modelos determinados de sociedade e de cultura. Hoje, vários autores questionam se tais paradigmas, produzidos no contexto de certa concepção clássica de sociedade, são capazes de explicar os processos sociais que ocorrem na sociedade contemporânea, no bojo das profundas transformações e de fluxos migratórios que vem ocorrendo nas últimas décadas (p. 161).

Para Dubet apud Sposito (1993, p. 178), os atores e as instituições não são mais redutíveis a uma lógica única, a um papel e a uma programação cultural de condutas, como era pensada a socialização na sociedade industrial¹⁵. Esse autor entende a socialização como processo pelo qual o indivíduo internaliza o coletivo, ou seja, através da socialização é que as ideias e valores estabelecidos pelo coletivo passam o constituir o indivíduo e pela apreensão destas é que ele adapta-se aos grupos que faz parte.

O estudo do processo de sociabilidade levado a cabo por

15 A esse propósito, Bauman (2001, 138) afirma que a sociabilidade é característica da modernidade líquida na qual os indivíduos não mais têm um grupo de referência pelo qual se pautam. Observa-se a emergência da multidão, na qual os indivíduos compartilham ações baseadas no instante em que se vive e nas condições semelhantes nas quais se encontram.

Baechler (1995) refere também às formas de sociabilidade como elemento central nas relações e interações sociais. Explica que os componentes mais elementares da realidade social são constituídos pelas múltiplas maneiras de estar ligado pelo todo e no todas as formas de sociabilidade que se combatem e equilibram em cada unidade coletiva. Para Sposito (1993, p. 174) os objetos sociológicos suscetíveis de revelar uma análise de sociabilidade são diversos: sociabilidade espontânea e as expressões organizadas da sociabilidade, o que visa diferenciar o regido, cerimonial, preestabelecido do mais espontâneo.

Para Baechler (1995, p. 8), a sociabilidade é o meio pelo quais as pessoas, independente de classe social se relacionam entre si de modo a gerar a maior interação entre elas e, conseqüentemente contribuirão umas com as outras para uma vida harmônica. O autor afirma que se pode falar de sociabilidade desde que se encarem as relações desenvolvidas por indivíduos ou por grupos, quando essas relações não se traduzem na formação de um grupo suscetível de funcionar como uma unidade de atividade. Pois, no contexto de uma sociedade em mudanças e de fluxos constantes, não oferece certezas e seguranças como no passado.

Hannerz (1992, p. 221) tratou do significado espacial do fluxo, observando a separabilidade, a coerência e os conteúdos de co-tradições que tanto poderiam ser exploradas em sua distribuição geográfica quanto em sua organização social e histórica. Tal movimento incessante, a que Bhabha se referiu, o qual propicia encontros, e conseqüentemente a percepção da diferença e a redescoberta de valores de identidade através de várias formas de sociabilidade envolvem também jovens estudantes oriundos dos países africanos de língua oficial portuguesa que vêm para o Brasil¹⁶.

Através do dialogo, da ação e da reflexão, os estudantes expuseram suas relações com os países de origem, independentemente da posição social dos interlocutores nos seus países. Aqui ela evolui no sentido de sua valorização, não foi apenas os países que foram valorizados no discurso, mas

16 Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. Texto disponível em www.scielo.br/scielo sob autoria de Ulf Hannerz. Acesso realizado em 29/09/2011.

os povos africanos, suas histórias, as comidas, suas músicas e a valorização unânime de um nacionalismo e de um projeto único ambicioso de contribuir para o desenvolvimento social e econômico de seus países de origem.

Como alguns entrevistados expressavam em seus depoimentos, ser africano lá e cá é sempre um grande desafio. Por cá, a imagem da África que predomina são seus aspectos negativos disseminada por todas as formas como a miséria, as doenças como a AIDS, a falta de educação, a instabilidade política, a corrupção e a má governança, pois alguns desses fatos são motivos de críticas dos próprios estudantes.

Apesar do suposto exagero que há nessa imagem, essas questões são fatores levados em conta pelos estudantes durante a tomada de decisão de estudar no Brasil ou de sair do país para outros destinos, e não abalam sentimentos de identificação e pertença em relação aos outros. Mas convivem com o que Boudieu (1999) chamou de violência simbólica, descrevendo-a como uma violência suave, insensível, imperceptível e invisível às suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas na interação.

E, como esses atores vindos das Áfricas carregam consigo uma série de estereótipos são, por isso, categorizados a partir de suas procedências, observando que é a própria sociedade que estabelece atributos considerados “comuns” e “naturais” para os membros de cada uma destas categorias. Portanto, a própria sociedade estabelece no ambiente de convívio social as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem nela encontradas. Segundo Goffman (1982, p. 12), quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos permitem prever a sua categoria, os seus atributos e a sua identidade social. Baseando-se nessas percepções, nós a transformamos em expectativas normativas, em exigência apresentadas de modo rigoroso.

No entanto, seus processos de sociabilidade corresponderiam com os atributos que a pessoa na realidade prova possuir e

se auto-identifica e é identificado por “outros”. Tais atributos são essenciais ao convívio social. Goffman (1982) logo no prefácio do seu livro *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada* considera estigma como a situação do indivíduo ou grupo que está inabilitado para aceitação social plena.

Na perspectiva de estigmatizado, muitos cientistas sociais europeus, norte americanos e brasileiros observam que a percepção da exclusão parece ser maior quanto mais baixo é o lugar de classe ou, ainda, quanto maiores os contrastes. Kaly (2001, p. 33) contesta esta perspectiva afirmando que a exclusão e a discriminação baseada na tonalidade da cor da pele no Brasil estão sempre na vida cotidiana. Este sociólogo senegalês demonstra que o estudante africano tem sempre que mostrar ou provar que não “é aquele que pensam que é”. Segundo Kaly (2001), a grande maioria de cientistas sociais continua sustentando que a violência racial no Brasil seria mais ligada à situação social das pessoas negras: “O negro vítima da violência é o negro pobre”. Por que, então, os estudantes universitários (de ambos os sexos) pretos africanos que já estão numa condição social média alta, conferida pelo nível escolar, sofreriam quase cotidianamente um estigma fundamentado nas características raciais? A questão é relativamente problemática para aqueles que ainda operam com algumas categorias analíticas tradicionais de Casa Grande e Senzala.

A percepção de racismo envolvendo os estudantes de acordo com os lugares de classe poderá finalmente ser compreendida se pensarmos na situação e circunstância em que se deu a inscrição da primeira diáspora africana na sociedade brasileira. A meu ver a avaliação do passado da negritude brasileira é essencial para a compreensão de processos de sociabilidade da nova categoria de estudantes presentes nas universidades brasileiras vindos da África através de acordos bilaterais.

Quando os estudantes chegam ao Brasil

O sentimento de valorização dos países de origem foi revelado por quase todos os entrevistados. Os estudantes parecem compartilhar simultaneamente nesta diáspora as identidades, os valores e símbolos especificamente juvenis de grupos aos quais se identificavam nos seus países de origem. Contudo, verifica-se também o vagaroso processo de integração da cultura dos valores e símbolos das cidades acolhedoras. Aos poucos vão formalizando projetos pessoais e coletivos de longo prazo mediante a interação com os professores e estudantes e, assim, vão redefinindo suas relações identitárias continuamente, através de novas formas de sociabilidade.

Para Hall (2003) a identidade não é a coisa com a qual se nasce, mas é formada e transformada no interior de representações e num processo interativo. Ele ainda acrescenta que as identidades se constroem com os elementos da história, de memórias individuais e coletivas, opiniões pessoais, religião e de diferentes aparatos de poder.

O fato é que o trânsito ou circulação causa em graus diferentes o desenraizamento dos indivíduos. Tais processos geram certamente nesses estudantes universitários, com faixa etária compreendida entre 19 e 25 anos, insegurança pelo rompimento temporário de vínculos sociais, familiares e pela perda de referências culturais, ainda que as redes midiáticas contemporâneas contemplem em termos de informação todos os lugares do mundo, mas as notícias sobre a África parecem sintomáticas, somente predomina “o lado negativo”, sobretudo nos órgãos de comunicação social brasileira, podendo levar, entre outros fatores, à formação de conceitos distorcidos sobre o continente, baixa auto-estima do segmento da população brasileira de origem africana e a tristeza dos africanos que vivem na diáspora.

Foi ao chegar ao Brasil que Nícia Tavares, de 24 anos, descobriu outro lado de Cabo Verde. Para essa estudante de jornalismo na UFAL, “é sempre gratificante, poder

comparar com aquilo que você tinha anteriormente aquilo que é seu em termos de pertença mesmo”:

“Em Cabo Verde as pessoas sempre pensam outros lugares a partir de onde você está, mas compreendi que não é bem assim e, você enriquece quando passa a dar valor aonde veio, na medida em que quando estamos em casa sempre pensamos que estar fora é sempre melhor. Eu tinha do Brasil a ideia de um Brasil das novelas onde todo mundo é romântico e muito mais, mas quando cheguei percebi que tem problemas aqui bem piores que em Cabo Verde, que é um país africano”, conta Tavares (Entrevista, 13/01/2011).

A vinda de Dionísio Casimiro ao Brasil está atrelada a avanços que o país conseguiu no campo da tecnologia, como ele assinala: “o que me motivou a estudar no Brasil é que em termos tecnológicos o Brasil é um dos países que está nessa fase de um crescimento mais avançado em relação ao nosso país, então foi este um dos motivos que me incentivou a estudar no Brasil, de modo que possamos ter uma formação melhor adequada, depois voltar e mostrar o que a gente aprendeu no Brasil e para reconstruirmos nosso continente e em particular a Angola”.

Esse estudante angolano de 23 vinte e três anos de idade revela: “é difícil estar no meio de pessoas que olham para você com um certo estranhamento, e admiram você com base nas ideias que se tem do lugar onde você veio”. Para Hall (2005, p. 9) o desafio que esta situação acarreta leva o estrangeiro à luta para difundir a realidade cultural ao qual se identificava. Neste sentido, lembram Elias e Scotson (1994) de que é fundamental a manutenção da memória combinando e renegociando pontos de cultura da sua própria sociedade e da sociedade acolhedora.

Há casos em que alguns dos nossos interlocutores lembraram que o Brasil para eles sempre será uma verdadeira escola, não uma escola que se encerra quando terminar o curso e receber o diploma de curso superior, mas uma experiência para a vida e a ser ensinada a outra geração de africanos que vierem estudar no país. Ismael Gaspar em uma conversa informal

afirma: “Pernambuco como a casa onde moro há quase cinco anos e a UFPE como uma verdadeira escola revela em mim um sentimento que antes não sentia, portanto, sinto-me “mais guineense”, eu sou mais guineense do que eu era em Bissau, mas acho que só tive essa certeza pelo fato de ter vindo aqui e, com certeza esse sentimento em relação ao nosso continente e ao meu país foi a distância que me deu, agora acho que posso ser um cidadão do mundo e um bom cidadão do meu país”.

“Estar lá significa ‘estar em casa’, estar aqui significa estar ‘fora de casa’. Aqui só se vive a memória de experiências, de sensações e lugares, em família ou em épocas do liceu, com os amigos”, expressa Sonia André, moçambicana de 34 anos de idade. Memórias e experiências “em casa” alimentam nesta diáspora pertencas, e afloram marcas de identidades dos estudantes, pois, lembranças do que foi vivido na infância fortalecem a ligação desses atores sociais com a África e com seus países, sobretudo as etapas de constituição do *habitus* (BOURDIEU 1980). Percurso normal de vida imolada em muitos casos por bem das próprias nações em construção, como disse Sonia André, estudante de música: “A minha motivação a vir ao Brasil, talvez seja diferente de maioria dos estudantes africanos do PEC-G: eu sou funcionaria pública em Moçambique sendo a primeira educadora musical do país, daí o governo achou por bem vir aprofundar estudos nessa área de educação musical por bem do próprio país”.

O incentivo de vir estudar no Brasil, para muitos estudantes também tem a ver com a falta de Instituições de Ensino Superior nos países de origem, por exemplo, seria, então, o caso da Lissy Pinheiro, de 20 anos de idade segundo a qual afirma: “primeiro de tudo é que lá em Cabo Verde não tem uma faculdade de nutrição onde podia me formar então aqui no Brasil tinha essa possibilidade e também escolhi logo Recife neh, porque a temperatura o ambiente é muito parecido com Cabo Verde e a nutrição como tem muito haver com a geografia também isso foi determinante na escolha, mais ou menos isso”.

Em África, nomeadamente nos países de língua portuguesa,

as infraestruturas escolares foram destruídas em mais de uma década de lutas de libertação seguidas também por décadas de conflitos sociais internas em Moçambique, Angola e Guiné-Bissau. Documentos que analisam o desenvolvimento humano e o progresso, dentro do PNUD¹⁷, apontam a situação educacional precária como consequência drástica no potencial da população jovem.

Nesse contexto, de maneira mais ampla, os países africanos ainda sofrem muito com as difíceis perspectivas de melhoria nos níveis fundamentais e médio de educação de suas populações. Na virada do milênio, o Brasil e os PALOP assumem importantes compromissos institucionais, numa perspectiva de troca que pode ser relacionada com a reciprocidade de que falava (MAUSS 2003). A dádiva pode ser considerada como básico para a criação de vínculos sociais e institucionais. Se o ensaio de Mauss¹⁸ sobre a dádiva é válido para explicar o funcionamento das sociedades tradicionais, continua sendo importante para refletir sobre a reciprocidade de acordos econômicos e políticos contemporâneos entre o Brasil e os PALOP, ainda que cidadãos destes países hoje estejam situados em um mesmo “plano de poder” de circulação de pessoas, de negociação e das oportunidades.

Marcelino Caetano, mestrando em administração fala de fatores que determinaram a vinda ao Brasil: “o que me motivou a estudar no Brasil, na verdade foi oportunidade que o Brasil concede aos cidadãos guineenses através desse programa, esse protocolo assinada pela Guiné-Bissau e o Brasil, então na época eu estava fazendo um curso técnico e soube da publicação feita pela embaixada do Brasil em Bissau, com relação às bolsas que eram concedidos para quem quiser estudar no Brasil, então na verdade a motivação foi oportunidade que o programa ofereceu e também por questão da língua, esse foi outro motivo. O Brasil fala português, e de alguma forma fica mais fácil você estudar num país, no qual você não precisa passar dois ou três anos aprendendo a língua, essas foram razões que me motivaram”.

Oswaldo Gonçalves caracteriza como fato inédito o acordo

17 Documento disponível em <http://www.mirror.undp.org/angola/linkRTF/M DG%20Relatorio%20Outubro%200003.pdf> Acesso em 23/07/2010.

18 A teoria de Mauss de que a troca perpetua as relações sociais teve também a influência na obra de Lévi-Strauss, mas este defende que a estrutura criada por este tipo de atividade, digamos, de troca, é determinada pela estrutura do pensamento humano (MAUSS, 1999, p.102).

educacional entre o Brasil e os países africanos: “Eu acho que desde que nasci à coisa mais bonita que eu vi no nível da política nas relações entre estados soberanos foi esse convênio que o Brasil tem com países em vias de desenvolvimento. Eu não tenho palavras para descrever a importância deste acordo; é uma ajuda enorme. Neste sentido, só tenho que agradecer o governo brasileiro, que iniciativas como essa se multiplicam”, confessa esse estudante angolano de 22 anos idade. Se a pertença a um determinado país ou uma determinada nação e cultura, por um lado esteja ancorada ao passado, observa-se que no caso dos estudantes é também projetada no futuro, ainda que incerto. Vagner Bijagó, de 28 anos, conta: “quando estava vindo ao Brasil na minha cabeça delineei que vinha para estudar no Brasil e voltar para o meu país de origem que é a Guiné-Bissau, e dar a contribuição para o desenvolvimento do país”.

O relato acima demonstra que as expectativas dos estudantes também giram em torno dos seus países. Osvaldo Gonçalves, graduando em administração, afirma; “Eu tenho expectativa se depois da graduação, se tiver oportunidade, de fazer mestrado ou especialização, para somente depois retornar ao meu país e contribuir na reconstrução e melhoramento do país. Essas são minhas expectativas para o futuro”. É neste plano de otimismo e contrastas que o conveniado palopiano inicia seu percurso acadêmico quando chega ao Brasil e vai paulatinamente estabelecendo redes de relacionamento, redes essas necessária para sua integração e para a sua manutenção na universidade e na cidade que o colheu.

Permanência e manutenção

Para conseguir a tão desejada formação no Brasil, esses jovens estudantes enfrentam dificuldades de várias ordens, principalmente institucionais e financeiras de manutenção. Os estudantes vinculados ao PEC-G encontram nas universidades de destino desafios com questões que vão desde a ausência de um suporte oficial de acolhimento, acesso à moradia, até

a regularização da estadia no Brasil. “Eu acho que como a gente vem de outros países e, não sabe o que vai encontrar aqui no Brasil, concretamente na cidade de destino, queria nesse sentido dar uma dica principalmente à universidade que fez pacto com o programa de criar condições de nos receber, de mostrar o caminho melhor na federal, porque o campus da UFPE é enorme tem várias coisas. Já estou fazendo três anos aqui que ainda não sei o que é, acho que precisa de mais informação para a gente que vem de outro país, seria uma forma de *melhorar* o acolhimento”, conta Lissy Pinheiro, graduanda em nutrição.

Os estudantes entrevistados apontam falhas no programa do convênio e os mesmos anunciam por meio de discurso os ajustes necessários: “não tenho muito a reclamar, mas talvez algumas coisas pudessem ser melhoradas, certas coisas que ocorrem com a gente podem ser trabalhadas, às vezes você chega, fica um pouco perdido neh, se não fossemos africanos que eu encontrei em Recife, não sei se iria conseguir estudar. Foram eles que me mostraram tudo, me ensinaram muita coisa, o resto, fui aprendendo aos poucos. Se não for isso, você chegaria aqui e iria embora porque não tem como você se sentir bem num lugar onde você não conhece ninguém; o próprio pessoal da universidade não dá atenção, na hora não tem ninguém assim para conversar, para falar, não é para dar dinheiro ou dar outra coisa, eu acho que essa conversa está faltando na chegada e durante o curso não tem ninguém que pergunta, o que está acontecendo, você reprova não tem ninguém que procura saber o que houve com você, não é para diferenciar com outros estudantes porque é africano, mas tem coisas que a gente tem mais dificuldade, acho que falta um pouco disso de chegar e perguntar o porque que tal fato aconteceu”, reclama Nadia Delgado, estudante cabo-verdiana de 21 anos de idade.

Outro fato registrado pelos entrevistados está relacionado com questões sobre a manutenção financeira no Brasil. Este fato parece ser decorrente dos próprios termos de acordos de cooperação que prevêm assinatura do termo, por parte

dos pais dos estudantes selecionados, o compromisso de capacidade econômica de manter o estudante no Brasil mediante envio de quatrocentos a oitocentos dólares por mês. Já além do mais no Brasil, os conveniados são proibidos de exercer quaisquer tipos de atividades remuneradas, não obstante, poucas famílias têm verdadeiramente condições de assegurar mesadas de seus filhos no Brasil (MANUAL DO PEC-G, 2000, p. 29).

Marcelino Caetano lembra: “outra questão que eu aponto e que talvez seja uma dificuldade de todos os estudantes guineenses e de outras nacionalidades também, seria a questão financeira, chegamos ao Brasil com uma crença e muita coragem de atingir objetivos de ter um futuro melhor e, os nossos pais assumem esses compromissos de alguma forma para a gente vir estudar, mas nem sempre eles têm condições de enviar recursos, isso de alguma forma faz a gente passar dificuldades, mas com o tempo a gente consegue transpor, então a questão financeira é outro ponto que eu posso apontar como dificuldades enfrentadas aqui”.

Este fato também foi lembrado por Olívio Mila, de 25 anos: “Bem, é meio difícil passar o mês com dinheiro da bolsa porque as contas são sempre altas, quando chega ajuda financeira só pagando as dívidas já não resta nada e não dá para suprir outras necessidades, infelizmente não dá”. Nadia Delgado, graduanda em odontologia, confessa que precisa mais de apoio financeiro para aquisição de materiais didáticos: “Bem, eu faço Odontologia, então é assim, se eu usar dinheiro da bolsa só para pagar aluguel e pagar outras despesas doméstica, assim sei lá, até que dá para passar o mês com dinheiro da bolsa, mas para outras coisas como comprar materiais do curso, livros, essas coisas, não dá não”. Ruben e Miele, ambos de Cabo Verde, confessam que recebem apoio dos pais: “mas, assim, não é todo mês, só peço aos meus pais quando realmente preciso neh, meu pai me ajuda principalmente agora que está começando período que eles me ajudam, não todo mês toda a hora, mas quando precisar eu sei que posso contar com ele”.

Dionísio Casimiro, estudante de Engenharia Geológica, recebe bolsa do governo angolano e explica os exercícios que precisa fazer para dar conta das exigências acadêmicas com pouco dinheiro: “olha, eu esforço muito para chegar final do mês com algum dinheiro no bolso é uma economia terrível que tenho que fazer porque o dinheiro da bolsa já é pouco e além do pouco atrasa, e quando chega já tem muitas coisas para pagar, comprar livros; aqui é complicado, mas às vezes é melhor estudar com o livro porque às vezes a copia não sai bem, então tem aquela necessidade de comprar mesmo o livro original para ver se facilita a compreensão de conteúdo da matéria, às vezes a matéria já é difícil, imagina estudá-la com xerox”.

Neste sentido, algumas Universidades no âmbito de suas deliberações internas oferecem benefícios aos alunos estrangeiros por meio de assistência acadêmica, bolsas de trabalho ou estágio remunerado. Em setembro de 2005, a Secretaria de Ensino Superior (SESu) através de seu Departamento de Política da Educação Superior, desenvolveu o Projeto Milton Santos de Acesso ao Ensino Superior – Promisaeas - que oferece apoio financeiro no valor de salário mínimo aos estudantes vinculados ao PEC-G e oriundos principalmente dos países africanos.

O Promisaeas está restrito aos estudantes matriculados nas Instituições Federais de Ensino Superior-IFES. Somente pode beneficiar-se da bolsa/Promisaeas os estudantes que não exerçam atividade remunerada, mesmo que voltada para fins curriculares e de iniciação científica. A seleção contempla os seguintes critérios:

Situação do visto junto à Polícia Federal; análise da condição socioeconômica; rendimento acadêmico; frequência escolar; atendimento às normas contidas no Protocolo PEC-G em vigor, principalmente no que se refere às Cláusulas 10 § 2º e 17 § 1º ao 8º; previsão de envolvimento do aluno em atividades acadêmicas, relacionadas com o curso de graduação ao qual está vinculado, de ensino, pesquisa e/ou extensão, em que pesem, preferencialmente, as contribuições do contexto cultural e social do país de origem,

apresentar extrato bancário próprio de três últimos meses antes de início da seleção e de rendimento familiar mensal (MANUAL PEC-G, 2000, p. 19).

O processo seletivo de bolsa Promisae acontece anualmente, geralmente no mês de janeiro, mas às vezes os estudantes selecionados passam quatro meses sem receber a bolsa. No caso dos estudantes de Guiné-Bissau, cuja maioria apenas tem a promisae como única fonte de renda, vive-se meses de angústia: alguns são despejados de residências alugadas e outros passam fome sem poder alimentar-se bem para prosseguirem seus percursos escolares. Vagner Bijagó, mestre em sociologia pela UFAL, resume: “a maior dificuldade que enfrentei aqui acho que é a dificuldade, que todos os estudantes enfrentam. A dificuldade financeira”.

Oswaldo Gonçalves fala: “a maior dificuldade aqui para mim foi encontrar e negociar a casa para morar, porque aqui não conhecemos ninguém e os proprietários não confiam na gente, eles exigem coisas demais, talvez para não dizer não, assim na tua cara. Essas coisas, então foram a situação mais difícil que no momento posso mencionar, aliás, até agora, para manter a casa é difícil”.

Convém lembrar que os estudantes africanos das duas universidades pesquisadas não possuem, pelas normas internas, direito de residir nas dependências da residência universitária, esta situação de alguma forma afasta os conveniados dos seus colegas universitários possuidores da mesma condição social e, propicia que estes procurem outros espaços de convívio social.

Lugares, convivências e adaptação

Os nossos entrevistados que moram em Recife expuseram também as dificuldades inerentes aos processos de adaptação, alguns com mais de dois anos na cidade do Recife, ainda afirmam que estão na fase de adaptação. Olívio Mila, graduando em direito, revela: “eu acho que situação que os

estudantes africanos passam é a integração social, nós somos de uma cultura diferente, você chega aqui, encontra aquele choque cultural da tua realidade, diferente de que você encontra aqui”. Nelson Manuel, de 21 anos, vislumbra as dificuldades no próprio sistema curricular brasileiro: “número elevado de disciplinas, pesado demais”. “Para os brasileiros, parece fácil estudar, mas para a gente acho que existe uma cobrança excessiva de passar em todas as disciplinas, não pode reprovar, ninguém consegue relaxar e fazer amigos fora da própria comunidade ou da turma e aproveitar para conhecer outros lugares da cidade”, conclui Nelson, estudante de ciências políticas.

Eugenio e Moreira, ambos residentes em Recife há dois anos, lembram que a adaptação foi também a dificuldade encontrada: “a dificuldade que eu encarei foi mesmo a questão de adaptação cultural diferente, pessoas novas e sotaque diferente, então a maior dificuldade que eu tive foi para compreender quando o professor transmite a matéria, porque é meio complicado, mas depois de primeiro período, de seis meses, as coisas começaram a ficar tranquilas”.

Apesar disso, observamos na cidade de Maceió que existe um processo rápido de adaptação, não porque nesta cidade os estudantes possuem menos carga horária de disciplinas, mas a cidade em si é pequena e a própria universidade oferece um ambiente favorável para os estudantes e para convivência. “As pessoas são receptivas, alegres e estão sempre dispostas a interagir e participar de seus problemas como se fosse deles, só para ajudar”, diz Nícia Tavares. Kevin Andrade, cabo-verdiano de 24 anos, lembra que os problemas sempre surgiam nas refeições: “eu lembro no começo, na hora de almoço, no restaurante universitário, era horrível, eu não tinha hábito de comer feijão todos os dias como aqui, mas tive que me acostumar e me deparei também com problemas de adaptação, são coisas novas, lugar novo e novas pessoas, cultura e costumes diferentes, aí tem tempo para você se adaptar, você aceitar e entender e saber lidar e viver com isso, então a minha dificuldade maior foi essa”.

Muitos dos interlocutores lembram que, no início, as diferenças que também representam a maior dificuldade são de comunicação: “Às vezes aparece uma diferença enorme no português falado aqui, eu acho que já aconteceu comigo, eles te interpretam mal. Você faz uma pergunta e eles te respondem outra. Às vezes não se entende bem. Sotaque contribui nisso, mas eu acho que pela própria construção da frase ser diferente, não sei”, testemunha Sonia André.

No que diz respeito aos processos de adaptação, observamos que os estudantes palopianos da UFAL adaptam-se mais rapidamente à cidade e ao convívio universitário na medida em que têm acompanhamento de técnicos da Pro-Reitoria de Graduação por meio de reuniões semestrais de avaliação de percursos de estudante e, pela própria iniciativa da universidade através da Pro-Reitoria Estudantil na qual abriu-se a linha África de comunicação onde todos os estudantes do PEC-G têm possibilidade, pelo menos duas vezes por mês, de contatar via telefone, gratuitamente, os familiares e parentes em África e em outros lugares do mundo, além de espaços coletivos de participação, de sociabilidade e de interação com seus congêneres brasileiros criados e mantidos pela instituição. Pois, os estudantes da UFAL ainda possuem o espaço próprio de interação de trocas e sociabilidades criado por estes, designado Semana da Cultura Africana instituída desde outubro de 2004.

Durante dois anos de convívio com os jovens estudantes do PALOP na cidade de Recife e de inúmeros encontros com estes em diversas ocasiões no Campus da UFPE, nos bares e restaurantes nos arredores do bairro Cidade Universitária e de quase sete anos de estadia em Maceió, concretamente no bairro do Farol e no Campus A. C. Simões, pude enfrentar e compreender (*in loco*) um certo tormento pelo qual passam os estudantes de convênio nestas instituições, acarretado às vezes, pelo despreparo de certos servidores que lidam diretamente com os estudantes conveniados.

Apesar das particularidades existentes no que diz respeito aos processos de sociabilidade dos palopianos, todos se

queixam de vazio histórico sobre a África e de um espantoso desconhecimento das realidades da África contemporânea por isso são vistos e tratados porque carregam consigo estereótipos de uma África selvagem¹⁹.

De fato, constata-se com clareza que há um imaginário social enraizado no Brasil que vincula o africano aos estereótipos de selvagens e não conhecedores da vida urbana, pois são quase sempre solicitados a falar dos animais, da miséria ou da guerra, como se tais fatos fossem um dado “natural” na África. Com efeito, fica claro que a referência simbólica que prevalece do africano no Brasil é ainda de uma África mítica.

Todos estes fatos têm propiciado a esses estudantes a construção de uma rede limitada de relacionamento e de diálogo com seus congêneres brasileiros. Com efeito, eles restabelecem e fortalecem suas redes de sociabilidade nesta diáspora em formas de comunidades nacionais por meio de contatos pessoais endógenos e de relações afetivas entre si. No caso dos estudantes da UFPE, poucos conseguem estabelecer relações afetivas com os brasileiros/as, alguns dos nossos interlocutores percebem tais fatos como constituintes da história de escravidão que marca o negro na sociedade brasileira, porém o passado que reflete, por um lado, algum conservadorismo e, por outro, estigmas, imagens e estereótipos que se reproduzem por desconhecer o continente africano de hoje.

Muitos estudantes brasileiros parecem querer instituir vínculos afetivos com estudantes africanos, possuidores de uma educação refinada alcançada pelo nível escolar. Mas há o preconceito, pois na sociedade brasileira o “preto” é e será sempre tratado como pessoa vivendo à margem da cidadania, periféricamente integrada à sociedade, como bem reflete o depoimento de dois estudantes africanos:

“Se eu casaria com uma brasileira? Bem, essa pergunta é difícil de responder, mas para mim se aparecer uma menina, eu gostar realmente dela e ela gostar de mim e me aceitar a gente tiver afinidades, sei lá se as coisas derem certo, não tem problema nenhum.

¹⁹ No início do mês de junho de 2011 quando escrevia esta dissertação chegava à casa dos brasileiros a triste notícia, pela TV, sobre um estudante Nigeriano de PEC-G, Nuhu Ayuba, na qual o professor de Engenharia Química da Universidade Federal de Maranhão/UFMA manda “voltar à África” e “clarear sua cor”. E, professor ainda em sala de aula faz chacota com a pronúncia do nome do colega relacionando com a expressão “no cu”; disse que o colega é péssimo aluno por que “somos de mundos diferentes” e que “aqui é diferente da África somos civilizados” inclusive perguntando “com quantas onças já brigou na África?” (Fonte: Agência de notícias da UFMA. Acesso, 02 de julho de 2011).

Eu casaria sem problemas, desde que a gente tenha algumas coisas em comum”, diz Olívio Mila (Entrevista: 20/02/2011).

“Eu não sei responder isso, porque nunca namorei brasileiro para saber assim, concretamente, essa possibilidade de casar ou não com um brasileiro”, diz Nícia Tavares (13/01/2011).

Durante o trabalho de campo nas duas cidades nordestinas, de fato verificamos que existem poucos jovens palopianos/as com vínculos afetivos com as colegas do próprio curso ou da faculdade ou da própria universidade, principalmente na cidade de Recife talvez, como diz Goffman (1982, p. 14), as questões identitárias estão alicerçadas na interação, mas também na história. Embora se fale muito de afinidade cultural entre Brasil e África vislumbra-se uma grande diferença e, quem sabe, serão até mesmo reforçadas. Curiosamente, a ausência de relações afetivas entre palopianas, nomeadamente as angolanas e as guineenses, têm sido percebidos por alguns colegas brasileiros das duas cidades do Nordeste. Muitos brasileiros consideram as jovens palopianas muito fechadas e não se relacionam com facilidade.

O fato caracterizado por Vagner Bijagó como “voltar para si”. Importa observar que quase não existe nenhuma forma de relação afetiva das palopianas com os brasileiros se comparado aos vínculos afetivos existentes entre os rapazes palopianos com as jovens estudantes brasileiras. Nesta perspectiva é imprescindível trazer para esta reflexão o julgamento originado no universo feminino palopiano. Verônica, angolana, de 22 anos afirma:

“Somos vítimas de preconceitos de todos os tipos, um homem branco brasileiro jamais namoraria uma negra aqui em Recife, ainda uma “africana preta”, quando digo uma africana preta, refiro-me a todo o estigma que gira em torno da gente, isto, já é um fato. Não adianta você querer se envolver com alguém independente de ser daqui ou não, só porque isso lhe faz bem, coisa do momento como muita gente faz. Acima de tudo, eu vi que homens daqui não respeitam mulheres e, meninas daqui não estão nem aí, não respeitam a si mesmas. Não sei se isso é cultural, mas, eu particularmente prefiro

ficar fora disso, porque não tenho interesse de estabelecer vínculos frágeis e efêmeros apenas” (Entrevista, 18/06/2011).

Tendo em vista a dialética das palopianas com os rapazes brasileiros surgem, com efeito, a percepção da diferença. Nícia Tavares, estudante de jornalismo narra trechos de uma história vivenciada que são de alguma forma flagrantes e que apontam para o auto-fechamento das palopianas: “uma vez, fui participar, junto com colegas de curso, de uma festinha só entre a gente mesmo, só tinha eu de fora, não fiquei lá por muito tempo, mas foi tempo suficiente para ficar muito assustada da forma como eles falavam das meninas com as quais tinham ficado em ocasiões diferentes. Eu fiquei ofendida com a forma inoportuna de um homem falar de uma mulher com quem você dormiu daquele jeito. As pessoas contam tudo até com os pormenores umas para outras, eu acho isso um excesso. Por isso, não adianta querer coisas assim sem respeito das partes, mas ao contrário da gente, alguns rapazes palopianos namoram ou já ficaram com as brasileiras, isso é normal essas coisas são fáceis para os homens, eles até não olham para a gente porque acham que somos chatas e difíceis e vão logo onde encontra mais facilidade neh”.

Contudo, se fizermos uma análise breve sobre a “facilidade” dos rapazes palopianos de ficar com as “meninas do Brasil” de que Tavares nos fala percebemos que tais fatos são movidos por vários fatores, dentre os quais, destacamos que se realmente existe facilidade dos rapazes palopianos em estabelecer relações afetivas não seria apenas por razões de existência de alta demanda pelos homens, devido ao número excessivamente elevado de mulheres solteiras se comparada ao de homens solteiros no Brasil concretamente nas cidades pesquisadas²⁰, mas também talvez fosse como demonstra Kaly:

“Muitas pessoas acreditam que o Brasil tem as mulheres mais lindas do mundo por causa da mistura das “três raças”, o que de alguma forma constitui uma das primeiras vontades de conhecer este país, as belezas da tropicalidade brasileira são cartões postais das agências turísticas mostrados fora do país, cheias de graça,

20 Segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualmente, há 95,9 homens para cada 100 mulheres, ou seja, a população feminina ultrapassa em 3,9 milhões a masculina. Em 2000, eram 96,9 homens para casa 100 mulheres. No total, o Censo contabilizou 97.342.162 mulheres e 93.390.532 homens no País. Fonte: <http://www.ibge.gov.br> – Acesso realizado em 29/09/2011.

esculturas perfeitas que realmente enlouquecem. Aqui há gente de todas as origens étnicas e para todos os gostos. Porém, em outros lugares não há a exclusiva arte desenvolvida por mendelianos. Isso faz com que “querer” uma brasileira talvez seja vontade de todos os palopianos”. (2001, p. 101).

Outro fator menos importante, mas que pode perfeitamente ilustrar de alguma forma certos “encantos”, seria a constatação de que há muitos casos em que os encontros de rapazes africanos com as “meninas do Brasil” também são movidos por preconceitos em que o imaginário feminino elege o homem “preto” como dotado de uma capacidade muscular extraordinária, e por esta razão satisfaria sexualmente, mas não para durar e que por isso mesmo não é o homem com o qual se deva ter uma relação afetiva duradoura. “Muitas colegas já me procuraram para saber da veracidade deste fato”, conclui Verônica, estudante de Comunicação, Rádio e TV na UFPE.

De uma maneira geral, as diferenças são históricas e tendem a permanecer, portanto, muitas Instituições de Ensino assim como seus integrantes ainda não estão devidamente preparados para conviver e aceitar as diferenças. Apesar disso, Delours (2001, p. 47) lembra que qualquer forma de conhecimento das outras culturas torna o indivíduo consciente da singularidade da própria cultura, mas também da existência de um patrimônio comum ao conjunto da humanidade.

Sinto-me angolano, brasileiro, cabo-verdiano, camaronês, congolês, guineense, moçambicano, são-tomense. Sinto-me tudo isso e, muito mais, mas todos esses sentimentos identitários somente resultariam da relação com outro por meio da sociabilidade, e muitas vezes de uma identificação com o outro. A afirmação da minha identidade não depende apenas da forma como eu pretendo me afirmar, mas também da reação do outro a essa afirmação. A experiência social que gera e afirma a identidade origina-se no jogo social das relações interpessoais nas quais os indivíduos, numa situação de desempenho de papéis sociais, trocam símbolos

e imagens, mas a interação social não se manifesta apenas ao nível interpessoal, mas também ao nível estrutural, isto é, da cultura, das instituições, da história ou das ideologias, lembra (SIMMEL 1981).

No entanto, observamos que, tanto para fora ou dentro de grupos nacionais, há alguns dos nossos entrevistados que conseguem imergir de alguma forma na sociedade e no ambiente cultural das cidades acolhedoras, sociabilizando-se e interagindo-se indiscriminadamente. Esta iniciativa pode estar fundamentada numa atitude de abertura à diversidade cultural na busca de identificação, de inserção e coesão na relação com os outros. São os casos que, por exemplo, Vagner Bijagó destaca: “o número de africanos aqui é menor se comparada aos brasileiros, mas eu sou uma das pessoas que tem muita facilidade de fazer amizade, portanto, tenho muitos amigos brasileiros e também amigos africanos, mas acredito que tenho muito mais amigos brasileiros do que africanos”.

Já no caso de Olívio Mila é diferente: “Eu tenho mais amigos africanos porque são de convivência mesmo, por afinidade. Eu tenho amigos brasileiros sim, mas a maioria é da faculdade e alguns aí nos arredores, mas a maioria é mesmo da África”. Sabrinne Forte, cabo-verdiana de 22 anos, mora há mais de três anos em Recife, e fala de seus amigos do mesmo país, dos amigos angolanos, guineenses e pernambucanos. E afirma que: “esse contato é enriquecedor culturalmente”.

O fato é que a maioria dos entrevistados com menos tempo no Brasil, tende a alargar efetivamente redes de sociabilidade na direção dos conterrâneos, às vezes aos africanos de outras nacionalidades numa perspectiva muito seletiva. Neste sentido, ao limitar-se o raio de convivência aos grupos de afinidade, segundo (Machado, 2002, p. 71) “não se permite o conhecimento do outro, nem a superação de estigmas, o estabelecimento possível de uma relação de qualidade. Marcelino Caetano, um dos estudantes mais antigos em Maceió, conta: “Atualmente posso dizer que tenho mais amigos brasileiros do que africanos, ou seja, amigos mesmo para quem eu conto meus segredos e com quem tenho

mais me relacionado são brasileiros, até pelas questões mais profissionais”. Há três interlocutores que, quase exclusivamente, se relacionam com brasileiros: entende-se isso ao fato de estarem no Brasil há mais de sete anos, já no curso de mestrado, e tendem por esta razão a orientar as suas sociabilidades em direção aos brasileiros, na maioria colegas do curso ou da profissão.

Em relação aos estudantes que estão na fase inicial da jornada no país, configura-se uma situação de quase auto-fechamento relacional, sobretudo das comunidades africanas da UFPE, muitos sentem dificuldades em fazer novos amigos. O desconhecimento da África constitui um verdadeiro obstáculo. Para muitos estudantes, há uma tensão constante na interação. Nadia Delgado diz: “eu me relaciono mais com colegas do meu país, mas assim, não é uma preferência, mas é uma coisa assim, meio que infelizmente tem essa coisa de evitar entendeu, às vezes mesmo sem querer você acaba fazendo essa divisão, mas já convivo com pessoas de outros países e a gente se dá super bem, mas não é a questão da preferência”.

De fato, há sempre uma forma indelicada de estabelecer o diálogo. “Umavez na Praça Treze de Maio (Recife) testemunhei, quando um senhor de quarenta e cinco anos se aproximou de nós e perguntou: Vocês são de onde? Respondemos, nós somos da África-Guiné-Bissau. Ele replicou, ah já sabia, lá é muito primitivo neh? Aqui vocês estão muito bem, não voltem mais para lá, fiquem aqui, concluiu. Bem, isto parece ser suficiente para não sair de casa. Às vezes, os indivíduos fazem uso de todas as suas forças para evitar determinados encontros que podem vir a atrapalhar a sua vida cotidiana. Mas às vezes parece que o indivíduo já foi escolhido pelo destino para cumprir certas missões ou carregar certos tipos de cruz”.

Quando penso neste evento, fico a pensar o papel que podem desempenhar o cinema e a televisão. Apesar de conviver no meio de estudantes universitários e dos funcionários federais, todos os estereótipos dos filmes de Tarzan, e outros produtos

televisivos feitos nas florestas africanas, estão aí presentes, e seguem conquistando também o imaginário da comunidade intelectual, servindo às vezes até de ferramentas pedagógicas para exemplificações negativas por parte de educadores.

Por exemplo, se os filmes hollywoodianos mostram, de um lado, um branco com alta consciência ecológica e, do outro, africanos cruéis, bárbaros e “sem nenhuma civilização”, como é o caso do filme “Um Príncipe em Nova York”, com Eddy Murphy, um ator negro norte-americano. O mesmo filme também mostra a extravagância de um nobre africano que pretende encontrar uma mulher branca em Nova York. Esses filmes criam estereótipos que perduram. E no caso brasileiro, os estereótipos existentes desde o tempo da escravidão não mudaram (KALY, 2001, p. 110). Os estudiosos são unânimes em afirmar que, quando se fala num país “democrático”, todos os gostos devem ser considerados como legítimos e devem ser levados em consideração para garantir uma política cultural da diversidade, principalmente quando se trata de um povo de diferentes origens culturais, econômicas, sociais, educativas e de diferentes experiências históricas como é o caso brasileiro. Caso contrário, estabelece-se as noções de bom ou mau gosto.

A televisão traz a África para dentro da casa dos brasileiros ainda que seja a África editada e reinventada à distancia: segue minando a auto-estima de milhões de descendentes de africanos com imagens que espetacularizam a pobreza do continente e exotismo dos que nele vivem condicionando identificações e modos tratativos dos africanos no meio desta diáspora “tão africana” que é o Brasil.

Ao nos determos um pouco mais sobre assuntos relativos às matérias na imprensa brasileira, com enfoque sobre a África, percebe-se que há quase sempre uma abordagem negativa. Esta perspectiva editorial interfere diretamente na auto-estima e no dia a dia de jovens estudantes africanos no Brasil. Como já foi abordado anteriormente, se queremos pensar num pluralismo cultural, então é preciso lembrar que

a identidade e a diferença não são entidades preexistentes, naturalizadas, não são elementos passivos da cultura, mas são constantemente criadas e recriadas.

Por esse motivo a identidade e a diferença têm a ver com a atribuição de sentido à história, à origem, e envolve também o trabalho discursivo, na medida em que as identidades são construídas dentro e não fora do discurso, assinala (TABOADA-LEONETTI 1990). Durante nossa estadia no campo, os discursos coletados com os estudantes demonstram que eles têm preocupação no que diz respeito ao quanto às pessoas têm como base a mídia para sustentar discursos sobre o continente africano; apesar desta situação também podemos apontar algumas tendências de mudanças significativas desse quadro em relação à África.

Essa constatação vai de acordo com aprovação da Lei 10.639/03 da obrigatoriedade de estudo da história da África no ensino fundamental e médio. Neste sentido, o vácuo de desconhecimento da nova geração vai sendo preenchido paulatinamente a partir da nova estrutura curricular com elementos novos e concretos a que deve dar outra tradução simbólica da África nas escolas.

Contudo, é necessário lembrar que a mídia estabelece também uma relação intrínseca e determinante na escolha do Brasil como local privilegiado de realização dos estudos da maioria dos entrevistados, por fazer considerações positivas às diferenças existentes nesta sociedade, sejam elas raciais ou culturais, mas ao chegar Brasil e na cidade do destino, já não prevalece aquela imagem simbólica romântica das novelas.

Os estudantes são confrontados com a nova realidade, a qual devem conviver cada um a seu modo, e que é traduzida simbolicamente na maneira de viverem seus cotidianos. É a partir daí que ocorrem as metamorfoses. O fato é que certas realidades antes disseminadas pela mídia e valorizadas por palopianos, ainda em seus países de origem, passam a contar agora com elementos que de alguma forma lhe retiram parte do encanto, como podemos perceber nos seguintes depoimentos:

Nadia lembra: “assim, eu esperava um pouco diferente neh, pensei na cidade de Recife pelo que tinha visto na TV e na internet, sei lá pensei que era um pouco diferente, mas depois você se acostuma neh, como tudo na vida eu me acostumei e agora acho que é um lugar legal para estudar, pelo menos, dá para se divertir, estudar e fazer tudo certo”. Kevin Andrade, estudante de ciências de computação, revela que: “a minha primeira impressão quando cheguei ao Brasil, e aqui em Maceió, ah, foi uma coisa totalmente diferente, que lugar grande que pessoas diferentes, eu vi muita coisa, vi brancos, vi pretos e tudo misturado num só lugar, lugar diferente eu vi uma sociedade muito mais rica e outra muito mais pobre entendeu. Com diferenças sociais notáveis aqui em Maceió, muito grande mesmo. Por outro lado têm coisas muito interessantes, coisas que envolvem cultura, lugares para conhecer pessoas e tal, isso é uma coisa muito boa, aqui tem variedade para tudo, tudo mesmo”.

A “liberdade” é a categoria que muitos elegem como fator determinante no convívio social nas cidades dos estudos: “o que mais gosto aqui. Eu acho que é liberdade, você aprende a se virar sozinho, você aprende a fazer coisas por si só; eu acho que é a grande lição de vida que eu estou tirando aqui. É isso e a controlar tudo só. Como tudo na vida tem dois lados, bom e ruim. Portanto, o que me desagrada aqui em Recife talvez seja violência, eu já fui assaltada, mas não foi uma experiência tão dramatizante assim. Eu acho que isso acaba acontecendo com todo mundo por toda parte e, às vezes essa mesma liberdade que gostamos acaba te desagradando. Neste sentido, assim o que é bom torna ruim, mas acho que o que acontece aqui acaba acontecendo em qualquer lugar do mundo, então aqui você aprende a ultrapassar e não se curvar neh”, diz Nadia Delgado.

Enfim Kaly (2001) lembra que os pesquisadores que trabalham com questões de relações étnicas raciais no Brasil sustentam que a tese freyriana de democracia racial foi superada, mas no contexto africano, continua prevalecendo a ideia de perfeito convívio racial e religioso no Brasil, sendo em muitos casos

motivações sedutoras de estudar na terra do pau Brasil, mais concretamente no Nordeste Brasileiro, região onde a escravidão negra foi mais predominante.

Como eles pensam sobre os que lhes acolhem?

O Brasil é o país com a segunda maior população negra do mundo, estando apenas atrás da Nigéria na África. A população negra brasileira tem origem a partir dos homens e mulheres escravizados que foram trazidos para as Américas entre os séculos XVI e XIX; vinda involuntária que também caracterizou a formação da primeira diáspora africana no Brasil. Passados quatro séculos depois deste processo cruel, encontram-se hoje em dia os descendentes dos africanos em maior número na região Nordeste do Brasil. Os africanos deixaram para a cultura brasileira uma quantidade enorme de elementos culturais no idioma, na culinária, na religião, na música e na dança. Essa influência é notória em todo país, mas é no Nordeste que se faz sentir energicamente as manifestações culturais ancoradas nas tradições ancestrais africanas.

Apesar de profundas transformações ocorridas no interior das culturas africanas a partir de processos migratórios internos e de contatos com povos de outros continentes, ainda hoje a África se torna um ponto crucial de referência, de renovação cultural, de manutenção da memória e da preservação da identidade de seus descendentes nas diversas regiões do planeta.

Os estudantes palopianos aqui pesquisados caracterizam os nordestinos como comunicativos, associando-os a maior facilidade de relacionamento, otimismo e outros clichês, tais como hospitaleiro e espontâneo, que usam o gesto e o toque, ou mesmo o contato corporal para falar, como bem expressa um dos nossos interlocutores:

“Quando eu cheguei me senti acolhido pelos meus colegas e professores e não é diferente dos colegas africanos. Todo

mundo aqui quer saber quem é aquele cara ele é diferente não é daqui cara diferente fala diferente ele é de outro lugar. E quando você fala que é africano as pessoas se interessam e tal. De onde você é? Começam a fazer perguntas e tal, isso é uma forma de acolher, de conhecer bem a pessoa, tive muito isso, quero dizer que até hoje ainda tenho. Eu estou aqui há cinco anos tem pessoas que ainda perguntam e tal você é africano, como que vim parar aqui daí eu conto a história toda”, diz Kevin Andrade.

Sabrinne Fortes, estudante de fisioterapia, revela que sente alguma afinidade com a cultura brasileira. Para Kevin Andrade muitas coisas da cultura brasileira vieram da cultura africana e lá antes de vir pra cá já tinha contato com essa cultura daqui, então tem aspectos da cultura daqui que já conhecia e já tinha uma certa afinidade. “Quando veio aqui e comecei a conhecer mais, viajar mais e tal, daí se fortaleceu, portanto, eu sinto uma grande afinidade porque eu vivo essa coisa, então não há como você não cantar uma música ou uma coisa que passa, ela é muito próxima da minha cultura”.

É neste plano de relacionamento que os entrevistados tendem a exaltar as qualidades humanas na interação com os nordestinos. Caso para dizer “convivendo e aprendendo”. No convívio diário você passa a se apegar ao lugar e às pessoas e com elas estabelecer amizade: “Os meus melhores amigos são os brasileiros, com os brasileiros que eu tenho convívio hoje já os vejo como irmãos, hoje posso dizer que praticamente eu me sinto em casa”, confessa Marcelino.

Mas, se de um lado a auto-estima aumenta com a percepção das afinidades culturais com os nordestinos, por outro lado, a auto-estima de alguns dos interlocutores diminui com a percepção de uma relação racial discriminatória no Brasil. “Daqui do Brasil, eu consigo olhar Angola pelo lado de fora, quem vê por fora vê melhor, mas quem vê por dentro, às vezes não consegue perceber a origem de determinadas atitude de pessoas, erros atuais e de passado, mas aqui do outro lado eu consigo enxergar os erros que tem lá no meu país, vendo a sociedade brasileira porque além de termos histórias

imbricadas temos um passado colonial comum por sermos todos da colonização do Portugal, então aqui você consegue ver as coisas e possíveis ações para mudar”, conta Olívio Mila.

O Brasil revelou-se como referência na ação e no discurso racial do colonizador na África portuguesa, fundamentado no estudo clássico de Freyre (1933) sobre a “democracia racial” e o sucesso da mestiçagem no Brasil contribuíram para a formação desta ideia, subentendendo-se que havia um projeto de construir bases em África para arquitetar um novo império. A ideologia colonial portuguesa na África baseava-se na realização de todo um grande “investimento” no sentido de construir o seu último império. A perspectiva de edificar este novo império também fundamentava-se na estratégia que estabelecia diferenças sociais, direitos e deveres entre os nascidos na metrópole e os colonos, e entre os nativos.

O estado colonial português instituiu em relação às populações nativas de São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Angola e Moçambique como possuidoras de um estatuto especial. Apropriou-se da ideia freyriana para buscar diferenciar os mestiços nascidos de Cabo Verde das populações das demais colônias portuguesas na África, assegurando para os mestiços a condição de segundo colonizador. Embora as províncias fossem vinculadas à mesma “nacionalidade”, a do “império português”, seus cidadãos eram considerados diferentes. Até a descolonização nos anos 70 do século XX, o colonizador português usou a interpretação de Freyre (op. cit.) para justificar a presença em África, e deu destaque ao colonialismo português como “humanista, universalista, multicultural e miscigenador”.

A condição histórica imposta ao negro no Brasil, hoje constitui a maior de todas as dificuldades na interação dos estudantes africanos com os nordestinos. Porém, o preconceito que muitos entrevistados dizem ser vítimas seria reflexo de algum tipo de conservadorismo de tratantes locais e de desconhecimento da África contemporânea. Na universidade, nas salas de aulas, nas igrejas, nas lojas, nos

ônibus, todos os estudantes têm uma lembrança de todas as vezes que se sentiram discriminados.

Por exemplo, Nadia Delgado admite: “Eu já senti um pouco excluída já vi algumas diferenças assim, por parte de alguns professores na hora de falar, na hora de dar oportunidade essas coisas isso já senti isso”. Sonia André fica visivelmente emocionada quando se lembra das vezes que se sentiu minorizada, indica-nos de que no caso da discriminação: “não só no caso dos negros africanos, mas como também negros brasileiros, a discriminação é espantosa aqui, isso se for narrar aqui desde minha filha no prédio onde a gente mora, na escolinha dela, na rua e no ônibus. A discriminação isso sempre você vê no shopping e, quando você vai comprar uma coisa, o próprio lojista pára, olha para você, se você pode ou vai ou não pagar e fica medindo pela cor da pele e não de fato de aquele que você precisa”.

No Brasil o preconceito manifesta-se em situações corriqueiras e de diferentes formas. Conta Dionísio Casimiro: “Eu já me senti discriminado sem dúvida, mas é aquela coisa, sempre tem aqueles que chegam mais perto criam amizades e, tem alguns que não estão nem aí, mas discriminam. Enfim, como o nosso objetivo é somente estudar e não para estar pensando nessas discriminações embora não podemos também deixar passar assim temos que chamar um pouquinho de atenção para que não se repitam novamente”.

Num simples jogo de memória, Casimiro narra trechos de uma história ocorrida em sala de aula: “estávamos numa discussão eles foram contando os países que sem perspectivas daí começaram a falar dos negros e depois incluíram a África e os africanos aquela coisa toda e, eu me fiz desaperceber da situação para que não houvesse atrito”. Alguns dos entrevistados queixam-se das dificuldades de relacionar ou de fazer bons amigos brasileiros. “Muitos são preconceituosos e, eles fingem que são amigos acolhedores, mas por trás disso tem muito preconceito”, diz Dionísio Casimiro.

O estigma que atinge o negro brasileiro atinge de forma

semelhante os estudantes africanos em Recife e em Maceió, mas esses últimos por serem negros estrangeiros que vêm para o Brasil, com fins de estudos convivem na universidade, uma arena considerada de disputas políticas e ideológicas, passam outras situações de insulto, tal como: “eles tiram as vagas da gente”.

Carlos Subuhana (2005) demonstra que muitos estudiosos de relações raciais no Brasil sustentam que os estudantes africanos no Brasil, mesmo sendo “todos pretos” pouco sofrem com a discriminação racial talvez por serem da África. Parece que ser africano universitário se torna neste sentido um tipo de pacto contra a discriminação ou talvez porque no olhar das pessoas eles são vistos e tidos a priori como “coitadinhos” que escapou da miséria, da guerra, ou então vistos como exóticos, oriundos de culturas arcaicas, e por isso não podem ser alvo da violência por conta dessas “fragilidades”. Nesta perspectiva, a meu ver, no Brasil, o simbólico africano ou “preto” não parece ser uma característica imunizadora contra tais violências simbólicas. Vagner Bijagó, de Guiné-Bissau, lembra o dia em que foi humilhado pelo colega de curso: “um colega, uma vez me falou assim, vocês vêm aqui no Brasil para tirar as nossas vagas, a minha irmã fez vestibular não passou e você tah aqui”.

Atitudes discriminatórias no Brasil às vezes são reveladas com base nas suas características culturais para depois determinar a sua condição financeira: “em outra ocasião, quando você entra na loja para observar um produto, roupa, sapato, por exemplo, o vendedor/a se aproxima de você e, diz a outra ou esta aqui de lado é mais barato é assim, a cor ou raça da pessoa logo é associada à condição financeira débil, isto é constrangedor”, afirma Vagner. Marcelino Caetano, guineense de 34 anos admite que o Brasil é um país preconceituoso, mas nunca se sentiu discriminado: “com relação à discriminação por parte de colegas brasileiros, nunca tinha notado, ou seja, nunca senti assim diretamente, mas nas relações profissionais posso dizer que eu senti certa discriminação não por incompetência, mas porque as pessoas

se aproveitam da ocasião e acabam me prejudicando, então isso foi mais em termos profissionais”.

A influência das culturas africanas iniciada desde a primeira diáspora africana no Brasil, ainda se faz sentir de forma profunda nos hábitos e costumes locais, mas os sujeitos sociais que descenderam de homens e mulheres africanos escravizados enfrentam no Brasil diferentes níveis de rejeições sociais. Eugenio Bambi, angolano de 24 anos, considera a sociedade brasileira preconceituosa e afirma: “às vezes as pessoas praticam a discriminação, de forma digamos obscura e nem assumem, mas existe, tanto é que as formas como as pessoas nos olham, pela forma que eles nos perguntam. Lá tem isso, lá tem aquilo, como é que vocês se vestem lá, não sei o que é, e tal. Tudo isso é preconceito, por exemplo, alguém chega já pergunta você é da Jamaica *Bob Marley* neh, de Angola neh. Eu acho isso feio, a pessoa deve perguntar primeiro antes de atribuir-lhe uma identidade, isso é uma forma de preconceito associar você a um lugar que não tem nada ver com você”.

Vagner Bijagó nos fala de um episódio: “uma vez aconteceu há três meses quando eu estava voltando do centro da cidade de Maceió, ao atravessar a rua encontrei com uma menina, ela parecia que estava saindo do trabalho porque estava vestida de uniforme e, quando me viu começou a correr, mas não tinha para onde ir acabou ficando lá mesmo tremendo de medo e, falei para ela que não sou criminoso nem bandido, e ela disse não é porque você é preto. Mas, é que eu fui assaltada na semana passada. Para mim aquilo foi uma situação constrangedora, portanto, o ato dela só confirma o preconceito nesta sociedade, ou seja, isso confirma que no Brasil o bandido tem cor, portanto, é mais preto que branco”. Observa-se, neste caso, como o estigma atinge a pertença e configura-se deste modo a identidade do indivíduo como marginal, ou seja, imagem do preto corresponde à atitude.

De um modo geral, o estudante preto africano no Brasil, independentemente de *status* social em seu país de origem, é quase sempre colocado nas camadas sociais mais inferiorizadas, mais humilhadas da sociedade, e sujeito a ser

alvo da violência policial. No último semestre de 2008, no início da noite de uma sexta-feira, na Rua José de Alencar, no bairro Farol, em Maceió - Alagoas, próximo ao edifício Jambreiro onde residíamos guineenses e cabo-verdianos, na época de graduação na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), sentimos na pele a brutalidade e a irracionalidade de uma abordagem policial:

“Éramos eu e mais quatro conterrâneos da Guiné-Bissau e alguns colegas de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe ao tentar descontrair na calçada bem perto da nossa residência depois de uma semana intensa de provas e trabalhos acadêmicos de final de semestre, quando fomos surpreendidos por mais de dez policiais militares em três viaturas. Antes das viaturas pararem completamente, os policiais já estavam fora delas, fomos em um piscar de olhos cercados por aqueles homens com metralhadoras convencionais, com armas de alto calibre apontadas nas nossas cabeças, mandaram todos deitarem no chão. Uns policiais diziam ‘Aqui tem cocaína, aqui tem coisa’. Depois de vasculharem os bolsos, apertaram várias vezes as nádegas que os testículos chegavam a doer. Perto de lá estavam cerca de 50 pessoas entre crianças e mulheres, moradoras” daquela rua em geral, olhando a ação policial. A brutalidade foi tamanha que a única coisa que veio à mente era de que íamos todos morrer naquele dia. Depois da revista, primeiro foi Dilson Lacerda guineense quem reagiu apresentando todos os documentos para comprovar o nosso vínculo de cooperação Brasil-África na UFAL. E disse ainda aos policiais que não éramos bandidos, que os policiais sabiam onde encontrar os bandidos. A partir desse episódio inicial, a nossa reação diante daquela humilhação foi de muita discussão, era uma situação inédita, os policiais se desculparam alegando que estávamos na via pública e que o procedimento era de rotina”.

O preconceito e o desconhecimento parecem ser a maior de todas as dificuldades dos africanos na interação com os brasileiros. O fato é que quase todos têm um relato da vez em que de alguma forma se sentiram estigmatizados. São essas situações negativas e dolorosas que comprometem os relacionamentos e limitam a auto-estima dos estudantes. É

o impacto advindo de atitudes preconceituosas que é eleito pelos estudantes como o principal entrave relacional com os brasileiros, mas que vão dar relevância e sentido às ações extensionistas acadêmicas levado a cabo pelos estudantes em suas respectivas universidades. Para alguns entrevistados um bom relacionamento com os brasileiros só pode ser estabelecido com a convivência, na medida em que só com um determinado período de tempo é que se pode receber com benevolência certas atitudes e ao mesmo tempo amenizar a carga semântica de termos que lhe são dirigidos no cotidiano interativo.

Contudo, se de um lado o sentimento de discriminação que aparece no discurso dos interlocutores constitui um obstáculo de aproximação com os brasileiros, por outro se verifica um paradoxo, diz Ruben Felipe, cabo-verdiano de 19 anos de idade. Para esse estudante da mesma forma que existe preconceito no Brasil, também existem pessoas muito acolhedoras, “eu sinto acolhido em Recife desde primeiro dia de aulas, por meus professores, colegas de faculdade. Então, vejo até uma certa semelhança de coisas assim de acolher como vindo da África, esse calor humano que brasileiro tem de certa maneira você sente um pouco como em seu país de origem.”

Marcelino está satisfeito por ter os amigos que tem hoje: “eu tive bons relacionamentos com os amigos e colega do curso na faculdade e depois da minha formação continuamos tendo boas relações, então em relação ao acolhimento eu só tenho de agradecer, porque as pessoas com quem me relaciono tem se mostrado leais saímos da faculdade continuamos com a mesma realidade, então isso é importante para mim, eu tenho me identificado muito com local com a cidade onde fiz a minha formação tanto é que fiz família aqui”.

A lógica da realidade social que estes estudantes se envolvem nesta diáspora, ainda que seja penoso num primeiro momento, conseguem depois não só desenvolver processos afetivos com os brasileiros a partir de diversas experiências sociais negativas. A maioria dos entrevistados

demonstra, a capacidade de reconhecer nos nordestinos o espírito de acolhimento. “Eu me sinto acolhido sim, entendeu. Independentemente de a sociedade brasileira ser preconceituosa principalmente com os negros, mas também o povo brasileiro é bom, entendeu. Um povo acolhedor um povo amigo que chega fala, aperta você. Eu, pelo menos sinto isso com meus colegas da faculdade, eles me tratam diferente às vezes, assim como colegas e pessoal da Igreja, então eu me sinto acolhido”, confessa Miel Lima, estudante de Engenharia de Energia.

Sonia André, também reconhece o carinho e a confiança de seus amigos brasileiros: “deixando preconceito à parte porque isto é um fato lógico que todo mundo sofre, mas que parece depender do nível e capacidade que a pessoa encara isto. Portanto, não tenho muito a reclamar quanto ao tratamento que meus amigos me dão. Eu fui bem acolhida desde que cheguei, pois não sei talvez por ser uma mãe, mas sinto-me bem acolhida até hoje tem muitos que preocupam comigo em querer saber como é que está a minha filha, porém tem essa parte de preconceito, acho que as pessoas discriminadas só precisam de uma certa maturidade para poder lidar com isto e, reverter isto favoravelmente”.

Alguns dos entrevistados, apesar de valorizarem os amigos brasileiros nas cidades onde moram e o convívio com eles, ainda se relacionam melhor com os estudantes africanos, independentemente das pertenças nacionais: “Sinto-me acolhido, mas não como queria, acho que sou mais acolhido por africanos que cá estão que eu encontrei. Se for avaliar o sentimento de acolhimento, eu diria talvez que a recepção dos meus conterrâneos foi de 80% e dos brasileiro 20% neste caso, aqueles colegas que na primeira hora se entregaram para mostrar carinho, criar amizade comigo e me mostrar coisas que aqui tem e por aí vai”, diz Dionísio Casimiro.

Alguns estudantes declaram que somente conseguiram permanecer no Brasil graças à generosidades do povo das cidades acolhedoras: “apesar de tudo que acontece com a gente aqui no Nordeste, eu acho que ainda é um privilégio de

estar aqui estudando, aqui qualquer problema que não seja institucional sempre você encontra alguém disposto a ajudar você, às vezes você fica até assustada com a intensidade de carinho de pessoas, eu já perdi na rua, já peguei ônibus errado, mas do nada aparece alguém não sei de onde para lhe oferecer toda uma orientação necessária, até pouco pensava que isto fosse apenas coisa do africano, é incrível a solidariedade dos nordestinos”, lembra Vagner Bijagó, de Guiné-Bissau.

Contudo, nem todos entrevistados falam dos nordestinos com a mesma tonalidade de voz, e revelam que graças ao bom senso e às dinâmicas das redes de relacionamentos construídas entre os estudantes palopianos, conseguiram superar limites que o próprio programa de convenio impõe. Entretanto, para muitos dos nossos interlocutores, o núcleo de grupos nacionais ainda constitui de fato o único espaço de referência de acolhimento e de convívio, sobretudo na cidade de Recife. Seria, portanto, o caso de Lissy Pinheiro: “eu não me sinto acolhida por brasileiros, mas acho talvez que o problema seja eu mesma e não os brasileiros porque eu não interajo com tanta facilidade, sobretudo com os recifenses que não são da minha turma, pessoal que não conheço eu geralmente evito, porque nunca se sabe direito quem é a pessoa”.

Os estudantes que alegam perceber o acolhimento dos nordestinos sustentam que a partir do momento que você tira barreiras relacionais, mesmo com diferenças culturais profundas que marcam as formas de relações associadas à imagem de um indivíduo, você consegue entrar em alguns núcleos conservadores, às vezes erguidos na própria universidade, e se afirmar com tal imagem que contribuiria para seus distanciamentos. A meu ver este argumento sugere otimismo no sentido da integração destes estudantes que estão no Brasil temporariamente. De maneira geral, muitos de nossos interlocutores reconhecem o carinho dos nordestinos, e, se aceitarmos que quanto mais intensas, regulares e diversificadas forem as redes de relacionamento

Ismael Tcham

social no lugar onde você é um estrangeiro, maiores serão as possibilidades de transcender contrastes, mesmo que estes estejam ancorados na profundidade da história de um povo e mesmo sendo reavivada a todo instante.

Torneios “amistosos” ou campo de batalha?

O contingente dos estudantes palopianos nas duas cidades pesquisadas estão organizados, quase que de maneira “natural”, entre si na forma de grupos nacionais, em que cada um deles se reúne na tomada de decisões coletivas, porém, com uma pequena influência daqueles membros encontrados na universidade, que possuem um maior tempo de permanência nas cidades acolhedoras. Dentre estes grupos, observamos a existência de apenas uma coligação que se reúne em torno de uma associação institucionalizada, como é o caso dos estudantes da Guiné-Bissau na cidade de Recife.

Os grupos se reúnem com frequência e decisões tomadas nas reuniões podem ser restritas apenas aos membros de uma das comunidades ou às vezes todas as comunidades, e são frequentemente relativas às questões que vão desde acolhimento dos calouros, os confrontos entre si nos seus espaços de sociabilidade, organização dos eventos até as questões de preconceitos raciais e de estigma, atrelado ao negro e ao continente africano. Estes núcleos funcionam principalmente como uma plataforma de apoio de mais variadas situações que os estudantes coletivamente enfrentam no Brasil, como conta Osvaldo Gonçalves: “eu me sinto acolhido principalmente porque encontrei vários africanos aqui, isso me fez sentir bem aqui pela forma como colegas me

receberam então eu me sinto acolhido em Recife por meus irmãos da África mesmo”, conclui.

O espírito de interajuda que reina entre os estudantes palopianos na cidade de Recife e Maceió incita comportamentos positivos que minimizam os problemas de integração na cidade de acolhimento. Essa atitude mostra implicitamente uma solidariedade que tem reflexos mútuos, pois, estes cidadãos palopianos possuem entre si, memórias, histórias individuais e familiares quase idênticas, talvez devido ao fato inerente da história colonial comum; sob alguma medida tais acontecimentos históricos influenciam em diferentes graus a interação e sociabilidade entre jovens estudantes palopianos independentemente do atual contexto social e político de seus países de origem: “Eu sou angolano, mas quando cheguei a Recife foram os meninos da Guiné-Bissau que me receberam, me deram apartamento, comida, água e toda orientação necessária, fiquei na casa deles até achar um apartamento para morar”, confessa Osvaldo Gonçalves.

Como estamos tratando de grupos que se co-relacionam, pressupõe-se também a existência de conflito, e, como falamos anteriormente, da interajuda, iremos ainda neste tópico, focalizar também a atenção nos aspectos de confrontos entre as comunidades, pelo fato de provocar agitações que possibilitam a demarcação de fronteiras nacionais entre os palopianos, sobretudo na cidade de Recife. Tais conflitos quase sempre se tornam mais visíveis nos torneios de futebol, em que apesar de ser um encontro entre “amigos”, observa-se que é um ambiente sério onde quase sempre afloram os sentimentos e onde as pertencas nacionais são teatralizadas de forma explícita.

Como já observamos, os palopianos estão divididos conforme a nacionalidade de cada um. Neste ponto é preciso afirmar que o trabalho de observação participante tem revelado que questões relativas à cultura, à política e às pertencas ancoradas no passado de cada país, fazem estes estudantes reconstruírem nesta diáspora os laços de parentesco entre si, pois os que são do mesmo país têm em comum as mesmas

lembranças, riem das mesmas piadas, sentem falta daquelas comidas típicas preparadas nas ocasiões especiais, reunindo-se às vezes para degustar comidas típicas possíveis de serem preparadas no Brasil, criticam, choram e têm as mesmas preocupações, inquietações inerentes aos problemas sociais em seus países de origem.

Em vários momentos observamos na intimidade dos nossos interlocutores o desenvolvimento das pertencas, por meio de processos afetivos e simbólicos que caracterizam as suas origens nacionais. Este processo corresponde ao uso que fazem da língua crioula no caso dos estudantes da Guiné-Bissau e Cabo Verde como código de comunicação privilegiada para exprimirem diversos sentimentos, isto não só pelo fato de sentirem mais inspiração e eficácia comunicativa, como também para admitir o reconhecimento da pertença e da reciprocidade da sua preservação. “Eu me sinto bem falando a minha língua, tanto que quando estamos reunidos só entre nós cabo-verdianos a gente só fala crioulo, isto não só aqui, mesmo em Cabo Verde a gente só fala português em lugares e momentos formais, se você quer se sentir você mesma, sem mínimo esforço, tem que falar a língua que ninguém lhe ensinou a falar”, diz Nelson.

A partir deste testemunho, conclui-se que a língua é tomada como o mais importante instrumento da sociabilidade para cada um dos grupos estudados e, por meio dela, vários esquemas motivacionais e interpretativos são exteriorizados. Nesta mesma perspectiva Castells afirma:

“a língua é, particularmente uma língua totalmente desenvolvida, é um atributo fundamental de auto-reconhecimento, e de estabelecimento de uma invisível fronteira nacional menos arbitrária que a territorialidade e menos exclusiva que a etnicidade. A linguagem, como expressão direta de uma cultura, torna-se a trincheira da resistência cultural, o último bastião de autocontrole, o refúgio do sentido identificável” (CASTELLS apud XAVIER, 2007, p. 27).

No caso de Angola e de Guiné-Bissau, estes países contam

ainda com três dezenas de etnias nas suas formações sociais. E essa diversidade de pertenças étnicas na formação das nações africanas, em particular os PALOP, reflete também na heterogeneidade dos estudantes africanos no Brasil. Porém, as pertenças étnicas e linguísticas individuais dos estudantes dos países supracitados não assumem visibilidade na interação com outros grupos nacionais, apenas sendo evidenciados a partir de títulos como nomes, sobrenomes, locais de nascimento, comportamentos e outros sinais simbólicos e culturais implícitos.

É importante lembrar que boa parte dos estudantes no Brasil são originários, ou pelo menos têm uma vivência prolongada, nas principais cidades e capitais palopianas, emissoras de estudantes nas universidades brasileiras, nomeadamente Bissau, Maputo, Luanda, Praia e Príncipe. Verifica-se então nestes centros metropolitanos, um intenso convívio interétnico, o que de certa forma torna as fronteiras menos rígidas entre os grupos étnicos, e ameniza tensões que podem existir, ou simplesmente, os comportamentos são ajustados ao contexto, prevalecendo, portanto, as identidades nacionais nesta diáspora.

Dessa forma seriam em torno de predicados nacionais que se regulam as disputas entre os estudantes nos jogos de futebol realizados em torneios organizados pelos palopianos, tanto na modalidade feminina quanto masculina, na quais surgem confrontos: “desde que se dividem as equipes por nacionalidades Angola, Cabo Verde, Congo, Guiné-Bissau há de haver sempre rivalidade porque todo mundo ambiciona vitória para seu país, está lá no estatuto que são os campeões de tal torneio, então tem um pouco de rivalidade, mas não no sentido da divisão, mas para competir e almejar algumas vitórias”, diz Olívio Mila.

Convém lembrar que estamos tratando de jogos da modalidade masculina por apresentar uma maior competitividade entre os grupos. Os torneios frequentemente acontecem em torno das datas comemorativas dos seus países tais como: independências de Angola, da Guiné-Bissau ou nas datas

comemorativas que englobam todos os países africanos como é caso de 25 de maio (Dia de África). Observamos que parece ser apenas nesta última data que um subsaariano, independente da sua nacionalidade, expressa a identidade africana diluindo momentaneamente os sentimentos de pertença nacional, regional e qualquer outra forma de distinção.

Ainda faz-se necessário frisar que os estudantes de Cabo Verde embora constituam o maior contingente em termos numéricos nas duas Instituições de Ensino Superior (IES) pesquisadas são os que menos originam atividades grupais, sejam esportivas, festivas ou extensionistas, voltadas para o próprio país. A meu ver este fato se justifica por conta do povo cabo-verdiano ser eminentemente diaspórico, cuja identidade nacional não afinca com transparência em termos comemorativos em nenhum “fato concreto com eco”, sobretudo fora da Ilha.

Contudo, os estudantes cabo-verdianos de Recife são os que mais assumem o nativismo nos jogos de futebol a ponto de levar a competição a uma disputa de extrema hostilidade com brigas e ofensas aos adversários.

Disputa que aflora ainda mais principalmente quando têm os estudantes angolanos como concorrentes, como observa Dionísio Casimiro: “possa assim dizer com muita sinceridade que tenha havido rivalidade ao extremo, mas em curto espaço de tempo a gente consegue perceber que somos irmãos e, quando acontece alguma coisa assim, alguns representantes da Guiné-Bissau, Angola e Cabo Verde procuram conversar com o pessoal diretamente envolvido, de modo a não acontecer mais problemas, isto porque estamos fora dos nossos países e estamos aqui no exterior não tem como não estarmos unidos, então as brigas têm acontecido, isso é a pura verdade, mas no princípio foi pior e, acho que as pessoas estão a se entender cada vez mais os conselhos que lhes têm dados parece que coisa está melhorando acho que com mais tempo isso não vai mais acontecer”.

Durante os jogos que assistimos tem-se a sensação de que está

tudo perdido entre os “irmãos e amigos” de outrora, mas, como sempre acontece em cada grupo, há sempre aquelas pessoas que conseguem falar e serem ouvidas por todos, seriam elas, neste caso, estudantes que já têm mais tempo no Brasil, ou na fase de conclusão de curso. Estes estudantes acabam tendo uma importância em intervir e restabelecer o espírito de companheirismo e fraternidade entre as comunidades. “Têm (as brigas), não sei por que, mas têm às vezes, eu sinto que os cabo-verdianos não gostam muito dos angolanos sinceramente. Mas, é assim uma rivalidade saudável neh. Eu acho que importante é não ultrapassar quatro linhas neh, não ir além disso, mas acho que dentro de campo é normal”, diz Nadia Delgado.

Até a esta altura da análise dos jogos, aparentemente, os estudantes de outras comunidades como Guiné-Bissau e o Congo aparecem apenas como coadjuvantes nos jogos. Os rapazes de Cabo Verde têm conquistado mais taças entre todas as equipes. Apesar disso, todos a disputam com o mesmo vigor como forma de exaltar o nacionalismo. Daí, o que chamou mais atenção durante a nossa estadia no trabalho de campo, foi uma situação curiosa na qual se possa talvez justificar em parte a configuração de rivalidades entre rapazes de Cabo Verde e de Angola. Ao envolver-nos na intimidade e no cotidiano dos nossos interlocutores, percebemos que quase todos os rapazes de Angola em Recife namoram, ou pelo menos desposaram em diversas ocasiões, as jovens estudantes cabo-verdianas.

Dentre todas as comunidades representadas nas duas cidades pesquisadas, a comunidade cabo-verdiana parece ser a que mais fornece mulheres para todos os grupos nacionais, enquanto que os rapazes de Cabo Verde não conseguem ou não desejam manter vínculos afetivos com as jovens estudantes integrantes das outras comunidades, inclusive as de Angola. Por nos aproximarmos do cotidiano dos rapazes da Ilha, constatamos também de fato que os Insulanos poucos namoram entre si; as relações observadas entre eles são de caráter esporádico e efêmero, e, ainda mais, os relatos dão

conta de que quase todos os rapazes da Ilha namoram ou pelo menos “ficam”, ou têm interesse pelas brasileiras.

Durante o período de realização da pesquisa, não observamos nem obtivemos nenhum registro verbal que demonstra casos de relações afetivas constituídas entre rapazes de Cabo Verde com as jovens estudantes de Angola e de Guiné-Bissau, ou de São Tomé, ou de Moçambique.

Esmiuçando-se as singularidades afetivas de cada comunidade africana, percebemos que, em relação aos rapazes da Guiné, estes criam com frequência vínculos afetivos no interior da própria comunidade nacional com base na descendência cultural. Essa relação endógena entre os estudantes guarda entre si um notável grau de homogeneidade, pelo fato de que dentre vinte e sete estudantes guineenses em Recife formou-se cinco casais que residem num padrão de casamento, ou seja, cada um destes cinco casais guineenses moram juntos o que podemos caracterizar em termos antropológicos como “neolocalidade”, ou seja, o casal recém formado constitui residência própria separado tanto de parentes dele como de parentes dela, e ainda mais separados de seus colegas guineenses.

Muito dos nossos entrevistados de Guiné-Bissau admitem ter relações fora da comunidade nacional, mas geralmente tais relações ou tentativas são direcionadas às brasileiras e não às jovens de outras comunidades africanas.

O exercício que acabamos de fazer pretende apenas chamar atenção de como certas atitudes dos estudantes nos jogos de futebol podem estar ligadas não propriamente ao calor da competição esportiva, como muitos dos entrevistados sustentam, uma vez que é patente que o princípio de relação conjugal estabelecida entre os estudantes não implica a troca direta, isto é, não há permuta entre os grupos, o que pode no plano indireto ter seus reflexos expressos nas atitudes em campo.

Nos jogos de futebol, as jovens cabo-verdianas que namoram rapazes de Angola, formam uma torcida organizada apoiando

e incentivando visivelmente a equipe de rapazes angolanos, mesmo tendo rapazes de Cabo Verde como adversários. Contudo, na visão de quase todos entrevistados essa ocorrência de brigas constantes são decorrentes da vontade de ganhar. Osvaldo Gonçalves confirma esta versão: “Existe rivalidade, mas é uma situação assim, eu acho que africano em si tem espírito de vencedor. Esse fato faz com que nos jogos de futebol cada equipe que normalmente são formadas por nacionalidades acaba incentivando a necessidade de cada um querer vencer o outro, então isso torna o jogo muito mais agressivo, árduo, disputado com fervor, mas é uma rivalidade muito bonita dentro do campo”.

É variada a forma pela qual cada um interpreta a realidade presente no seio dos estudantes africanos. Por esta razão, tentamos buscar algum fundamento que também estivesse além da nossa visão imediata e que motivasse as atitudes agressivas dos estudantes. Tentamos buscar além-mar os possíveis fundamentos.

No caso dos conflitos entre os estudantes angolanos e cabo-verdianos, não nos foi possível até o momento perceber um fundamento político-histórico que justificasse os conflitos entre os rapazes. Mas ao fazermos uma breve retrospectiva sobre a discordância política que marcou a história da Guiné-Bissau e Cabo Verde desde períodos da luta armada pela independência da Guiné, na década de 60 de século XX. Nos períodos subsequentes, as discrepâncias políticas foram acentuadas entre este dois países, os quais haviam sido concebidos por suas lideranças para serem uma única nação, as quais resultaram na separação dos dois países em 1980. A partir daí se inicia uma série de disputas políticas e simbólicas.

Os guineenses culpam os cabo-verdianos de inúmeros problemas sociais sucedidos desde os primeiros anos da independência e de serem os únicos herdeiros de problemas causados pelos onze anos de luta armada. Por sua vez, os cabo-verdianos argumentam que foram sábios na interpretação das orientações políticas e ideológicas de Amílcar Cabral, pai das duas nações.

Como podemos perceber, existem razões suficientes para que os estudantes guineenses e cabo-verdianos retomem nesta diáspora as rivalidades históricas inerentes à formação das duas nações, mas observamos que as duas comunidades nacionais na cidade do Recife parecem ter “reencontrado a harmonia” que lhes foram retiradas, pois, contrariamente a Recife, em outras cidades do nordeste do Brasil, tais rivalidades entre comunidades guineenses e cabo-verdianas ainda se faz sentir: “Aqui em Maceió existem pequenos conflitos ou rivalidades entre guineenses e cabo-verdianos, mas essa situação é fruto da nossa história conjunta por sermos duas nações com o mesmo projeto político e, de termos um único pai da nação. Quando esse projeto binacional se rompeu em 1980 ficou um certo mal estar entre esses dois países e, isso tem sido manifestado de alguma medida em seus cidadãos, às vezes os cabo-verdianos se acham próximos aos colonizadores e os guineenses se acham vítimas dessa aproximação e no período dessa separação os cabo-verdianos deixaram todo o ônus para os guineenses como é caso dos antigos combatentes, então de certa forma ficou essa rivalidades que ao meu ver é um equívoco, mas que acaba refletindo nos jogos e nas festas, assim como nas falas de revanchismo”, diz Vagner Bijagó.

Em relação às imagens que cada um dos grupos fazem dos outros, o aspecto que os cabo-verdianos mais destacam em relação aos angolanos é a arrogância excessiva destes, porém os guineenses enfatizam a atitude atrevida e a propensão à agressão dos cabo-verdianos e, os dois grupos anteriores comentam que os guineenses são tidos como muito reservados e fechados demais para relacionamento com os outros.

É neste plano do argumento que os entrevistados tendem a atribuir adjetivos um ao outro e justificar contrastes entre si. Por contraste ainda, outra diferença que comentamos no início deste tópico, e com a qual não se agradam os rapazes guineenses e nem os rapazes angolanos, é que eles acham que os cabo-verdianos não se movem no sentido de originar festas, jogos e coisas assim voltadas para a África, e que até mesmo datas importantes da Ilha passam despercebidas ou celebram-

na entre si. Neste sentido, o ensaio de Mauss (2003) sobre a dádiva torna-se necessário para compreender a consternação de rapazes que originam com assiduidade eventos sobre os seus países.

Nostalgias, saudades da família e dos sabores sentidos lá, deixam marcas que parecem cristalizar a amizade entre os estudantes. Apesar de fricções constantes, às vezes decorrentes da imaturidade por serem jovens, ou que para muitos é a primeira experiência “fora de casa”, o que traz certa instabilidade, ou muitas vezes apenas a vontade de pertencer a este ou outro país, acabam por esquecer demais o potencial aglutinador do esporte, por meio da realização de exercícios físicos que tendem a aperfeiçoar a saúde muscular e mental, condições necessárias para um bom desempenho escolar.

Contudo, a dialética com a realidade social encontrada nas cidades de acolhimento fez estes atores criarem vínculos sobre os quais ancoram as suas auto-identidades. Pois, os amigos de uma e de outras comunidades nacionais são referências mútuas fundamentais à sociabilidade destes jovens estudantes palopianos, isto se admitirmos que há na contradição de ideias entre eles e com eles que está a plausibilidade das suas co-presenças (BERGER e LUKMANN, 1991).

Criam espaços interativos entre si e, no calor do convívio afloram sentimentos de pertença ao grupo ou, ainda, segundo Goffman (1993), pelo “sentimento do sagrado” A maioria dos entrevistados reconhece nos seus conterrâneos e colegas de outras comunidades nacionais a “amizade verdadeira”, “os meus melhores amigos são africanos”, aqueles que te ajudam de coração, gratos.

A conquista da estabilidade capitaneada pela solidariedade de colegas e amigos, expressa pelas atitudes em ir receber quem desembarca na rodoviária ou no aeroporto, “dar teto” nas primeiras semanas após a chegada, orientar e acompanhar na realização da matrícula, na regularização da permanência no Brasil na delegacia da Polícia Federal na cidade de acolhimento, andar pelo *campus* e nos corredores de Centros

Acadêmicos e, indicar pessoas dentro das comunidades com quem deve estreitar as relações e quem deve por algum motivo ser evitado (em casos em que, quem acolhe fica encarregado de fazê-lo). São atos carregados de simbolismo e amizade que representam e fortalecem elos entre quem estava e quem está chegando; e assim, este último vai criando raízes aqui, não familiares, mas que perduram.

Kevin Andrade confessa: “eu tenho mais amigos africanos é claro de que brasileiros, tanto aqui como nos outros estados brasileiros conheço mais africanos de que brasileiros”.

Apesar dos percalços e agruras no caminho destes estudantes palopianos “fora de casa” como demonstram as narrativas, os benefícios decorrentes da interação e dos apoios recíprocos entre si e dos seus amigos brasileiros nas cidades de Recife e Maceió são diretos e indiretos, a curto prazo, e também a longo prazo. Podem não só facilitar a inserção social bem sucedida de calouros de convênio, mas também constitutivo de um espaço privilegiado de desenvolvimento de relações significativas, espaço este em que o convívio permite a superação de dificuldades, e pode de alguma forma principiar a construção de redes de relacionamentos profissionais para futuras intervenções em seus países de origem.

Nos espaço urbano: festas, música e a pertença

As cidades de acolhimento dos estudantes africanos no Brasil surgem como recintos sócio-espaciais constituídos de uma variedade de propósitos presentes e posteriores. As cidades de Maceió e Recife representam para muitos dos nossos entrevistados uma verdadeira referência simbólica e relacional, pelos vínculos sociais de afeto instituído, que se renovam com o estilo de vida que essas cidades proporcionam, e pelas afeições que sem se dar conta vão se aprofundando no cotidiano interativo e de sociabilidade com os demais grupos de referências.

Porém, cada um à sua maneira revela o seu agrado com relação às cidades de residência temporária, como explica Kevin Andrade: “o que me agrada mais em morar no Brasil e em Maceió particularmente, a cidade de Maceió não é uma cidade muito grande eu vejo isso como uma coisa boa, mas há quem diga que isso é ruim porque você não tem muitas opções de saídas e tal. É justamente por ser pequena que você acaba conhecendo todos os lugares. Sabe o que rola em todos os lugares e acho isso bacana, massa mesmo. O que não me agrada, algumas vezes acha que todo mundo concorda comigo, Maceió é uma cidade pobre e a desigualdade social é muito grande, eu não desejo isto tá ligado, às vezes a falta de estrutura em alguns pontos da cidade isso limita, a insegurança também são coisas que não gosto daqui, mas no geral a cidade é viva”.

Já Nícia Tavares destaca outros aspectos da cidade: “Maceió não tem grandes coisas, mas é bem agradável porque é bem calmo para quem quer estudar e para conviver também”. Sonia Andre assegura que: “não pretendo morar no Brasil estou aqui em Maceió porque eu preciso estudar, assim que terminar eu volto para casa na primeira oportunidade que surgir, mas não que existam coisas que me desagradem, é que eu não troco minha casa, acho que é uma coisa minha mesma. Veja bem, eu rodei o mundo, posso até estudar no mundo todo, mas sempre volto para casa, então não digo que existe algo desagradável, mas talvez porque as minhas raízes estão mais assentas em casa do que fora de casa”.

No que diz respeito à minha experiência pessoal, de viver nas duas cidades durante períodos de graduação em Maceió, e da Pós-Graduação/Stricto Sensu em Recife, tranquilizo-me em discorrer, portanto, sobre as duas cidades, penso que a mais valia de viver em Recife reside na oportunidade de vivenciar uma vida cultural intensa, e a diversidade que a cidade propicia em termos de conhecer pessoas de várias partes do mundo. Para um estudante, esses encontros interativos e de sociabilidade tornam-se necessários para derrubar vários mitos em torno de países e povos em torno do mundo.

Neste sentido, sempre é possível demolir muitas verdades tidas como absolutas, a partir de outras visões sobre o mesmo assunto. Além do mais, a cidade de Recife é bonita, e também pela sua antiguidade, guarda da melhor forma possível os lugares e memórias atreladas a esses sítios. Para um “preto africano” viver numa das cidades mais “européia” do Nordeste Brasileiro é somente necessário ter os contatos pessoais e a persistência necessária, ou um ouvido bem-educado para encontrar pessoas que o ajudariam a encontrar no interior da cidade um lugar onde você se identificar, dentro da imensidão que a Região Metropolitana do Recife representa para quem vem do PALOP.

Lissy Pinheiro, residente no bairro da Cidade Universitária no Recife garante: “na verdade eu acho que a faculdade é a melhor coisa que esta cidade me oferece, isto porque estudar é o meu objetivo de estar aqui. E, também aqui, eu tenho chance para conhecer vários tipos de alimentos, já que eu faço curso de Nutrição neh e, aqui tem vários tipos de peixes se comparado a Cabo Verde e também doenças que atacam alimentos. Por causa do clima temperado e a umidade, isso contribui para a diversidade de alimentos e doenças aqui, e dá para estudar e conhecer muita coisa na minha área. O calor em Recife é desagradável, o cheiro da cidade também não é muito bom. E por mais que eu ache o brasileiro um povo afetivo e carinhoso, aqui acho que o povo é um pouco afastado e não sei deve ser minha impressão. Eu já fui por outros Estados e outras cidades e realmente vi que o povo daqui é mais afastado”.

Enquanto isso, Nicia Tavares avalia a sua estadia em Maceió onde estuda e valoriza a cidade e “disse que gosta” de morar em Maceió porque é afável. A cidade é pequena, tem liberdade de ir e vir, e é preciosa pela variedade de praias, mas, sobretudo porque o povo agrada muito pela alegria, facilidade interativa que o povo alagoano tem”, que em certa medida também é “africano”: o acolhimento, o calor humano que o povo tem conosco faz você se sentir em “casa”, acrescentou Bijagó.

A insegurança é um aspecto que os entrevistados destacam e

parece ser o fenômeno que as duas cidades têm em comum. Muitos estudantes têm lembranças e traumas de assalto de que foram alvo: “aqui em Recife já fui assaltada, mas de modo geral a gente vai se adaptando aos poucos a essa realidade aqui”, diz Nadia Delgado. Na dialética entre os estudantes do PALOP e a sociedade acolhedora, revela-se um paradoxo que também afeta a auto-estima dos estudantes, pois na medida em que são vítimas de assaltos nas ruas das regiões metropolitanas de Maceió e Recife, são ao mesmo tempo, estigmatizados por outros como marginais.

Os nossos interlocutores relatam alguns comportamentos percebidos das pessoas, pois há casos em que elas ao depararem-se com um “africano preto” na rua, tomam de imediato a iniciativa de esconder suas pertencas, e aqueles que são excessivamente cuidadosos não hesitam em mudar de uma calçada para a outra. Os estudantes são focos permanentes nos lugares que frequentam, e quase sempre são alvo de abordagem policial.

Assim, sentem uma certa “rejeição” nos determinados pontos da cidade, principalmente onde prevalece a cultura juvenil, ora pelo estigma de que são alvo, ora pelas próprias complicações impostas pela cartografia das cidades, devido à localização e à distância de pontos de lazer e diversão, ora por não identificação com as tribos frequentadoras, o que cria sentimentos de vulnerabilidade e exclusão pela ausência da identificação (MARQUES, 2003).

Tendo em vista esta situação, cabe então aos estudantes criarem espaços próprios de reencontro com suas “origens”. Surgem, assim, as festas africanas, neste sentido assumindo vários propósitos; por um lado, promover a riqueza da cultura dos seus países expressada na música e na dança e, por outro, colocar em evidência as ostentações individuais. As festas africanas nas duas cidades nordestinas extrapolam o entretenimento puro e simples, funcionam mais como uma festa cívica e glamorosa, onde os rapazes e moças de diferentes grupos nacionais transformam o espaço festivo em verdadeiro palco de desfiles de grifes, em que as indumentárias

são cuidadosamente escolhidas, baseadas inclusive nas “tendências da moda internacional”.

“Aqui eu nunca fui para uma festa de casamento, aniversários e outras festas sociais, assim esses encontros sociais que as pessoas se produzem para irem participar. Aqui eu não tenho parentes, só tenho colegas de faculdade, mas você sabe neh com colegas de curso é só para coisas da escola mesmo, então quando tem festa da gente é oportunidade de você encontrar até com colegas que costumam vir de outros estados, de você vestir bem, roupa linda e sapato lindo e dançar até amanhecer, é isso, você, todo mundo sabe que auto-estima de mulher também está na roupa, no penteado e quando alguém diz você está linda, nossa isso é bom de ouvir e a festa africana tem muito isso” diz Sabrinne.

Para além dos fatos narrados acima, a festa, por si só, representa para as culturas africanas uma essência da vida e principal catalisador da unidade entre grupos sociais. Neste sentido, é sempre uma atividade grupal, tanto que as festas africanas em Maceió assim como em Recife, geralmente acontecem para comemorar o final de uma atividade exaustivamente desenvolvida durante um determinado período. Tais festas simbolizam de maneira geral a forma de agradecimento ao que nela deram suor para sua realização, e daqueles que, de forma direta ou não, facilitaram os trabalhos para sua efetivação.

Nas festas africanas nas quais tivemos o privilégio de participar conferimos que há sempre controvérsias nos bastidores, decorrentes da preferência de estilos de música de cada um. A música e a dança africana variam muito de uma região para outra, mas no caso da música e dança palopiana existem certas características em comum no ritmo. Tais semelhanças rítmicas palopianas não cessam fricções nas festas dos estudantes pelo fato de que cada um dos membros quer ouvir e dançar as músicas com as quais estão ancoradas as mais profundas lembranças da infância ou nas pequenas coisas do cotidiano em seus países de origem. “Quando tem festa a gente tem oportunidade de se encontrar

com os outros”, esta revelação colabora para o entendimento de que as controvérsias e fricções como fenômenos sociais se manifestam apenas nas relações entre os indivíduos, em encontros sociais que representam em sua essência interacional, com possibilidades reais de revelar as estruturas sociais, culturais e políticas subjacentes das sociedades a qual interlocutores pertencem (GOFFMAN, 1993, p. 2).

Um etnógrafo atento, facilmente descobre que as festas africanas revelam as dimensões íntimas daqueles que as originam, não apenas porque colocam estes atores sociais frente uns aos outros, mas é um misto resultante da própria vontade destes em participar da festa no sentido de driblar saudades e trazendo para si uma carga de sociabilidade e de relacionamento enquanto pessoa no meio: “quando estou na festa, às vezes eu me sinto tão à vontade que esqueço dificuldades de correria escolar, você toma um copo de vinho e ganha um pouco de coragem, se anima você vai fala com o DJ, coloca kuduro, zouck ou qualquer música interessante, daí você se entrega à dança, você imita e até inventa coreografias no rebolar, seguindo a música, depois disso, muitos rapazes querem dançar com você, então neh é, na dança que a gente paquera e às vezes até fica com um rapaz essas coisas neh”, conta Nícia Tavares²¹.

Na cidade de Maceió as festas africanas acontecem regularmente duas vezes por ano e são amplamente disseminadas entre os estudantes universitários, tendo uma média de participação estimada entre quatrocentas e quinhentas pessoas. Os locais onde se realizam as festas, no entanto, são alugados ou cedidos pela universidade, como é o caso das festas dos estudantes da UFPE, que costumam usufruir do Clube Universitário para encerramento de eventos. O acesso ao recinto festivo é regulado através dos ingressos que podem ser adquiridos dias antes ou durante a festa que, geralmente, se inicia a partir das 22h e finda às 6h da manhã. A origem dos participantes é diversificada: “É mais africanos que participam, mas, ultimamente, está vindo muitos brasileiros que interagem com a gente”, lembra Lissy

21 Em uma conversa informal, Lucy Mideiro estudante cabo-verdiana de psicologia na Universidade Federal de Pernambuco confirma a relevância das festas africanas na manutenção e da renovação das energias e outras possibilidades...

Pinheiro e Nadia Delgado, a que conclui: “os participantes das festas são muito misturados. Assim, se for um conviviozinho em casa, com pouca gente, normalmente só africanos neh, pode aparecer um ou outro brasileiro que é já é nosso amigo, mas quando é uma festa maior, aí é tudo misturado, às vezes até tem mais brasileiros”.

Apesar de muitos colegas da faculdade frequentarem as festas, os palopianos costumam dizer que a relação com os colegas de curso é apenas direcionada para os assuntos da faculdade: não há convites regulares por parte dos colegas brasileiros para festas sociais como casamentos, batizados, cultos religiosos etc.; esta espécie de fechamento pode explicar a razão pela qual as festas africanas nas duas cidades pesquisadas ganham uma dimensão enorme, já que há a ausência de parentes, ou familiares no Brasil, o que dá a entender que a participação nos eventos sociais citados, apenas se daria por meio desses parentes. Independente do tempo de permanência no Brasil, muitos entrevistados admitem não terem tido a sorte de construir relações importantes extra-universitárias, o que demonstra que nem sempre a integração no meio acadêmico corresponde à integração no meio da sociedade em geral.

Permanência e mudanças de hábitos

A construção e a reconstrução identitária que decorre de intensos processos de sociabilidade no contexto diaspórico, independente do tempo de permanência do sujeito “fora de casa”, sempre ocorrem ao longo de experiências e nos contextos interativos acompanhadas de um processo contínuo de adaptação, e ao mesmo tempo de reversão de efeitos de socialização primária, disse Bourdieu (1980). O estudante que realiza seus estudos de ensino superior no exterior contém um potencial de transformação cujo alcance é mais abrangente porque é atingido social e culturalmente.

A circulação dos estudantes palopianos do PEC-G como sujeitos deste estudo, diferentemente de um deslocamento de turismo ou de negócios, que costumam ser realizados

por um número significativo de pessoas no mundo, deve ser considerada dentro de um processo intermediário de migração na medida em que não se trata de uma permanência esporádica no destino, mas supõe um percurso longo de cinco ou seis anos vivendo e convivendo na sociedade que apresenta características culturais que a diferenciam da cultura de origem destes estudantes.

Berger e Luckmann (1991, p. 180) afirmam que estar em sociedade significa participar da dialética da sociedade. Esses autores definem ainda o processo “ontogenético” que se realiza como “socialização”, explicando que ele consiste em uma ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade. Bourdieu (1980, p. 91) retoma a reflexão afirmando que a socialização primária corresponde à etapa que o indivíduo vivencia na infância e a secundária seria qualquer processo subsequente que insere o indivíduo, já socializado, em novos setores do mundo objetivo da sociedade.

Os palopianos, por serem atores sociais vinculados a um programa de intercâmbio educacional, são colocados numa condição excepcional de socialibilidade secundária através de convívio, por estarem numa arena privilegiada de disputas sociais e políticas que afloram por meio de reflexões e de discussões na sua maioria de caráter didático e político na universidade. Com efeito, estes jovens estudantes, por fazerem parte deste universo, durante um período excessivamente intenso sofrem, através da interação e da sociabilidade, em graus diferentes de transformações, de ordens sociais e comportamentais, na medida em que um estudante universitário e, acima de tudo, um indivíduo aberto a angariar durante o processo de ensino, e extensão e de pesquisa, informações para além da própria estrutura curricular da área de formação, mas esse processo não ocorre sem conflitos, tende a acertar com as etapas anteriores da sociabilidade. O problema pode ser de solução difícil, diz Baechler (1995).

Segundo Boudieu (1980, p. 67), as primeiras experiências

sociais são responsáveis pela produção das estruturas de *habitus* que estão no princípio da percepção e da apreciação de toda a experiência posterior. O autor refere-se especificamente à manifestação familiar, as necessidades econômicas e sociais, formas de divisão do trabalho entre sexos, apreciação de objetos, modos de consumo, modos de tratamentos dos pais e de pessoas desconhecidas. Na mesma perspectiva, Berger e Luckmann (1991, p. 175) complementam que as primeiras fases de socialização são decisivas uma vez que a estrutura básica de toda a socialização secundária deve ajustar-se à de socialização primária. É neste sentido que ocorre o processo de metamorfose que tende a “ajudar a entender” seu próprio meio e o mundo, ajustando-se às novas situações.

A maioria dos entrevistados reconhece que sofre transformações importantes a partir deste encontro com o universo acadêmico. Transformações avaliadas em geral como positivas. Destacam-se, porém, a perda da adolescência como a transformação mais percebida, num cotidiano de reconstrução interna que vai de maior abertura para outros e de inclusões estratégicas. Para Nadia Delgado, as transformações surgem com as ações mais responsáveis: “olha mudou a forma como eu via o mundo. Acho que eu tinha essa ilusão quando cheguei, agora fiquei mais responsável. Aquela pirlha que eu era. Mas agora fiquei mais responsável, eu já sei dividir quando é a hora para uma coisa e quando é a hora para outra. Eu acho que mudou a forma como eu via o mundo. Não é mais aquela coisa como eu fui criada, neh às vezes as coisas que a minha mãe falava e eu não dava muito valor, agora eu vejo que é verdade, então mudou a minha visão que tinha antes, agora é outra”.

Além da responsabilidade social, a transformação mais visível que Lissy Pinheiro percebe em si reside na maior abertura para relacionamentos: “desde que cheguei aqui em Recife, tudo que tem que ser feito, coisas de casa e da faculdade, eu que devo fazer sozinha, e fiquei mais responsável porque quando eu estava com meus pais, eles costumava fazer a maioria das tarefas de casa, agora estou mais responsável independente,

e principalmente, porque comecei a interagir mais, porque sou uma pessoa que não interage com facilidade, mas quando cheguei eu tinha essa necessidade porque não conhecia ninguém e uma pessoa não consegue viver sozinha no mundo, aí comecei a me abrir e neste aspecto sinto que eu mudei”.

Outra mudança sentida foi em relação ao percurso escolar. Numa perspectiva comparativa entre Angola e Brasil, Dionísio Casimiro está mais cooperativo e menos competitivo: “bem, a pergunta é interessante e eu diria que muita coisa mudou em mim em pouco tempo que estou aqui, porque o aluno angolano, de modo geral, tem aquela coisa de competir com colegas de turma. Mas aqui percebi que nas universidades brasileiras não é esse o objetivo de competir, mas sim aprender na base de cooperação e troca. E também me tornei mais humilde no trato com os meus pares, acho que sendo humilde a gente atinge bons patamares, agora mostrar que só você é quem sabe, querer se sobressair e negar oportunidades aos outros, isso é ruim”.

No outro plano, muitos dos entrevistados admitem que estejam mais abertos à inclusão do outro, como estratégia de solidariedade: “Como não temos familiar aqui, a gente mora perto de um e de outro, assim qualquer coisa que acontecer você está lá para ajudar ou mesmo para ser ajudado. Quando tem festa a gente nem tem dificuldade de avisar, principalmente quando a festa é mais restrita, onde só têm africanos, sem formalidades; assim, festa mesmo só entre pessoas que têm os mesmos problemas, dificuldades e angústias onde você viaja com a música, chora mesmo de saudades da terra e dança às vezes até se cansar de verdade”, explica Sabrinne Fortes.

Como tantos outros, Sonia André que mora em Maceió há quatro anos revela que estar um para o outro constitui uma realidade cultural e histórica na África herdada dos ancestrais: “eu acho que a questão de ser africano estando sempre mesmo juntinho sabe, não é a questão da colônia, mas é coisa do africano de estar um para o outro

independente de morar no mesmo apartamento ou não, mas esta coisa de estar e ser um para outro, se precisar do outro, ele estar lá próximo, pronto para prestar ajuda no que for possível, tanto no social, moral ou financeiro etc, isso parte de nossas raízes”, conclui.

Outra perspectiva destacada por nossos interlocutores é afeto e carinho que cada um passou a ter de um para outro. Para muitos a vida é uma troca de atenção, favores e afeição porque a intensa rotina acadêmica às vezes não vai chegar a lado nenhum, portanto, somente a troca tem significado que pode prevalecer por muito tempo começando aqui indo até lá (África). As narrativas concedidas pelos jovens estudantes palopianos demonstram que, apesar de percalços encontrados “fora de casa”, ocorreram metamorfoses de personalidade, provocando desejo de transcender divisões inerentes às pertencas aos grupos nacionais ou mesmo étnicos. Essas transformações percebidas ocorreram caso a caso, originadas muitas vezes em decorrência do corte temporário precoce de vínculos familiares e a consequente mudança ocorrida na relação com os outros, sejam africanos ou brasileiros.

Porém, aconteceu a maior conscientização em relação à realidade social em seus países de origem; muitos reconhecem que a partir do Brasil conseguiram enxergar bem os fatos que ainda permanecem sem soluções aparentes: “a realidade aqui é diferente do meu país, isso porque aqui é mais avançado em muitas coisas e lá a gente tá só começando a conquistar certas coisas, por isso mesmo, sempre quando você encontra alguma realidade você deve analisar bem”, diz Antonio Moreira, estudante angolano de 20 anos de idade. “Daqui do Brasil, eu vejo o meu país como um país que precisa ser trabalhado muito ainda, tem experiências interessantes aqui e acho que podem ser muito bem aproveitadas e adequadas e aplicadas em Cabo Verde. O Brasil tem algumas práticas aqui que funcionam muito bem, acho que pode originar bons resultados no meu país, caso sejam aproveitadas”, proclama Kevin Andrade.

3.4. E o futuro a quem pertence?

O que pretendemos a partir de agora é compreender quais os caminhos que os estudantes africanos vinculados ao PEC-G da Universidade Federal de Alagoas e da Universidade Federal de Pernambuco percorrem para que os seus sonhos e de seus familiares não se tornem ilusões, e os investimentos efetuados não se percam e, de que forma os estudantes esperam conseguir sucesso e reconhecimento profissional em seus países de origem, ou em outros mercados onde possam exercer atividades profissionais nas suas áreas de formação.

Lissy Pinheiro explica atitudes que toma direcionada à conquista da melhor forma possível de lugar no futuro a ser ocupado: “investir e esforçar muito nos estudos ter prazer e vontade e um pouquinho de ambição, sobretudo agora terminar o meu curso. Isso não é só por mim, mas por meus pais para mostrar-lhes de que investiram bem”. Para Dionísio Casimiro, o sonho só se alcança com virtudes e ações reais: “para chegar a um futuro que já se mostra ser promissor só por estar numa das melhores Instituições de Ensino Superior deste país, acho que agora é ser e continuar humilde e, primar nos objetivos concretos que cá me trouxeram e colocar, acima de tudo, a responsabilidade em primeiro lugar e esforçar-me no máximo possível para que as coisas que foram perspectivadas sejam alcançadas”.

Muitos dos entrevistados não escondem anseios de um dia poder dar as suas contribuições para o desenvolvimento social dos seus povos. Com efeito, este fato cria, de alguma forma, expectativas, como seria o caso de Verônica: “as expectativas são tantas, visto que a principal é terminar o curso e retornar e trabalhar para o desenvolvimento do país, e espero que quando a gente retornar as coisas estejam mais abertas, as oportunidades, e que os empregos não fiquem difíceis para podermos dar o máximo e mostrar o que a gente aprendeu e contribuir para o desenvolvimento”.

A ideia de retorno cresce mais pelo fato de muitos entrevistados acreditarem que poderão conseguir excelentes empregos em

seus países de origem. Ruben Lima que mora e faz faculdade de Administração no Recife, conta: “a minha expectativa para quando voltar pra meu país acho que é a expectativa de todos os estudantes africanos, a certeza de conseguir um emprego, ter uma vida econômica estável e tocar a vida pra frente, ou seja, ter uma vida profissional de sucesso”.

Embora alguns estudantes do programa de convênio da graduação sejam mantidos no Brasil pelos recursos dos familiares, sem nenhuma participação de seus governos em termos de auxílio através de bolsas de estudos, muitos destes jovens estudantes sentem uma certa obrigação moral e política de participar no esforço de reconstrução, como afirma Antonio Moreira: “eu vim para estudar aqui no Brasil, na perspectiva de encontrar na minha área de formação neh, meios e estratégias que possam ser usados em vários projetos em Angola, que é um país que ainda tem falta de profissionais capacitados, na minha área de formação que é a Fisioterapia. Como todo mundo sabe, Angola teve conflitos de muitos anos, o que deixou o país com problemas que não podem ser resolvidos apenas em poucas áreas, eu acho que o problema agora deve ser enfrentado de todos os ângulos, por isso acredito que haverá espaço para mim e para qualquer profissional capacitado, independente da área de formação, eu acho. Isso deixa a pessoa mais elástica a ter noções de outras áreas também”.

A família, as redes de amigos constituídas, tanto aqui como lá, de alguma forma indicam para uma tranquilidade interior destes atores em ter esperança não só nas experiências acadêmicas próprias, mas também na fé e na capacidade de acreditar que os propósitos e planos estabelecidos ou imaginados darão certo. São dimensões na qual ancora atitudes e formas de ações.

Neste sentido, ao lado das pertencas culturais, orientações pessoais de cada um e de um conjunto de valores sociais, constam também como táticas para se chegar aos objetivos profissionais concretos: “Eu tenho fé, desde quando cheguei a Recife, acima de tudo, eu sinto dentro de mim uma

tranquilidade, sempre fui à Igreja, sempre participei dos cultos africanos aqui, isso tem me fortalecido cada vez mais. Recife, assim como outras cidades do Brasil, é muito violento, não tem como escapar da violência aqui, mas graças a Deus a minha fé tem me mantido firme, sem pânico, seguindo meus estudos, agora que estou no meio do curso de rádio e televisão tenho a mesma esperança de terminar e voltar para Angola. Lá, se Deus quiser, não vou ter problemas de me inserir no mercado de trabalho”, diz Verônica Manuel.

Otimismo de encarar a vida profissional em seu país de origem é anseio que Sonia André não oculta: “não desejo em nenhum momento trabalhar aqui, eu só fico neste país talvez para dar seguimento aos meus estudos, mas não pretendo ficar, como eu disse, meu país precisa de mim, então não adianta enraizar aqui sabendo que Moçambique precisa de mim e eu tenho certeza das possibilidades de trabalho que me esperam então a minha expectativa como disse é de voltar o mais rapidamente possível para casa, assim que concluir o curso”.

Muitos dos nossos interlocutores acreditam ter maiores oportunidade de trabalho em seus países de origem, já que voltam com uma formação no exterior: “eu tenho alguma chance de trabalho em Cabo Verde, porque a área que eu estudo, Ciências da Computação, é uma área que está em desenvolvimento no meu país, então eu acho que de alguma forma e em alguma área ou setor de função pública tem vaga de trabalho para mim”, explica Kevin Andrade.

A virtude consiste, portanto, em viver de acordo com a razão, evitando entusiasmos, que são desvios da própria natureza racional (COUTO, 2006). Os sentimentos de patriotismo aparecem em quase todas as narrativas dos estudantes. Eles admitem a vontade de retorno aos países de origem e a consequente participação no árduo processo de reconstrução dos mesmos. Para muitos parece ser até uma obrigação moral de todos aqueles que se formam no exterior. No entanto, alguns são mais calculistas e não escondem a possibilidade de instalar-se no Brasil: “quanto à questão de retorno ao país,

assim eu costumo dizer que sou um cidadão mundial, ainda que hoje o mundo seja globalizado, portanto, qualquer lugar que eu puder ter uma vida digna, qualquer lugar que possa ter uma tranquilidade que possa me oferecer um futuro melhor, eu viverei neste lugar para sempre. Então, neste momento eu vivo no Brasil e pretendo ficar aqui até pela oportunidade que este país está me oferecendo na minha área de formação. Portanto, mesmo assim, conservo em mim o alto senso de patriotismo, eu tenho uma convicção e um sonho de alguma forma ajudar o meu país na medida do possível, então se eu realmente conseguir crescer aqui profissionalmente pretendo ajudar meu país, mas para morar lá, por enquanto, não faz parte dos meus planos”, diz Marcelino Caetano.

Nadia Delgado revela que não tem vontade excessiva de retorno imediato. Essa estudante de Odontologia afirma: “eu sou uma daquelas pessoas que fala assim: eu quero voltar para meu país, quero mesmo, mas se tiver oportunidade aqui ou em qualquer outro lugar, eu não vou hesitar em ir atrás. Então, eu acho que você tem que procurar o melhor para você, se encontrar outros lugares, outras experiências, também vou indo. Em Cabo Verde eu vou voltar sempre por questões de ser de lá e de ter toda minha família, é meu país neh, tua pátria, você ama, você gosta, mas a partir de momento que você decide ser estudante, você tem que pensar em coisas. Mas é assim, quero voltar? Quero. Mas tem que voltar? Não necessariamente neh, isso vai depender do que vai acontecer daqui para lá”. Osvaldo Gonçalves compara: “a vida é como um mar, ninguém sabe ao certo o que há nele, mas suponhamos que apareça uma empresa que me contrate aqui e me ofereça grandes condições, não tenho porque não ficar no Brasil”.

A perspectiva de permanecer no país de formação surge por razões da precariedade e da fragilidade das estruturas políticas e administrativas em seus países de origem. Este fato acarreta sentimentos de receio de eventuais repressões políticas: “já terminei a graduação, estou agora no mestrado, estou vivenciando um dilema porque Guiné-Bissau não

está estável desde 1998, já acabou a guerra, mas sempre tem sobressaltos. Recentemente, quando estive lá, quase que aconteceu um golpe de estado, então são situações que desanimam e desmotivam, mas no fundo o que todos os guineenses desejam é terminar e voltar para o país de origem, mas nestas condições alguns optam em ficar no país onde estudou ou ir a outro país continuar os estudos ou mesmo trabalhar, até porque acho que ficaria uma perda para o país, um cidadão saiu do seu país, se formou e voltar só para voltar, um patriotismo a ponto de entregar a tua vida num país que não respeita a liberdade de expressão, não oferta campo de trabalho, fica difícil e complicado ter certeza de voltar, então fica esse impasse e essa vontade de ir e receio de não dar certo, claro não é chegar e ganhar logo muito dinheiro, mas chegar e ter um espaço”, conclui Vagner Bijagó.

O sentimento da incerteza de inserção profissional nos países de origem é a emoção que atormenta alguns entrevistados: “eu tenho receio sim do que pode acontecer, assim, não posso dizer com firmeza hoje, que eu volto lá e encontro um trabalho. Nesse sentido, tenho um pouco de receio de ir, acabar não atuando na minha área, não fazendo o que eu gosto, o que aprendi e o que eu estudei para fazer, então tenho receio disso, sobretudo de não conseguir trabalhar na minha área de formação”, confessa Nadia Delgado. “Às vezes quando você está no início do curso, nem passa na cabeça esta angústia ou diria mesmo a incerteza do seu futuro, agora que estou a concluir confesso que penso todos os dias em mim mesmo, digo assim, e agora gente? Agora que me capacitei aqui, o meu maior medo é, sem dúvida, tipo não conseguir emprego depois de demorar aqui entendeu. Eu acho que isto é um sentimento igual para todo mundo, pois é frustrante você passar aqui cinco ou seis anos da tua vida estudando e estagiando e tal, conhecendo e apreendendo e você não poder exercer isso entendeu, você e a tua família aposta nisso tah, a família bota fé em você, se isso não acontecer é frustrante, o meu maior medo em relação à minha volta ao meu país é isso. Mas eu acredito que tudo vai dar certo se Deus quiser”, diz Kevin Andrade.

O temor de retornar também está associado à falta de concursos públicos e das estratégias por parte dos governos de inserção no mercado de trabalho, Vagner Bijagó explica: “receio de não dar certo, pelo fato de que Guiné-Bissau, assim como outros países africanos, não tem concursos públicos o que, de certa maneira, poderia propiciar uma competição justa de acesso ao trabalho na função pública, mas trata-se de um país onde acontece indicação para cargos de serviços em diferentes áreas baseada nas relações de parentesco. Neste sentido, fica difícil uma pessoa que não possui familiares com alta posição social ser indicada, então é muito complicado e obscuro acreditar em ter um lugar de trabalho”, reclama. Para os estudantes que não possuem o amparo de parentes, não se contentam apenas com título de bacharel ou de licenciatura decidem manter-se ou mesmo voltar ao país de origem e depois retornar ao Brasil no intuito de continuar os estudos em nível de especialização, mestrado e doutorado, portanto, sabem que quanto mais obter alto nível de qualificação técnica e profissional maior será a certeza de inserção do mercado de trabalho.

“Eu penso sim em continuar estudando, pode ser aqui mesmo no Brasil, mas não necessariamente aqui em Recife, isso porque, pelo menos no meu curso, os problemas que tem aqui não são os mesmos que você encontra em outros lugares, então é bom sim você sempre estar trocando experiências”, diz Nadia Delgado. Já Lissy Pinheiro confessa: “eu tenho interesse sim de continuar com a minha formação profissional no Brasil, pós-graduação, mestrado e doutorado e se aparecer qualquer trabalho aqui eu fico aqui mesmo”, conclui.

Esses relatos sobre a possibilidade de permanência no Brasil de alguns dos nossos entrevistados após a conclusão do curso podem ser analisados sob duas perspectivas: em primeiro lugar, além dos fatores apontados acima, se deve considerar também que a vinda e permanência dos estudantes na universidade durante períodos de estudos, seguidos de experiência profissional por meio de estágios, parecem ser a “tendência” da mobilidade com fins de estudos: a necessidade

de encontrar espaços que darão continuidade à formação e ao exercício profissional.

Importa frisar que o Programa Estudante Convênio de Graduação - PEC-G, coopera na perspectiva de incentivar os estudantes a continuarem ampliando suas formações acadêmicas, o que traz benefícios enormes para os estudantes em si e as próprias nações envolvidas, na medida em que propicia intercâmbios culturais. Contudo, é um programa que pretende limitar-se a um determinado público seletivo que comprove solvência econômica para estudar no Brasil e se manter sem custos adicionais para o Estado Brasileiro e dos próprios países emissores dos estudantes.

No Protocolo está explícito que não haverá qualquer ajuda aos estudantes das Instituições de Ensino Superior ou de qualquer outra instituição federal envolvida durante a permanência do estudante no Brasil, o que nos leva a um entendimento de que estudar no Brasil seria mais um projeto individual ou familiar desses jovens estudantes palopianos articulado dentro das estruturas oficiais envolvidas, das duas nações signatárias dos acordos bilaterais. Como alguns países não assumem responsabilidade sobre a permanência de estudante no exterior, este fato subentende que cada estudante tem escolha própria do destino após a formação.

Em segundo lugar podemos analisar este fato dentro dos processos identitários a partir de uma perspectiva capitalista na qual a identidade desses jovens estudantes com qualificação técnica, de alguma forma serão construídas e reconstruídas, também, a partir de uma intensa mobilidade social contemporânea e de necessidades de consumo de bens materiais dentro do mercado capitalista; portanto, há uma identidade capitalista, que concorre com outras possibilidades de ter e de ser. A identidade capitalista, como diz Fonseca apud Cabecinhas e Cunha (2008, p. 43), forja a identidade desses atores sociais que também procuram, antes de qualquer coisa, no conforto, nos bens materiais, na sociedade de consumo e no estilo de vida fatores calcados, acima de tudo, em encontrar um espaço de exercício

profissional no sistema capitalista de produção material e simbólica para galgar o lugar próprio no mundo.

Neste sentido, a vinda, a permanência e o retorno tornam-se uma tripla perspectiva que gera “esquizofrenia” nestes sujeitos, pelo fato de suscitar o sentimento de falta de lugar, no entanto, além de questões laborais, sabem que ao retornarem não encontrarão mais os mesmos amigos, os mesmos familiares, a mesma cidade; também sabem que as suas referências identitárias, seus vínculos sociais e afetivos em seus recintos originais modificaram-se durante a estadia nas cidades de Recife e Maceió. Além disso, sabem também que agora devem trabalhar para a própria manutenção e ainda fazer o inverso, participar das finanças na “casa dos pais” como determina as muitas tradições culturais africanas.

Como vimos, o presente estudo teve como objetivo aprofundar a nossa compreensão sobre a vinda e a formação dos cidadãos africanos no Brasil. A nossa reflexão incidu sobre as implicações humanas e sociais desta mobilidade estudantil estabelecida entre o Brasil e os países africanos desde os anos 60 do século XX, dando ênfase aos processos de sociabilidade, construção e reconstrução identitárias destes atores sociais. Delimitamos o raio de investigação apenas aos estudantes do PEC-G oriundos do PALOP e residentes nas cidades de Recife e Maceió.

Durante o curso da investigação se observou que a vinda, a permanência e o retorno envolvem outros aspectos importantes na compreensão de uma variedade de questões sociais subjacentes no interior da estrutura deste convênio educacional. A construção do programa de intercâmbio entre o Brasil e os países em vias de desenvolvimento, em muito dos seus aspectos organiza-se na base de aspectos formais que apenas priorizam e regularizam a mobilidade dos estudantes sem, no entanto, levar em conta outras preocupações indissociáveis, tais como a criação, por parte dos Estados-nações e das Instituições envolvidas, de instrumentos que facilitem o acolhimento e a integração dos estudantes nas universidades que os recebem.

Um convívio intensivo com os intercambistas do PEC-G de diferentes origens nacionais resultou na descoberta de inúmeros obstáculos e problemas que têm sido enfrentados

quase sempre pelos próprios estudantes, através das suas estruturas familiares, assim como das redes sociais informais de interajuda que envolvem colegas da mesma nacionalidade e de companheiros de outras nações, como principais estruturas mantenedoras, por meio de significativos vínculos de solidariedade, suprimindo a ausência das instituições responsáveis pelo convênio.

Tais estruturas e mecanismos de interajuda são ativados, mantidos e revitalizados constantemente pelos próprios estudantes por meio dos quais interagem e se integram formando comunidades específicas dentro da Instituição ou mesmo os pequenos “guetos” nas cidades já que, dificuldades nomeadamente de ordem financeira e deliberações de não lhes permitirem acesso à residência universitária como é o caso dos estudantes da Universidade Federal de Alagoas em Maceió, leva-os, por exemplo, à locação de um simples apartamento, depois de uma série de garantias exigidas por parte dos proprietários – estes acabam se instalando quase sempre em grande número, mantendo entre si os laços de fraternidade, de companheirismo e de sociabilidade. Neste sentido, observa-se uma dependência recíproca, assim como o fortalecimento de vínculos de conformidade, já que todos, mesmo sendo oriundos de distintos países, vivem as mesmas situações e ainda fazem parte de um mesmo convênio educacional.

A discriminação racial com base nos aspectos fenotípicos (a cor da pele), persistente na sociedade brasileira, acompanha também o cotidiano dos estudantes africanos nas cidades acolhedoras, nas universidades em que estudam e nas suas relações com os professores, estudantes e servidores com os quais lidam diretamente, constituindo, assim, um problema que os fragilizam e os tornam vulneráveis nos seus processos de sociabilidade e de aprendizagem. Nos espaços extra-universitários, ainda se deparam com situações mais violentas envolvendo autoridades policiais com os procedimentos de abordagens desproporcionais em relação ao negro. Quanto às pessoas comuns convém mencionar pelo menos um desses

relatos: “nordestino é cheio de graça, e isso não é ruim. Mas existem brincadeiras mal intencionadas que lhe fazem rever sempre a sua condição racial”.

Esses estudantes divergem em seus estilos de vida; uns ostentam cabelos bem arrumados, típicos da cultura afro-descendente, e outros mantêm simpatias e sorrisos sempre a postos, alguns são mais reservados e focados nos estudos e nos propósitos estabelecidos. Mas, qualquer que seja o estilo de vida desses atores sociais no Brasil, eles são alvo cotidianamente de pormenores que são lembrados pelos nativos: são negros. “Quando cheguei, não dava conta da minha cor. Muito menos do estigma. Aqui pude me enxergar como diferente. A ignorância das pessoas veio do nada, com o preconceito”, diz Matos da Silva da Guiné-Bissau.

Outra situação de confronto revelado: “muitos brasileiros nos dizem que estamos tomando as vagas da cota dos afro-descendentes” e, ainda muitos intercambistas chamam atenção de outro tipo de ocorrência: “tenho nome e sobrenome próprio, assim me identifico, mas as pessoas preferem me chamar de moreno, moreninha, nego, negona e outros. Se isso é para me agradar, não sei. Mas o fato é que essa não é minha identidade”, lembra Sonia. O fenômeno parece remontar ao passado colonial: “Os africano escravizados desembarcavam nas América e, desde aquele primeiro momento, cada um perdia a raiz. Deixava de se chamar como o chamavam os pares, recebia um número ou um nome europeu. As pessoas, ainda hoje, continuam com o costume de tentar construir, delinear o mundo de quem vem da África”.

Em conversas informais com os estudantes sempre vem à tona relatos de preconceitos, velados ou não, sobretudo no seio da comunidade universitária acarretando isolamentos destes estudantes em certos convívios, como na realização das tarefas coletivas. Atualmente, cerca de duzentos (200) estudantes do PEC-G e PEC-PG, encontram-se matriculados na UFPE e na UFAL, mas estima-se que existem quinhentos (500) cidadãos estrangeiros originários dos países de língua portuguesa em África residente nas cidades de Recife e

Maceió. As delegacias da Polícia Federal das duas cidades não confirmam se todos possuem vínculos com as instituições de ensino superiores públicas e privadas. Os dados fazem referência ao ano de 2011.

A partir dessas primeiras observações consideramos que a vinda dos africanos para o Brasil não pode ser interpretada exclusivamente como um grupo de estudantes especiais por serem selecionados e aceitos diplomaticamente, sendo pelo contrário, suscetíveis de riscos, das mais variadas formas de intolerância nos lugares de acolhimento. Consequentemente, os perigos que a mesma discriminação acarreta são de responsabilidade exclusiva de estudante e de seus amigos, não tendo nenhuma forma de orientações, apoio e de solidariedade da instituição em termos de proteção técnica, psicológica e social.

Salientamos que a falta de apoio é um mal que não só atinge os brasileiros. No caso dos estudantes palopianos eles possuem especificidades que só tendem a aumentar o desapoio mesmo que eles cheguem a ser tratados de modo igual com os seus congêneres brasileiros. Em se tratando de outros estudantes vindos do continente europeu, por exemplo, mesmo sem ostentar muito, possuem uma boa contrapartida da família e são “aceitos quase em todos os lugares de convívio social” dada a procedência. Da mesma forma, pode-se observar em relação aos americanos, pois, ainda têm uma estadia no Brasil de no máximo um (1) ano, enquanto os da África permanecem no Brasil durante um período de quatro (4) ou cinco (5) anos dependendo duração do tempo de curso, do apoio quase que unicamente familiar.

Estas questões pouco têm sido debatidas, pois a retórica mais interessante dos gestores do programa parece ser aquela que divulga os números de vagas reservadas e ofertadas aos países signatários, assim como de auxílios econômicos pontuais por parte das instituições de acolhimento para realizações de eventos. No outro lado do atlântico, as instituições apenas aguardam o retorno de seus cidadãos formados, para que ajudem no desenvolvimento social de seus países, mas sem

acompanhar a trajetória dos estudantes de convênio e sem nenhum plano concreto de retorno e de acesso ao mercado de trabalho. As narrativas colhidas dos palopianos permitiram compreender em parte a complexidade de fazer parte do PEC-G que se exterioriza nas estratégias simples, da vida real, como parecem ser as atividades esportivas e festividades.

As narrativas dos sujeitos que vivem o PEC-G em todas as suas dimensões apontam indicadores válidos, diferente das declarações oficiais que tendem mais a revelar os benefícios sociais e econômicos envolvidos no programa. Enquanto os estudantes reconhecem tais benefícios, mais efetivamente elegem outros aspectos como sendo fundamentais nos avanços de suas formações como cidadãos: participação em todas as esferas de produção do conhecimento e de ações cívicas e políticas como requisito essencial na formação de uma consciência coletiva, sobretudo neste momento em que os espaços se unem cada vez mais, evidenciando a interdependência planetária que busca globalizar as lutas sociais, relações sociais e políticas assim como do conhecimento.

Mas isso parece esbarrar nas atitudes de conservadorismo canônico que impedem os vínculos políticos e fraternais entre as pessoas cujos problemas têm causas semelhantes, principalmente nas sociedades em que os processos sociais afloram identidades culturais em que cada grupo procura consolidar seu espaço no todo.

Abordou-se nesse estudo a importância dos Acordos Educacionais e Culturais nas relações internacionais e na promoção das políticas sociais entre os Estados. Neste sentido, o nosso ponto de vista também aponta para sua valorização, mas defendemos, no caso do Brasil e da África, que as diretrizes dos Acordos não permaneçam estruturadas pormenorizadamente apenas no plano histórico. Pois, acredita-se que esta âncora histórica é útil, mas reforça em parte a ideia de uma África mítica e segue exotizando os africanos nas suas relações com seus pares e, às vezes, impedem a visibilidade da realidade de uma África

transformada social e culturalmente através de encontros e das próprias convivências interna de diversos grupos sociais e linguísticos dentro e fora de suas fronteiras políticas o que implica a existência de tradições culturais diversificadas.

Convém lembrar que a mídia em seus noticiários assume um princípio norteador na construção e no reforço da imagem e da percepção que predomina sobre o continente africano e de seus povos no Brasil. Este fato reflete sumariamente na identificação destes que, em maior ou menor grau, continuam sendo remodelados, renovados com sutileza, quase sempre tomando como base certas “desgraceiras” localizadas na África para exemplificações, até mesmo nas salas de aula.

Ao fazer uma conjugação das entrevistas realizadas observou-se nas narrativas dos africanos de diferentes nacionalidades a implausibilidade de atitude de pessoas que genericamente os denominam: em primeiro lugar de “angolano” e depois são apresentados de modo homogêneo de africanos. Com efeito, se admitirmos que ser brasileiro corresponde a uma identidade, da mesma forma se pode imaginar que a nacionalidade de cada um se confirma como critério de construção simbólica de “si e dos outros”. A elevada auto-estima nacional do brasileiro contribui, à partida, para um olhar crítico em relação a si mesmo, pois quando um grupo é destituído dessa mesma pertença se sente descaracterizado e inferior em relação ao outro.

Numa investigação intensa, tal como nos envolvemos, propiciou a compreensão de que o acordo bilateralmente celebrado entre este país e os países africanos trouxe para as universidades brasileiras atores com orientações sociais e culturais completamente diferentes, cuja compreensão de outros sujeitos sociais nos espaços interativos comuns se dá também de forma distinta. Não obstante, os seus processos de sociabilidade tendem a ocorrer em ritmos desiguais em função da história individual e coletiva de cada um e, assim, como dos próprios problemas decorrentes da formação do Estado-nações.

Nesta perspectiva podemos entender que a identidade de cada um é um processo e, como tal, um acontecimento em curso, em ação dinâmica, construtiva, sem tempo formal de definição previsível. E, ainda como tal, merece observação, coleta de informações, análise de casos e situações vividas, experimentadas e sentidas. As narrativas de vida colhidas desses atores sociais vêm a confirmar que a interação entre eles e com os nordestinos, como circunstância fecunda aos processos de formação, celebra, ao mesmo tempo, a identidade como processo de construção social.

As identidades não são em si estáticas, mas se produzem e reproduzem-se em interações e são classificadas num determinado contexto, adquirindo um valor relativo e contextualizado. O fato de termos identificado certos atributos comportamentais dos nossos interlocutores, apoiados numa determinada pertença nacional ou associados a uma identidade nacional angolana, cabo-verdiana, guineense, não é do nosso interesse reificar essas mesmas identidades, mas captar esses atores sociais em pleno processo de construção de sentido de si e as identidades como resultado deste processo.

Com a realização deste estudo, conclui-se que o contingente de estudantes palopianos no Brasil faz parte de uma tendência global da mobilidade internacional com fins de estudo cuja preferência inicial é se destinar para os países desenvolvidos, mas, em muitos casos, escolhem os países periféricos como alternativos por razões variadas: busca de uma formação equilibrada com oferta diversificada não só de cursos, mas também de conteúdos alternados com base na qual o estudante aprende criticamente sobre motivos que levaram à dominação, à colonização e outras mazelas persistentes. É o caso dos estudantes palopianos que se dirigem para o Brasil, país que tem no seu passado um histórico colonial comum por ser também da colônia do Portugal.

Outro aspecto fundamental que corrobora é a internacionalização da educação superior em curso, tendo os Acordos de Cooperação como instrumento necessário para a maioria da população de países em vias de desenvolvimento

que apresentam uma estrutura institucional de ensino superior muito recente e precária e não dispõe de um sistema de educação superior eficiente, pela carência do país. Pois, ainda para muitos estudantes palopianos a escolha do Brasil também se deve pelos vínculos linguísticos relevantes na decisão da mobilidade e até mesmo na escolha da região e da universidade para a realização do curso.

Apesar da observância de relatos sobre os vínculos culturais, verifica-se um paradoxo na escolha destes palopianos: por um lado, a ligação ao destino e universidade ganha uma intensidade que é apresentada por meio de discurso e a pertença nacional assume proposições que se exprime no esforço empreendido nesta diáspora em melhorar cada vez mais o nível da educação cuja parte dos benefícios gerados a partir desta oportunidade de formação no exterior seja revertida em contribuições importantes ao avanço social, crescimento econômico e auto-realização financeira.

No geral, a auto-imagem que predomina nestes atores sociais é positiva e reflete a valorização das identidades nacionais, particularmente os estudantes oriundos de “Angola e de Guiné-Bissau”. Estes se identificam de forma mais intensa, pelo menos nas narrativas, com os marcadores culturais de seus países e, essas marcas culturais são sempre acionadas como forma de se relacionarem, no otimismo nos propósitos, afeto, alegria e simplicidade. Apesar de intensos fluxos contemporâneos de pessoas e da conseqüente reconstrução de comunidades nacionais no contexto diaspórico, as sociedades de origem representam para os palopianos o grupo de referências ao qual pertencem e em relação ao qual se identificam.

Este sentido de pertença nacional reconstruído pelos estudantes palopianos nas cidades de Recife e em Maceió, é alimentado por memórias de experiências vividas e partilhadas, que a meu ver, constituem verdadeiras marcas na auto-identidade deles, que se tornam evidentes nos seus espaços de encontros e de sociabilidades em que no jogo simbólico surgem atributos de reserva, de enfrentamento e

de conservadorismo, talvez pela necessidade de confirmar a pertença ou exaltar algum nível de superioridade em relação ao outro.

Apesar desse enfrentamento constante dos palopianos observou-se uma dimensão interior de afeto e auto-estima, de fé, de esperança, alegria de ter o “outro” por perto e a valorização da experiência que esses estudantes compartilham entre si. Vimos que, para muitos estudantes, mesmo com a calorosa afetividade dos nordestinos, bastava deslocar-se além das fronteiras do país de origem para se sentir um “peixe fora de água”. Logo, nem o tempo de estudo no destino, ou por maior que seja o tempo de permanência no Brasil, e nem a condição específica de integração, por mais favoráveis que sejam, não seriam suficientes para suprimir um sentimento de diferença que carregam nesta diáspora.

Esta percepção só foi possível pelo fato de ter vivido no outro lugar, o que explica como a identificação e os vínculos com a origem não se apagam por mais que existam a identificação e a integração nas cidades de Recife e de Maceió. Pois, duas razões parecem contribuir para que o mundo social interiorizado na socialização primária se torne firme na consciência: na primeira etapa da sociabilidade a criança não interioriza o mundo dos outros como sendo um dos mundos possíveis, mas apenas o seu mundo como a única realidade possível.

Entretanto, mesmo que o sentimento original seja enfraquecido por encantos subsequentes, a lembrança e a certeza da primeira aurora da realidade persistirão ligadas ao primeiro mundo da infância. “O mundo da infância é maciço e cheio do real”. A segunda etapa seria a carga afetiva que a socialização primária implica, sem a qual o aprendizado seria difícil, (BERGER e LUCKMANN, 1991, p. 176). Muitos interlocutores, como Sonia André, de Moçambique, admitem que “estar aqui melhorou a compreensão de si e ter explicação para sua própria realidade social e identitária que se compõe, ainda que sempre oscilantes entre diferentes contextos e distintos meios de convívio social”.

A nossa reflexão incidiu sobre a compreensão do processo de sociabilidade e do contínuo processo de reconstrução da identidade como um processo flexível e dinâmico, ao qual estão atrelados nele transformações permanentes. Segundo Castells (1999), o indivíduo recebe diversas influências e atua continuamente em diferentes contextos, integrando pertencas e desempenhando papeis diferentes que coexistem e se interrelacionam. Existindo um leque de opções e possibilidades de interligação entre as influências externas e as tendências pessoais, forçando a pessoa a negociar estilo de vida como parte da construção da sua identidade (BAECHLER, 1995).

A rejeição de uma concepção essencialista dos fenômenos identitários tem sido amplamente desenvolvida pelas ciências sociais, cujo principal foco analítico tem se dirigido no sentido de abandonar a ideia de que os traços que formam uma identidade têm fronteiras bem definidas e imutáveis, que às vezes são encaradas, na perspectiva essencialista, como formas identitárias que não se cruzam com nenhuma outra. Paralelamente atração pelo universal observa-se também a crescente redefinição de categorias nacionais, entre outras encaradas por alguns grupos como essências identitárias que acarretam, também, uma tensão entre globalização e particularização.

Os estudantes palopianos correspondem a um contingente heterogêneo, quer em termos da nacionalidade, em dimensão social da etnicidade, em termos de percursos escolares e prática linguística, em termos de auto-identificação religiosa e, ainda, de classe. Porém, os sistemas de dominação na África exploraram e manipularam todas essas particularidades e pertencas, interiorizando os estereótipos de um grupo em detrimento de outro grupo étnico. Quando se fala do continente africano, hoje a questão étnica aparece de forma recorrente, mas o fato é que, pouco ou nada, aparece nas narrativas desses africanos que apontam para uma espécie de reminiscência de diferenças étnicas, como uma das categorias que explica as discórdias e brigas entre os estudantes do

mesmo país e destes com os de outras nacionalidades nos seus espaços de encontro e de sociabilidade.

Este estudo alicerçou-se em diferentes níveis da abordagem na perspectiva de captar a problemática sob diversas facetas no intuito de clarificar os contornos deste universo de circulação internacional de estudantes e seus aspectos invisíveis, circulação que parece tomar rumos em direção à consolidação de pacto cultural entre a África e o Brasil com a inauguração da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileiro (UNILAB).

Na apresentação de considerações finais deste estudo, não podemos deixar de manifestar a nossa convicção, apesar das inúmeras dificuldades que encontramos no seu decurso devido à complexidade do tema. A problemática da vinda, permanência e o retorno dos estudantes africanos vinculados ao PEC-G deve merecer mais atenção dos antropólogos. Vale mencionar que no decorrer deste estudo deparamos com algumas limitações inerentes ao campo de pesquisa, relativamente aos limites impostos pelas normas do convênio, por esta razão algumas informações pertinentes não foram discutidas aprofundadamente.

Contudo, do nosso ponto de vista, conseguimos apresentar indicadores válidos que poderão orientar futuras pesquisas sobre esta temática, com outro nível de rigor e profundidade. Outro obstáculo pode ser constatado quanto ao acesso às fontes estatísticas oficiais da UFPE e da UFAL sobre os estudantes. Apesar da atualidade de questões que envolvem a internacionalização das universidades capitaneada pela UNESCO e da crescente mobilidade estudantil, apenas nos foi possível encontrar poucas obras impressas e publicadas. Optamos, ainda, por acessar os documentos eletrônicos, onde nos deparamos também com poucos artigos e textos, muitos dos quais nos suscitou algumas dúvidas, devido ao rigor que orientou a seleção das nossas fontes.

Um último percalço liga-se com o fato da problemática de investigação exigir, no nosso entender, uma abordagem

interdisciplinar, sobretudo da Antropologia e Sociologia e o campo da Comunicação, envolvendo mídias. Todos esses domínios de conhecimento deram certamente uma contribuição na análise sob múltiplos aspectos, principalmente as implicações sociológicas e as dimensões antropológicas inerentes ao “viver fora de casa”, reconhecendo que alguns conceitos chave deste estudo, como comunidades nacionais, sociabilidade, identidade, poderiam ser trabalhados de uma forma mais aprofundada mas, devido, sobretudo, ao tempo escasso em que a pesquisa decorreu aliada à nossa participação no processo seletivo de doutorado de 2012 com intuito de prosseguir e consolidar a nossa formação acadêmica na Antropologia, de alguma forma impediu de alargar o nosso horizonte de investigação, deixando em aberto um número muito considerável de questões acerca das experiências de vida cotidiana e de trânsito destes jovens africanos nas cidades de Recife e Maceió.

Contudo, acreditamos que este estudo pode constituir uma base de trabalhos conceitual para desenvolver, num futuro próximo, inúmeras pesquisas que analisam exaustivamente a presença dos cidadãos palopianos nas regiões metropolitanas do nordeste brasileiro, com o otimismo de ter conseguido, neste primeiro momento, uma aproximação relativamente bem sucedida junto a comunidades nacionais formadas pelos estudantes nesta diáspora.

O fascínio que presidiu à escolha do tema, ainda que consciente da dificuldade de sua realização que nos propusemos vencer nessa primeira investigação, continua a estar presente no nosso espírito e será, certamente, este fascínio que nos conduzirá, numa etapa futura, a reflexões mais aprofundadas sobre esta problemática da vinda dos palopianos para o Brasil, procurando ultrapassar alguma das limitações e dificuldades que ao longo do presente estudo nos apresentaram envolvendo outros narrador/as e narrativas. No nosso espírito persistem ainda algumas interrogações sobre este universo de convívios intergrupais dos cidadãos oriundos dos países africanos residentes, temporariamente ou não, nas regiões metropolitanas do Brasil.

Referências

BAECHLER, J. *Grupos e Sociabilidade*. Tratado de Sociologia. Lisboa: Edições Asa, 1995.

BAUMAN, Zigmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2001.

BERGER, Peter. *Perspectivas Sociológicas: Uma Visão Humanística*. Petrópolis: Vozes, 1996.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento*, Petrópolis, Vozes, 1991.

BECKER, S. Howard. *Método de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1993.

BERNARDO, Teresinha. *Memória em preto e branco: olhares sobre São Paulo*: EDUSCO. Editora, 1998.

BOUDON, R. *Os Métodos em Sociologia*. Lisboa: Edições Rolim, 1990.

BOURDIEU, Pierre: *Le Sens Pratique*. Paris, Minuit, 1980.

_____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CABECINHAS, Rosa e CUNHA, Luiz. *Comunicação intercultural: perspectivas, dilemas e desafios*. Porto: Campo das Letras, 2008.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. *A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia*. Novos Estudos. São Paulo, CEBRAP, 1989.

COSTA E SILVA, Alberto. *Um Rio Chamado Atlântico. A África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2003.

CASTLES, S. e Mark J. MILLER. *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*; London: Guildford, 2004.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *International Migration at the Beginning of the Twenty, First Century: Global Trends and Issues*, International Social Sciences Journal, UNESCO, 2000.

COHEN, R. *Global Diasporas: An introduction*. Seattle, University of Washington Press, 1997. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Teses/3_JMF.pdf acesso realizado em novembro de 2010.

COUTO, Mia. *Palavra oral de sabor cotidiano/palavra escrita de saber literário: Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

DESIDÉRIO, Edilma de Jesus. *Migração internacional com fins de estudo: o caso dos africanos do Programa Estudante-Convênio de Graduação em três Universidades públicas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado) em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais, Escola Nacional de Ciências Estatísticas. Rio de Janeiro, 2006.

DELOURS, J. *Educação: um tesouro a descobrir*. Ed. São

Referências

Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2001

DUBAR, Claude. *La Crise des Identités, L'interpretation d'une mutation*. Le Lien Social, Paris, PUF 2000. Disponível em http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Colec_Teses/Resumo_Tese10.pdf. Acesso realizado em 28 de janeiro de 2011.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 1990.

ELIAS, N e JOHN Scotson, *The established and the outsiders: a sociological enquiry into community problems*, London. Sage, 1990.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: Introdução ao Brasil: Um Banquete no Trópico*. São Paulo. A Nova História, 1997.

GEERTZ, Clifford. *A Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Global Education Digest 2006. *Comparing Education Statistics Across The World*. UNESCO. Institute for Statistics. Montreal, 2006. Disponível em: <http://www.uis.unesco.org/TEMPLATE/pdf/ged/2006/GED2006.pdf>. Acesso realizado em: janeiro de 2010.

GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na Vida cotidiana*. Lisboa: Relógio D'Água, 1993.

_____. *Interaccional Ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Anchor Books, 1967. Disponível em <http://www.taddei.eco.ufrj.br/AntCom/RodriguesJr.pdf>: Acesso realizado em 20 de novembro de 2011.

HALL, Stuart. *As identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP e A, 2005.

_____. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HANNERZ, Ulf. *Fluxos, fronteiras, híbridos*: palavras-chave da antropologia transnacional. Texto disponível em www.scielo.br/scielo. Acesso realizado em 29/09/2011.

JURANDIR Zamberlam, Giovanni Corso, Lauro Bocchi, Joaquim Filippin, Wladimir Kùlkamp *Estudantes Internacionais no Processo Globalizador e na Internacionalização do Ensino Superior* Porto Alegre, 2009 (2009).

MACHADO, Fernando Luís. *Contextos e percepções de racismo no cotidiano*: Sociologia, Problemas e Práticas, 2002.

MAUSS, Marcel, *Ensaio sobre a Dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2003.

MARQUES, R. *Diferentes vertentes da problemática das migrações*, Oeiras: Celta. 2003.

MENEZES, Medeiros, *Estrangeiros no Brasil*: políticas de migração em perspectiva histórica. Memória de homens e mulheres migrantes, Brasília – Itamaraty, 2000.

PARK, R. E. *A cidade*: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano: O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos/Luiz Paulo da Moita Lopes, Liliana Cabral Bastos, organizadores-Belo Horizonte:Editora, UFMG, 2010

PELLEGRINO, A. Reflexiones sobre la migración calificada. In: *Lãs migraciones internacionales en América Latina y Caribe*. Nº 65. Mayo-agosto 2002.Disponível em: <http://www.sela.org/public.htm/AA2K2/esp/cap/n65/cap65-6>. Htm>. Acesso realizado em: Janeiro de 2011.

PEREIRA, Daniel. *A nova parceria para o desenvolvimento de África*. Texto de conferência, Recife, p. 13, 15, 19 maio de 2011.

Referências

KALY, Alain Pascal. *O ser preto africano no paraíso terrestre brasileiro*: revista Lusotopia, 2001.

KHELLIL, Mohand. *Sociologie de L'Intégratio n*, Paris, PUF, 1997. Disponível em http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Colec_Teses/Resumo_Tese10.pdf. Acesso realizado em 28 de janeiro de 2011.

REIS, Luiza. “*África volta à Bahia*”: o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO/UBA) e o intercâmbio de estudantes africanos (1961-1965). In *Lugares, Pessoas e Grupos: As lógicas de pertencimento em perspectiva internacional*. (Org) Wilson Trajano. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2010.

REVISTA PANGE. Disponível em http://www.clubemundo.com.br/revistapangea/show_news.asp?n=252&ed=4: Acesso realizado em 20 de novembro de 2011.

SARAIVA José Flávio Sombra. “*Olhares Transatlânticos*”: África e Brasil no mundo contemporâneo, 1999.

SASSEN, Saskia. *As cidades na economia mundial*. São Paulo: S N, 1998.

SIMMEL, George, “*La Diffénciation Sociologie et Epietmologe*”, Paris, 1981

STALLVIERI, L. *O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior - avaliação, qualidade e pertinência da cooperação internacional*, 2007.

SPOSITO, Marília P. *A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade*. Tempo Social, São Paulo, 1993.

SUBUHANA, Carlos. *Estudar no Brasil: Imigração Temporária de Estudantes Moçambicanos no Rio de Janeiro*. 2005. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Ismael Tcham

TABOADA-LEONETTI, I. *Stratégies identitaires et minorités: le point de vue du sociologue*”. *Stratégies Identitaires*, Paris, PUF, 1990.

XAVIER, Maria. *Redescobrimo o Brasil: processos identitários de Brasileiros em Portugal*. Tese, 2007.

Anexos

Quadro I. Mobilidade dos estudantes entrevistados

Entrevistado	Situação pessoal (país de origem)	Situação pessoal Ano de chegada	Cidade residência no Brasil
Vagner Bijagó (01) UFAL	Mestrando (28 anos) Guiné-Bissau	(solteiro) Maio de 2003	Maceió Bairro de Farol Entrevista 06/01/2011
Yoane Oliveira (2) UFPE	Graduanda (25 anos) Angola	(Solteiro) 2008	Recife Bairro - Cidade Universitária Entrevista 14/02/2011
Nadia Delgado (3) UFPE	Graduando (21 anos) Cabo Verde	(Solteira) 2008	Recife Bairro – Várzea Entrevista 28/02/2011
Dionísio Casimiro (4) UFPE	Graduando (20 anos) Angola	(Solteiro) 2009	Recife Bairro - Cidade Universitária Entrevista 28/01/2011
Marcelino Caetano (4) UFPE	Mestrando (34 anos) Guiné-Bissau	(Casado) 2001	Recife Bairro – Iputinga Entrevista 06/01/2011
Nicia Tavares (5) UFAL	Graduanda (24 anos) Cabo Verde	(Solteira)	Maceió Bairro-Farol Entrevista 13/01/2011
Lissy Pinheiro (6) UFPE	Graduanda (20 anos) Cabo Verde	(Solteira) 2009	Recife Bairro – Cidade Universitária Entrevista 28/02/2011
Sônia Andrade (7) UFAL	Graduanda (34 anos) Moçambique	(Casada)	Maceió Bairro – Farol Entrevista 13/01/2011
Kevin Andrade (8) UFAL	Graduando (24 anos) Cabo Verde	(Solteiro)	Maceió Bairro – Benedito Bentes Entrevista 11/01/2011
Sabrinne Fortes (9) UFPE	Graduanda (22 anos) Cabo Verde	(Solteira)	Recife Bairro – Cidade Universitária Entrevista 28/02/2011
Ruben Lima (10) UFPE	Graduando (19 anos) Cabo Verde	(Solteiro)	Recife Bairro – Cidade Universitária Entrevista 12/03/2011
Eugénio Bambi (11) UFPE	Graduando (25 anos) Angola	(Solteiro)	Recife Bairro – Cidade Universitária Entrevista 16/03/2011
Nelson Ribeiro (12) UFPE	Graduando (21 anos) Cabo Verde	(Solteiro)	Recife Bairro – Cidade Universitária Entrevista 12/03/2011
Antônio Moreira (12) UFPE	Graduando (20 anos) Angola	(Solteiro)	Recife Bairro – Cidade Universitária Entrevista 19/03/2011
Verônica Manuel (13) UFPE	Graduanda (23 anos) Angola	(Solteira)	Recife Bairro – Iputinga Entrevista 12/06/2011

Quadro II. Mobilidade de Estudantes do PEC-G do PALOP Matriculados na UFPE/ 2011.

País	Qtde de estudante	Bacharelado	Licenciatura
Cabo Verde	Trinta e cinco (35)	Trinta e cinco (35)	-
Guiné-Bissau	Vinte e Seis (26)	Vinte e Seis (26)	Um (1)
Angola	Nove (09)	Nove (09)	-
Moçambique	-	-	-
São Tomé e Príncipe	-	-	-

Quadro III. Mobilidade dos Estudantes PEC-G do PALOP/ Matriculados na UFAL/ 2011.

País	Qtde de estudante	Bacharelado	Licenciatura
Cabo Verde	Vinte e três (23)	Vinte e três (23)	-
Guiné-Bissau	Dezenove (19)	Dezoito (18)	Dois
Angola	Cinco (5)	Cinco (5)	-
Moçambique	Um (1)	-	Dois
São Tomé e Príncipe	Dois (2)	Dois (2)	-

UFPE | PROEXT

Publicação Étnico Racial

Série comemorativa de 10 anos da lei 10.639

- 01 Ação Afirmativa: Um novo ingrediente na luta pela democratização da educação superior: O caso da UFOP
- 02 Etnia negra nos livros didáticos do ensino fundamental: transposição didática e suas implicações para o ensino das ciências
- 03 Educação Escolar e Racismo: A lei 10.639/2003 entre práticas e representações
- 04 A implementação da lei 10.639 / 2003 nas escolas municipais do Recife e o papel da gestão escolar
- 05 Professoras Negras: Identidade e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar
- 06 Educação e relações raciais em escolas públicas: O que indicam as pesquisas?
- 07 Cotidiano e violência simbólica A desconstrução do preconceito étnico racial nas escolas
- 08 Lembranças dos caminhos e descaminhos da escola na vida de mulheres negras de Buíque, PE (1980 - 1990)
- 09 Educação, identidade e história de vida de pessoas negras doutoras do Brasil
- 10 Trajetória educacional de mulheres quilombolas no quilombo das onze negras do Cabo de Santo Agostinho - PE
- 11 A etnomatemática baseada nas culturas africanas na formação continuada dos professores de matemática
- 12 Educação das relações raciais: Desafios à gestão
- 13 Compartilhando genes e identidade: orientação genética, raça e políticas de saúde para pessoas com doença e traço falciforme em Pernambuco
- 14 Viagem e Alteridade: A construção do “outro” na *Rihla* de Ibn Battuta - séc. XIV
- 15 Características matemáticas presentes em duas comunidades quilombolas
- 16 Entre as matas de Araucárias: Cultura, e história Xokleng em Santa Catarina (1850 - 1914)
- 17 Guerreiros do Ororubá O processo de organização política e elaboração simbólica do povo indígena Xukuru - PE
- 18 Trânsitos, conexões e narrativas de imigração em um contexto transnacional. Uma etnografia em Rio Bonito - PE
- 19 Os Calon do município de Sousa/PB: Dinâmicas ciganas e transformações culturais
- 20 A idade do Santo o lugar da criança no Candomblé
- 21 Xangô rezado baixo. Xambá tocando alto: A reprodução da tradição religiosa através da música
- 22 A África Fora de Casa: Sociabilidade, trânsito e conexões entre estudantes africanos no Brasil
- 23 Cadernos de História: história e cultura africana e afro-brasileira
- 24 Donos da História: estratégias de ação coletiva e formação da autoridade política entre os Tumbalalá
- 25 Bando de Teatro Olodum: Uma política social *in* cena
- 26 Compassos letrados: Profissionais negros entre instrução e ofício no Recife (1840 - 1860)
- 27 Migrações interregionais e estratégia doméstica: Nordestinos, mobilidade e a casa até os anos 1980
- 28 Percursos e desafios do uso da transversalidade de raça/etnia nas práticas sociais da organização cáritas brasileira
- 29 Coleções Etnográficas, Museus Indígenas e Processos Museológicos
- 30 Literatura e Racismo: Uma análise intercultural
- 31 A lei 10.639/2003 em foco: balanços multidisciplinares sobre uma década de vigência
- 32 A cultura em prol do Império: A retórica colonial portuguesa em Angola veiculada na revista Cadernos Coloniais (1920 - 1960)